CAMILLO CASTELLO BRANCO

OBRAS

A. DAVID ENC.

PARCERIA A. M. PEREIRA — EDITORA

NOVA C[...]A

A 50 RÉ[...]

V[...]

N.° 1 — Port-Tar[...]rin) 1 vol, de 176 pagina[...]
N.° 2 — D. Carlos[...]
N.° 3 — Madame [...] 200 paginas.
N.° 4 — Sapho, d[...]
N.° 5 — Negro e [...] pag.
N.° 6 — O senad[...]l. de 210 paginas.
N.° 7 — Jettatura[...]inas.
N.° 8 — Casa com escriptos, de Carlos Dickens, 1 vol. de 160 paginas.
N.° 9 — O canteiro de Saint-Point, de Mamartine, 1 vol. de 180 paginas.
N.° 10 — Rosa e Ninette, de A. Daudet.
N.° 11 — Primeiro amor, de Ivan Tourgueneff, 1 vol. de 160 pag.
N.° 12 — Peccado mortal, de André Theuriet, 1 vol. de 170 pag.
N.° 13 — O Judeu, de Henry Murger, 1 vol. de 160 paginas.
N.° 14 — O tanoeiro Nuremberg, de Hoffmann, 1 vol, de 170 pag.
N.° 15 — Dinheiro maldito (Polikouchka). costumes russos, pelo Conde Leon Tolstoi.
N.° 16 — Vida phantastica, por Mèry, 1 volume de 170 pag.
N.° 17 — O padre Daniel, de André Theuriet, 1 vol. de 160 pag.
N.° 18 — Um coração simples, de Gustave Flaubert, 1 vol. de 170 paginas.
N.° 19 — Yan, de Jean Rameau, 1 volume de 170 pag.
N.° 20 — O tio Scipião, de André Theuriet, 1 vol. de 196 pag.
N.° 21 — Diario de uma mulher, de Octavio Feuillet, 1 vol. de 200 paginas.
N.° 22 — O crime do juiz, de Paulo Féval, 1 vol. de 170 pag.
N.° 23 — A Inundação, de Emilio Zola, 1 vol. de 187 pag.
N.° 24 — Os Rantzau, de Erckman Chatrian, 1 vol. de 200 pag.

LISBOA
Parceria ANTONIO MARIA PEREIRA
(LIVRARIA EDITORA)
50, 52 — Rua Augusta — 52, 54

Collecção ANTONIO MARIA PEREIRA

VULGARISAÇAO DOS MELHORES LIVROS

DAS

LITTERATURAS PORTUGUEZA E ESTRANGEIRAS

Romances, Contos, Viagens, Historia, etc., etc.

Volumes in-8.º de 160 a 200 paginas, em corpo 8 ou 10, excellente edição, em optimo papel. Preço de cada volume 200 réis brochado, ou 300 réis elegantemente encadernado em percalina. Para as provincias accresce o porte do correio

Volumes publicados

N.º 1 — *Tristezas á Beira-Mar*, romance de Pinheiro Chagas, 1 vol.
N.º 2 — *Contos ao Luar*, por Julio Cezar Machado, 1 vol.
N.º 3 — *Carmen*, romance de Merimée, traducção de Mariano Level, 1 vol.
N.º 4 — *A Feira de Paris*, por Iriel, 1 vol.
N.º 5 — *O direito dos filhos*, George Ohnet, 1 vol.
N.º 6 — *John Bull e a sua ilha*, traducção de Pinheiro Chagas, 1 vol.
N.º 7 — *O juramento da duqueza*, romance historico por P. Chagas, 1 vol.
N.º 8 — *A lenda da meia-noite*, romance phantastico, por P. Chagas, 1 vol.
N.º 9 — *A joia do vice-rei*, romance historico, por Pinheiro Chagas, 1 vol.
N.º 10 — *Vinte annos de vida litteraria*, por Alberto Pimentel, 1 vol.
N.º 11 — *Honra d'artista*, romance de Octavio Feuillet, traducção de Pinheiro Chagas, 1 vol.
N.º 12 — *Os meus amores*, contos e balladas, por Trindade Coelho, 1 vol.
N.ºs 13 e 14 — *A aventura d'um polaco*, por Victor Cherbuliez, traducção de Maria Amalia Vaz de Carvalho, 2 vol.
N.º 15 — *Os contos do tio Joaquim*, por R. Paganino, 1 vol.
N.º 16 — *As batalhas da vida*, contos por Guiomar Torrezão, 1 vol.
N.º 17 — *Noites de Cintra*, romance por Alberto Pimentel, 1 vol.
N.ºs 18 e 19 — *Em segredo*, romance, trad. de Margarida de Sequeira, 2 vol.
N.ºs 20 e 21 — *A Irmã da Caridade*, por Emilio Castellar, traducção de L. Q. Chaves 2 vol
N.º 22 — *Migalhas de historia portugueza*, por Pinheiro Chagas, 1 vol.
N.º 23 — *A Cruz de Brilhantes*, por A. Campos, 1 vol.
N.º 24 — *Contos*, de Affonso Botelho, 1 vol.
N.º 25 — *Contos phantasticos*, por Theophilo Braga, 1 vol.
N.º 26 — *O mysterio da estrada de Cintra*, por Eça de Queiroz e Ramalho Ortigão, 1 vol.
N.º 27 — *O naufragio de Vicente Sodré*, rom. historico de P. Chagas 1 vol.
N.º 28 — *Vid'airada*, por Alfredo Mesquita, 1 vol.
N.º 29 — *O Bacharel Ramires*, por Candido Figueiredo, 1 vol.
N.ºs 30 e 31 — *Amor á antiga* romance de Caiel, 2 vol.
N.º 32 — *As Netas do Padre Eterno*, por Alberto Pimentel.
N.º 33 — *Contos*, de Pedro Ivo, 1 vol.
N.º 34 — *O correio de Lyão*, por Pierre Zaccone.
N.º 35 — *Vida de Lisboa*, por Alberto Pimentel.
N.º 36 — *Historias de Frades*, por Lino d'Assumpção.
N.º 37 — *Obras primas*, por Chateaubriand.
N.º 38 — *O Exilado*, romance historico, por Mauricia C. de Figueiredo.
N.º 39 — *Poema da Mocidade*, por Pinheiro Chagas.
N.º 40 e 41 — *A Vida em Lisboa*, por Julio Cesar Machado.
N.º 42 e 43 — *Espelho de Portuguezes*, por Alberto Pimentel.
N.º 44 — *A Fada d'Auteuil*, por Ponson du Terrail, traducção de Pinheiro Chagas.
N.º 45 — *A Volta do Chiado*, por Beldemonio (Eduardo de Barros Lobo).

Requisições á Parceria Antonio Maria Pereira

Rua Augusta, 50, 52, 54 — LISBOA

OBRAS

DE

CAMILLO CASTELLO BRANCO

EDIÇÃO POPULAR

I

COISAS ESPANTOSAS

VOLUMES PUBLICADOS

I — Coisas espantosas.

CAMILLO CASTELLO BRANCO

Coisas ESPANTOSAS

ROMANCE

TERCEIRA EDIÇÃO

LISBOA
Parceria Antonio Maria Pereira — Livraria-editora
Rua Augusta, 50, 52, 54
1902

I

A guerra e a peste, flagellos congenitos do homem, ou gerados pelo homem na peçonha do peccado, como dizem bons theologos e doutos moralistas, devastavam Lisboa em 1833.

Cruzavam-se ás dezenas as macas, umas internando os feridos das baterias: estes, por entre os cortinados de lona, deixavam vêr o rosto arregoado de sangue ou cortado de golpes. Outras macas levavam os mortos de contagião aos valados dos cemiterios, onde os cadaveres a monte exhalavam vaporações pestilenciaes.

O troar da artilheria e o dobre a finados, estridor medonho com que fallava o rancor humano, e plangente pedir de orações para as almas dos extinctos, casavam-se em livre toada; porém, o sentir intimo d'aquellas duas manifestações, — uma, odio de guerra, outra, piedade de suffragio — repelliam-se, eram

o antagonismo da crença e da religião, da civilisação e da barbaria, a antinomia do céo e do inferno.

Em leito de ouro e purpura, se reclinava o sol por uma formosa e saudosissima tarde de junho. A face do céo, retincta de puro anil, serena e limpida, era contraste doloroso com este canto do globo, em que os filhos da mesma mãe se espedaçavam como bestas-feras (estas que nos perdoem o confronto!) e o sangue fraterno espadanava á cara dos que vociferavam com a mesma lingua as raivosas imprecações do odio civil.

N'essa tarde de junho de 1833, em uma casa da rua da Oliveira, agonisava nas derradeiras ancias do cholera um homem que representava quarenta annos.

Ao lado do seu leito estava um menino de nove annos, e uma mulher de vinte.

No rosto da creança via-se o pavor, o spasmo, e não sei que de suprema angustia, raro manifestada em rosto de creança, que assiste ao formidavel trance de seu pae. No semblante da mulher revelava-se a impassibilidade de mera enfermeira, e, por vezes, a impaciencia de quem assiste por obrigação a prolongada agonia.

Era o menino filho do moribundo; mas a mulher não era mãe d'aquelle menino, nem sequer madrasta.

Cinco annos antes, tinha morrido a mãe de Augusto, que assim se chamava o filho de Ignacio Botelho. Era este um morgado da provincia de Traz-os-Montes, desde muito residente na capital, para onde fôra com uma senhora fugida a seus paes.

Dez annos a tivera comsigo, primeiro com fervores de amante, depois com aborrecimento do encargo e por fim com affecto de amigo. Vencera o habito

as impermanencias da edade e as repugnancias da vida domestica. Balbina, de paciente indole, resignára-se conhecendo o esfriamento do amante, que ella imaginára esposo, cedo ou tarde; embebera-se toda no amor de uma filha, que voára ao céo, antes de lhe dar o dôce nome de mãe; succedera-lhe n'este amor um segundo filho, que era Augusto. Foi sua vida, pois, dar ao filho os cuidados e carinhos de sua alma; e ao gélido pae d'esta creança os serviços d'uma boa regente de casa.

Tinha quatro annos o menino, quando Balbina, desde muito adoentada do peito, succumbiu, pedindo, em ultimos paroxismos, a Ignacio Botelho, que perfilhasse Augusto, para que seu filho não expiasse na pobresa a culpa materna.

Chorou-lhe o morgado a falta.

Não era a saudade afflicta de amante que o mortificava: era a ausencia irremediavel de uma amiga de dez annos, affeita ao seu genio, previdente nos seus mais caprichosos desejos, zeladora de interesses, que nem sequer a pobre senhora esperava que aproveitassem ao filho; era, em summa, o habito, aquelle tenacissimo vinculo, que prende o coração, já não pelo mais sensivel, mas de certo pelo mais solido e duravel dos seus fios.

Ignacio Botelho, livre de encargos e de embaraços com a morte de Balbina, não sabia o que fazer da sua liberdade.

Nenhuma outra affeição lhe disputava na alma o logar d'aquella, que lavrára fundas raizes em dez annos, embora essas raizes não desabrolhassem em flores embriagantes, das que enlouquecem o coração. Das inclinações passageiras, que haviam feito desmerecer Balbina aos olhos do amante, já não

existia nem memoria. Dedicações graves, que presumissem honesto intento de casar-se, não tivera Ignacio Botelho alguma. E' de suppôr que, a ter existido um grande amor ou grande conveniencia, a mulher, que perdêra o nome e a dignidade de senhora, tivesse sido sacrificada.

Morta Balbina, o morgado de Montezellos, com trinta e seis annos, relações na melhor sociedade e fama de abastado, poderia aspirar ao consorcio de uma herdeira, que lhe dobrasse os recursos com que a vida se estraga em delicias de poucas horas, ou associar á sua genealogia o nome de alguma filha segunda dotada com appellidos illustres da monarchia.

Não quiz, ou as eventualidades não quizeram. Permaneceu indeciso, um anno, em recolher á provincia ou viajar. N'esta irresolução, deparou-lhe o acaso uma mulher que o resolveu á sua maneira de viver antiga. Era a filha da sua engomadeira, esbelta rapariga de dezeseis annos, com os modos agradaveis das mulheres menos educadas de Lisboa. Empregou o morgado os recursos da sua muita astucia, e conseguiu, sob o honesto titulo de mestra de seu filho, com liberalissimo ordenado de Carlota, que a velha e pobre mãe lh'a cedesse. Entregou-lhe a educação de Augusto, submetteu os antigos criados ás ordens d'ella, e consentiu-lhe que se fizesse chamar *dona* Carlota.

Mezes depois, a filha da engomadeira valia tanto para Ignacio Botelho quanto valêra Balbina, a filha de proprietarios honrados, um anno depois que fugira a seus paes; com a differença, porém, de que esta chegára a enganar-se com as exterioridades affectuosas, e algumas vezes apaixonadas do amante;

ao passo que a outra fôra sempre forçada a reconhecer-se comprada, vendida, ou alugada, porque a expressão *amor*, nem sequer mentida a podéra tirar dos labios de seu senhor, nas horas de mais expansiva intimidade.

Balbina chorára muito em segredo; Carlota nem ao menos por impostor pezar soltou um suspiro na presença de Ignacio. Depois de ter vãmente chorado a sua quéda, lembrou-se de procurar o amor n'outra parte; mas achava-se em mau terreno para conquistal-o. Quiz excital-o com o ciume no coração do descuidado amo; receiava, porém, que elle, em vez de irritar-se, a conduzisse pela mão á porta da rua, com carta de alforria, e excellentes informações do seu prestimo, se lh'as pedisse.

Assim predisposta, cedeu á primeira impressão do homem que a encarou significativamente, e entabolou relações epistolares, o mais secretamente que pôde, valendo-se do criado cuja boa fé soubera enganar, depois que conseguiu expulsar todos os que não tinham a sua confiança. Este criado, que não vem como pueril incidente na historia, ha de opportunamente exercer uma providencial missão, se me consentem que um gallego possa receber do alto o ponderoso encargo de executar ordens divinas.

II

Era o amante clandestino de Carlota um d'esses centenares de homens, sem profissão conhecida, ou conhecidamente honesta, que vagamundeam nas ruas de Lisboa, umas vezes ostentando uma prosperidade mysteriosa, outras vezes mostrando nas coçadas casacas e na maceração das caras o outro bico do dilemma, em que trazem bifurcada a existencia, tão irrisoria na grandeza como na miseria.

Chamava-se Manuel de Castro, e era filho de um brigadeiro realista, que se estava batendo nas linhas de Lisboa, emquanto elle, desde os vinte annos vadio, vivia das alternativas do jogo, e desbaratava os poucos recursos de sua mãe, quando a sorte lhe era adversa.

Carlota dispunha de fartos meios, e senhoreara-se a comprazimento do morgado de algumas joias da defuncta Balbina. O que ella podia cercear da

mesada recebida para as despezas da casa, o que podia furtar das algibeiras e gavetas de Ignacio Botelho, as suas proprias soldadas, e até as joias de Balbina tudo Manuel de Castro fundira no jogo.

Grandes deviam ser os meritos com que o miseravel se impozera aos sacrificios de Carlota! Talvez a promessa de casamento, talvez a paixão absurda que não dá razão do seu modo de ser, talvez a ameaça de a denunciar a Ignacio Botelho: todas estas hypotheses serão porventura provaveis para explicar a duração d'esta vergonhosa dependencia, desde 1830 até á data d'aquella tarde de junho em que o fidalgo arrancava da vida.

Eram oito horas da tarde, quando na camara do moribundo entraram dois homens de veneravel aspecto e cabellos brancos. Eram dois amigos certos do enfermo, que vinham confortal-o e dissuadil-o da suspeita da morte que o aterrava, se bem que no começo do ataque fôra benigno o caracter do cholera. Os medicos, admirados do progresso da doença, desconfiaram da enfermeira, e communicaram, na manhã d'este dia, suas suspeitas aos amigos do doente. Estes, conhecidos de Carlota, e enganados pela boa fé de Ignacio, desvaneceram as duvidas dos medicos, attribuindo-as um pouco á ignorancia da cura, e outro pouco á malevolencia. Receiosos, porém, de que elle expirasse, sem deixar algumas instrucções concernentes ao filho, que elles conheciam desde o berço, iam resolvidos a lembrar-lhe, se não o perfilhamento por ser tarde, ao menos um testamento em que o declarasse seu filho, para que os successores do vinculo lhe não podessem tirar os alimentos, quando muito.

Um dos dois, palpando a testa ao doente, cha-

mou-o. Ignacio abriu os olhos, relanceou-os sobre o menino, e tornou a fechal-os. Quiz ainda fallar; mas os monosyllabos intercortados perdiam-se na rouquidão estertorosa que lhe tomava a garganta.

Augusto, quando os dois amigos de seu pae o acariciavam, disse-lhes que tinha na algibeira um papel, que o pae lhe dera para entregar aos seus amigos, quando elle expirasse. Disseram que não seria necessario, pois esperavam em Deus que o seu amigo vivesse; recommendaram-lhe, porém, que fosse procurar um d'elles a qualquer hora que o enfermo expirasse.

N'esta occasião, estava Carlota fóra do quarto, escutando. Os visitantes, ao sairem, encontraram-a, soluçando, com o rosto abatido sobre o regaço. Disseram-lhe palavras consoladoras, e notaram compassivamente a sincera dôr de Carlota.

A's nove horas da noite, Augusto adormecêra sobre um canapé na ante-camara do pae.

A' cabeceira do leito estava um castiçal com vela de cebo, derramando nas faces arroxeadas do agonisante um clarão sinistro.

Gregorio, o criado antigo de Botelho, resonava recostado n'uma cadeira de espaldar ao pé do canapé em que dormia Augusto; mas o seu resonar era intervalado de sobresaltos, em que o gallego relanceava os olhos em derredor, fitava o ouvido em direcção da alcôva, e recaía no torpor, para outra vez acordar estrenoitado, e espreitar a agonia do amo.

A cosinheira, por ordem da governante, fôra deitar-se.

Carlota estava na sala de visitas no primeiro andar, e junto d'ella Manuel de Castro, confortavel-

mente estendido sobre as almofadas de um sophá, fumando, e seguindo as ondulações do fumo do charuto com orientaes delicias. Carlota, sentada na cadeira proxima, dizia :

— Mas que papel será o que elle entregou ao pequeno ?

— Isso é bom e facil de saber-se, tola — respondeu Manuel de Castro, sacudindo com o dedo minimo a cinza do charuto.

— Facil!... como ?

— Se o pequeno dorme, vae-lhe á algibeira, traz o papel, e está sabido o que desejas.

— Dizes bem ; mas se elle acorda ?

— Se acorda, diz-lhe que o estavas cobrindo, ou despindo para o deitares. Ha nada mais facil ? Vae buscar o papel, Carlota, anda. Desconfio que te seja muito util saber o que elle diz.

Subiu Carlota de mansinho ao segundo andar, entrou na ante-camara, espreitou por entre as cortinas da alcôva, recuou assustada do aspecto descomposto do moribundo, e avisinhou-se do canapé em que dormia Augusto.

A este tempo, Gregorio estremeceu, e Carlota parou. O gallego viu-a e cerrou as palpebras, sem as fechar, resonando fingidamente. Carlota levou a mão subtil á algibeira do pequeno, tirou o papel, e saiu em tremuras, como se a respiração cavernosa de Ignacio fosse aos ouvidos d'ella uma phrase de condemnação. Gregorio abriu os olhos, scismou alguns segundos, descalçou-se, e, pé ante pé, seguiu Carlota, e foi ajustar a orelha á porta da sala, em que ella estava conversando com Manuel de Castro.

Corte-se, por curto espaço de tempo, a narração

seguida, como os leitores a querem, para se dar uma pagina ao bosquejo moral d'este criado, digno d'ella, e de mais apurado pincel. Eu pinto, pela primeira vez na minha vida, gallegos credores da immortalidade.

Gregorio acceitára a proposta de levar e trazer cartas, porque a ama lhe dissera primeiramente, que Manuel de Castro era o namorado de sua irmã, que estava fóra da terra, e ella a confidente d'estes amores. Com quanto parecessem innocentes taes relações, Gregorio resolvera dizel-as ao patrão quando Carlota foi avisada do intento pela cosinheira, que privava na honesta intimidade de Gregorio. Chamou-o, e disse-lhe que tencionava dar-lhe meios para poder estabelecer uma taverna, e casar-se com Joanna, a cosinheira, com a clausula de que elle não diria ao patrão que levava e trazia cartas.

Tinha Gregorio bom pedaço de amor a Joanna; e o amor, como sabem, tem amolado não direi cabeças tão rijas como a de Gregorio, mas de certo consciencias mais robustas e meticulosas. Se a historia é verdadeira, Scipião, o africano, é o singular heroe que saiu vencedor dos sortilegios do amor, sacrificando o coração ao puritanismo da honra. Bem podera Gregorio entrar na historia logo depois de Scipião, se, em menosprezo de Joanna e da auspiciosa taverna, delata ao patrão as *chirinolas*, como elle dizia, em que andava envolvido. Para estes e outros holocaustos do bello e fementido deus, é que Camões escreveu o verso:

Tu só, tu, puro amor, que a tanto obrigas.

Houve, porém, um momento em que Gregorio esteve a ser heroe por um triz; e, se o é então, ainda vinha a tempo de ensaboar-se da nodoa, que, apesar do que logo se conta, ha de marear-lhe a fama perante a posteridade.

Foi o caso, que, entrando elle uma noite, por volta das dez, com o barril de agua, topára com dois vultos no pateo; e desconfiando que o vulto mais corpulento fosse um official de barbeiro, que aproava o nariz a Joanna, desceu o barril do hombro, e, sem palavra unica de programma, disparou incontinente um chuveiro de murros, e tamanhos que, ao segundo, Manuel de Castro perneava indecorosamente no pateo, emquanto Carlota applacava as brutas iras do gallego, dizendo o nome da victima esmurrada.

A este tempo, Manuel de Castro, cobrando alento, e a consciencia da sua ignominia, ergueu-se, brandiu um punhal duas vezes sobre o costado de Gregorio, e sevou as furias homicidas em quatro arrateis de chouriço de sangue, que o gallego trazia no sacco. O assassino, convencido de que matára Gregorio, fugiu, não tendo já animo de arrancar o ferro do terceiro furo.

Carlota, defendendo o criado com o corpo, supplicava ainda ao amante, que lhe perdoasse; e ao mesmo tempo o gallego pedia desculpa do seu engano, sem se queixar dos golpes recebidos; e, tomando o barril ao hombro, foi para a cosinha.

Joanna, vendo o cabo do punhal pendurado do sacco, puxou-o com susto, no momento em que a anciada Carlota entrava para estancar o sangue de Gregorio, que ella julgava mortalmente ferido. O

gallego, como visse a lamina do punhal engordurada, carregou o sobrôlho, e disse á ama:

— O maldito estripou-me os chouriços! Valha-te o diabo.

Riu-se muito Carlota; e Joanna, sabedora do caso, cuidou de rebentar.

Desconfiou Gregorio das gargalhadas, e entendeu que os dois murros puxados d'alma não eram cabal desforço. Disse que se iria embora no dia seguinte, visto que o sujeito, a quem elle levava as cartas, entrava de noite em casa do seu patrão. D'esta vez ainda a dignidade humana foi esmagada pelo amor na pessoa de Gregorio de Redondella.

Nunca Joanna foi tão garrida, casquilha, e requebrada como n'essa noite. Carinhos, que ella não inventou, nunca os lograram Paulo nem Romeu. A taverna suspirada desenhou-a ella com as mais cubiçaveis côres. As delicias matrimoniaes, os encantos da prole, a velhice socegada com abundancia, tudo Joanna traçou na tela de um futuro proximo, com tanta graça e ternura, que o embellesado Gregorio, cançado de felicidade, adormeceu com a cabeça encostada á carvoeira.

No dia seguinte, estavam desvanecidos os receios de Carlota; e Manuel de Castro recebia, pelo mesmo Gregorio, a consoladora certeza de que o seu punhal tinha perdido a virgindade n'uns inoffensivos chouriços de sangue.

Nova catastrophe, porém, na vida amorosa de Gregorio, poz em novo e gravissimo perigo Carlota.

Joanna, muito apaixonada e rendida do barbeiro, que motivara os murros por hypothese no amante de sua ama, decidiu casar-se. Grandes esforços fi-

zera Carlota para espaçar o casamento; mas Joanna replicava que a sua virtude estava compromettida, e não podia por mais tempo esconder o testemunho authentico d'uma falta, ou nodoa, das que, dizia ella, caíam em bom panno.

Felizmente para o barbeiro, Gregorio não sabia nada d'estas nodoas. O que elle soube, quando menos o esperava, foi que a cosinheira se despedira para casar com um rapaz da sua egualha, official de officio.

Acudiu Carlota com boas razões á quasi demencia de Gregorio, contando os precedentes deshonestos de Joanna, e encarecendo os merecimentos d'elle, com fazer-lhe ver quanto era indigna d'elle similhante mulher. Duvidando, ainda assim, da efficacia d'estes argumentos, Carlota deu a Gregorio recursos com que elle, emparceirado com seu primo Thiago, podessem abrir taverna na rua da Condessa.

Esta terceira quéda de Gregorio é menos desculpavel que as outras: attendendo, porém, a que o coração humano, despojado das galas do amor, se veste de preto, repelle o doce alimento das sensações generosas, e ama nutrir-se de vicios e indignidades, tem desculpa o coração de Gregorio como o de tantos Manfredos, que o leitor festeja e imita, porque não nasceram em S. Thiago de Compostella.

Sempre injustos e inconsequentes, olhamos com certa seriedade e acatamento para o homem bem nascido e educado, que soffreu revezes na lucta do coração com a sociedade, ou tragou o fel da perfidia, e protestou depois vingar-se da especie humana, seja immolando no altar da sua vindicta innocentes virgens de quem se faz adorar, seja affrontando perigos da guerra, e barateando a vida contra a morte

que lh'a respeita, e devolve cheia de invejaveis triumphos.

Isto comprehendemos e admiramos.

Que Gregorio, porém, desilludido, sceptico, mysantropo, arado de fogo infernal na alma, estanque de lagrimas, esteril de aspirações ao ideal em que devaneava, outr'ora, sentado no barril; que Gregorio, emfim, descrido de chimeras, golpeado o coração de affrontosas dores, se aturda no trafego delicioso d'uma taverna, seu segundo, e já agora unico, sonho de ouro realisavel; d'isso, que tão triste é, rimos nós, Balzacs pifios, que não sabemos trabalhar com o scalpello observador no coração do nosso irmão da Galliza, mais nosso irmão por sangue, que nenhum outro d'esses que andamos sempre a pintar nos nossos romances, remendados como capa de pedinte.

Pois é verdade. Gregorio Redondella abriu taverna de sociedade com seu primo Thiago; mas logo de principio lhe correu mal o negocio. Disse-lhe um dia o primo que elle Gregorio andava em peccado mofento. O gallego recolheu-se á sua consciencia, viu-a suja, e protestou fazer-lhe barrella. Foi confessar-se a um frade carmelita, de notavel severidade, e descarregou o peccado que mais lhe pezava nos lombos da alma: era inquestionavelmente o de alcayote entre Carlota e Manuel de Castro. Impoz-lhe o frade a pena de tudo relatar ao seu patrão, posto que, no intender do casuista, Ignacio Botelho estava no inferno, emquanto não expulsasse a manceba de que o demonio se servira para perdel-o. Acrescentou o frade que esta denuncia seria meio de arrependimento para o concubinario, visto que elle, a ter vergonha e honra, devia despedir immediatamente a comborça.

Ergue-se Gregorio dos pés do confessor no firme proposito de tudo descobrir ao amo; quando, porém, o buscava encontrou-o na cama, anciado com os vomitos do contagio, e achou mal azada occasião para o aviso. Resolvido, assim mesmo, a desopprimir sua consciencia de qualquer modo, e, ao mesmo tempo, suspeitoso de que á morte do amo se seguisse o roubo no precioso da casa, aconselhado por Castro e executado por Carlota, o gallego estava de sobreaviso para chamar os amigos do seu amo, logo que Ignacio expirasse. Eis a razão por que o vimos, primeiro, sentado ao pé de Augusto, e depois o vimos na piugada de Carlota, quando descia ao primeiro andar com o papel tirado da algibeira do menino.

III

Carlota e Manuel de Castro fallavam de modo que Gregorio ouvira o essencial do seguinte dialogo:

— O homem estava doido! — dizia Manuel de Castro — nem elle tem tamanha somma de dinheiro, nem, se a tivesse, precisava de declarar aos amigos a especie em que a tem...

— Quem sabe! — atalhou Carlota — Ora lê outra vez o papel.

Castro leu:

Em peças de 7$500 réis, n'um pequeno cofre de pau preto, tenho trezentas. Este mesmo cofre está forrado de notas no valor de um conto de réis. Dois saccos de prata em cruzados novos, contendo cada sacco cem moedas. Cincoenta dobrões de 24$000 rs. n'um canudo de cobre com as minhas armas na tampa. Esta ultima quantia quero que seja entregue á successora no vinculo, minha irmã D. Leonor

Botelho. Na minha carteira grande de marroquim escarlate está um titulo do governo para liquidar com o valor nominal de quatro contos de réis. Na mão do meu amigo conde de S. Thomé do Castello estão dez mil cruzados. N'essa mesma carteira está o meu testamento.

— É muito dinheiro, não é, Manuel? disse Carlota com alegria.

— Eu te digo, menina... isto deve sommar para mais de cinco contos, não fallando nos quatro da divida do governo, e nos dez mil cruzados depositados em a mão do conde; estas duas quantias não ha remedio senão perdel-as.

— Mas cinco contos é bastante para nós, não achas?

— Somos ricos, minha amiguinha! Em menos de um anno, havemos de ter quinze.

— Como estás a mangar!

— Eu cá sei. Verás que boladas eu tiro do jogo, tendo as algibeiras bem forradas contra a sorte...

— Pois tu queres jogar!? Então, d'aqui a pouco, estamos miseraveis. Não achas que era mais acertado abrir eu uma loja de capella, e tu viveres descançado com os rendimentos do negocio?

— Loja de capella! — replicou Manuel de Castro com severidade e assombro — Pois consentiria eu que fosse logista a mulher destinada para minha esposa! Renuncía tão vil idéa, Carlota; faz-me esse favor. Eu sou filho d'um official general, e neto de outro. Tempo virá em que eu possa escolher um dos melhores cargos publicos do meu paiz, e queira apresentar na sociedade minha mulher. Não tarda que o poder do sr. D. Miguel seja restaurado, e

d'aqui até lá preciso fazer-te senhora, isto é, civilisar-te, collocando-te ao pé de minha mãe, que é uma senhora de côrte, educada no Ramalhão, em companhia da senhora D. Carlota Joaquina, de quem minha mãe foi particular amiga.

— Pois sim, o que tu quizeres — tornou Carlota — mas eu sei cá se tu me queres para tua mulher!

— Essa duvida é offensiva á minha honra. Que te tenho eu dito ha tres annos, Carlota? De que modo poderia eu recompensar-te os sacrificios, e os sagrados emprestimos que me tens feito?

— Calla-te, Manuel. Eu fiz o que devia e que podia, á custa de tudo, meu querido... Mas, olha, como ha de ser isto?

— O que?

— Tirar o dinheiro.

— Pois ainda o perguntas? Está decidido... Este papel já não sae da minha algibeira.

— Mas o pequeno disse aos homens que o pae lh'o entregára.

— Isso que tem? O que o pequeno disse é coisa que não monta nada. Logo que o homem morra, tira-se da secretária o dinheiro em ouro e papel, e deixam-se os saccos de prata para não desconfiar... Agora me occorreu uma feliz idéa! — exclamou Manuel de Castro, indicando na testa o logar da idéa.

— O que é?

— Parece-me que posso imitar esta lettra. Vae buscar lapis e papel, que eu aponto apenas o dinheiro em prata, o titulo do governo, e os dez mil cruzados que tem o conde de S. Thomé do Castello.

— Boa idéa! mas imitarás tu bem a lettra?... vê lá no que te mettes...

— Imito... Vae depressa, que não ha tempo a perder.

Carlota correu á escada, e, abrindo a porta, ainda viu Gregorio que subia rapidamente os degraus a quatro e quatro.

— D'onde vens tu? — disse-lhe ella assustada.

— Ia chamal-a, senhora, porque o patrão acho que está a passar... — disse Gregorio com mal fingida naturalidade.

Desconfiou Carlota, e mais ainda quando viu que era a mesma a respiração estertorosa de Ignacio Botelho. Augusto dormia ainda. Gregorio, inquieto e vigilante, seguia os menores movimentos de Carlota. Isto mais a fez suspeitar de que tinha sido escutada. Accendeu uma vela, e buscou na papeleira papel e lapis. Achou o papel, mas o lapis estava á cabeceira do agonisante. Ainda foi á porta da alcova, para entrar; mas retrocedeu tremendo. Fez novo esforço desviando a vista do aspecto desfigurado do amo, e venceu o pavor. Gregorio presenciava tudo. Quando ella acceleradamente atravessava a saleta, o criado, cruzando os braços, disse-lhe com visivel amargura:

— A minha ama que quer fazer?

— Porque me fazes tu essa pergunta, Gregorio?

— A minha ama quer roubar o filho do nosso patrão? Isso é tentação do demonio, senhora D. Carlota!

— Roubar, eu! estás doido ou bebado? Pois tu julgas-me capaz de roubar teu amo!

— Eu ouvi tudo o que lá disseram na sala, senhora D. Carlota. O trampolineiro, que lá está em

baixo, hade ir dar com os ossos n'uma enxovia, ou eu não hei de chamar-me Gregorio. D'aqui vou de um pulo a casa dos amigos do meu patrão, e conto-lhe tudo, se a senhora não põe o tratante fóra de casa, e se não mette na algibeira do menino o papel, que tirou de lá.

Carlota enfiou sem poder articular defeza, ou palavra de vituperio ao inexoravel criado.

— Se a senhora deixa — continuou Gregorio — eu vou lá abaixo, e ponho o tal malandro na rua, pelas orelhas. Mande-o ao diabo, que é a sua perdição, aquelle patife! Então que diz? quer que eu vá sacudil-o lá debaixo?

— Não, accudiu Carlota, tirando energia de um pensamento, que lhe occorreu — Eu vou lá dizer-lhe que mudei de tenção, mas tu não digas a ninguem que o demonio me tentou, não? Devo-te a ti não ceder á tentação infernal!...

— Palavra de honra, que não digo palavra, minha ama. Ponha-o fóra, e traga o papel, que o menino tinha na algibeira... Eu bem sei o que elle reza.

Carlota desceu attribulada, e fallou quasi ao ouvido de Manuel de Castro:

—Estamos perdidos... Nada se póde fazer... O gallego ouviu o que a gente disse; e, se tu não saíres d'aqui já já, elle vae contar tudo aos amigos de Ignacio; e quer que eu leve já para cima o papel que trouxe... Vês tu que malvado gallego aquelle!... Isto agora não lhe vejo remedio...

Manuel de Castro desanimou tambem, e chegou a erguer-se para sair com as perdidas esperanças dos cinco contos, cujas parcellas elle estivera a sommar.

—Pois não ha remedio nenhum?! exclamou ella com anciedade.

—Não o vejo. Não te disse eu, ha dias, que mandasses embora este gallego?

—Temi fazer outro criado sabedor da nossa vida — disse ella soluçando e vertendo sinceras lagrimas. — E agora tu vaes deixar-me porque eu fico pobre?

—Não deixo; mas melhor seria deixar-te, Carlota...

—Abandonar-me!... porque?

—Diz-me tu que vida ha de ser a nossa! Como hei de eu sustentar-te, se ajudado pelos teus emprestimos mal tinha podido satisfazer as minhas precisões?

—Eu trabalharei para sustentar-te, Manuel; interrompeu ella lançando-lhe os braços ao pescoço. — Tu has de arranjar uma occupação, e não me dês nada que para mim eu arranjarei. Torno para o officio de engomadeira... E olha, quem sabe se este homem me deixa alguma coisa no seu testamento?

—Ora! que te ha de elle deixar! alguma duzia de moedas para comprares um capote! Ainda és de bom tempo!

—E abandonas-me, Manuel! — tornou ella, ajoelhando-lhe aos pés.

—Este infame gallego! — murmurou Castro — Se fosse possivel compral-o... Promette-lhe cem moedas...

—Não posso... não sei como hei de fallar-lhe... Se tu quizesses dizer-lh'o...

—Digo — atalhou resolutamente Manuel de Castro — manda-o cá fallar comigo.

—Mas acautella-te, Manuel... Olha que elle é mau.

— Não tem duvida... — disse Castro apertando a mão no cabo do punhal, que outr'ora escorchára os chouriços de sangue.

Subiu Carlota onde estava Gregorio, a interrogal-o com os olhos.

— O sr. Castro quer fallar-te, Gregorio — disse ella com muita brandura.

— Não tenho pendencias com esse homem. O papelucho vem ou não vem?

— Ha de vir; mas vae tu primeiro fallar com o senhor Castro.

— Já disse que não vou. É decidir; quando não, d'aqui a casa do juiz de fóra é como um raio. Esta pouca vergonha ha de saber-se...

Tão alto fallava Gregorio, que Manuel de Castro subiu ao segundo andar, e foi encostar-se ao batente da porta mal fechada.

— Se não vae buscar o papel — insistiu o gallego — eu acordo o menino, e digo-lhe que a senhora lh'o tirou, e levo-o comigo ao juiz.

— Calla-te, malvado! — bradou ella subitamente enfurecida — que, se eu fosse um homem, tirava-te a vida!

— Pois vá chamar o seu amante, que eu cá estou á espera — redarguiu o destemido Gregorio, bambeando a cabeça.

Quando Carlota abriu a porta para sair, Gregorio seguiu-a com o intento de ir participar o plano do roubo aos amigos de Ignacio; mas, apenas transpozera o limiar da porta, sentiu roçar-lhe a cara um ferro: era o punhal de Manuel de Castro. Estendeu os braços musculosos para arcar com o vulto, que se agitava diante d'elle, e recebeu segunda punhalada no peito. Vacillou ao faltar-lhe a vista, e caiu

desamparado nas escadas, soltando apenas um rugido, com um espirro de sangue, que borrifou a face de Carlota.

— Que fizeste? exclamou ella, caíndo convulsa n'um degrau.

— Ajuda-me a lançal-o á rua — disse Manuel de Castro passado de medo.— Não me faças exclamações, senão deixo tudo, e vou-me embora Levanta-o pelas pernas para não fazer estrondo.

Castro levantou um pouco a cabeça de Gregorio, que elle com rasões de boa apparencia, reputava cadaver. Collocado em posição inferior á de Carlota, foi-o descendo de degrau em degrau, em quanto ella, erguendo-lhe as pernas pelas calças, evitava que os sapatos ferrados batessem na escada. Chegados ao pateo, Castro escutou a respiração de Gregorio, e pareceu-lhe que ouvira algum signal de vida; escutou de novo, e convenceu-se da sua illusão. Depois abriu subtilmente a porta: era completa a solidão e escuridade na rua da Oliveira. Tomou o supposto cadaver nos braços, encostou-o ao peito pelas costas, arrastou-o a distancia de dez passos, postou-o na testeira d'uma taverna, e recolheu-se.

Só duas testemunhas viram isto: Deus e a consciencia d'elle.

Se o leitor me perguntar de quem pude eu saber o facto, se de inspiração divina, se da consciencia d'elle, mais tarde verão que a gente pode saber muitas coisas sem conversar com o espirito sancto, nem com a consciencia dos criminosos, nem com a policia, que sabe muito menos que os romancistas.

IV

Fugira para o segundo andar Carlota, logo que Manuel de Castro saira. Fazia-lhe terror a escuridão do pateo e das escadas. Entrando no seu quarto, passou diante d'um espelho, lançou-lhe os olhos, e viu-se salpicada de sangue. Lavou-se, e presumiu que as escadas deviam de estar ensanguentadas. Fitou o ouvido para ouvir os passos de Castro, que vinha subindo, e ouviu tambem os ultimos arrancos de Ignacio Botelho. Manuel de Castro chamou, e ella, hesitando sair do quarto atemorisada, disse-lhe que entrasse.

— E' preciso limpar as escadas—disse elle—traz agua e uma esponja. Em quanto lavas as nodoas de sangue...

— Eu!... balbuciou ella.

— Sim, tu: é preciso coragem! Que temes tu agora?—dizia elle simulando valor.—O que deves temer é alguma imprudencia que nos accuse. Vae,

vae lavar as escadas, em quanto eu vou escrever o papel que has de metter na algibeira do pequeno.

Lavados os degraus. Carlota recebeu o papel que imperceptivelmente introduziu no bolço do menino. Feito isto, parou a rouca respiração do agonisante. Rangeu o leito denunciando a ultima convulsão da vida. Ignacio Botelho expirava, solitario, abandonado, sem amor, sem familia, sem lagrimas, sem mão amiga que lhe enxugasse da fronte o derradeiro suor. A' sua cabeceira estava a vela quasi extincta da luz que vascolejava uns clarões azulados.

— Está morto — disse Manuel de Castro, mal podendo dominar o terror, que lhe incutiu o repentino silencio.

Carlota não respondeu, e caiu sobre uma cadeira, como se a mão de ferro do remorso lhe batesse no peito.

— Chama o pequeno, diz-lhe que morreu o pae — proseguiu Castro com infernal energia. — E' preciso que elle vá entregar o papel aos homens

— A esta hora?! quem ha de acompanhal-o? ámanhã irá...

E erguendo-se de golpe com desvairada gesticulação, exclamou:

— Oh meu Deus! o que eu estou soffrendo é maior castigo que o meu crime! Dae-me a morte e o inferno, que ha de ser um tormento menor!

Era Manuel de Castro um infame fraco. Ha uns infames fortes que vão onde querem ir com intrepido animo. O terror de Carlota augmentava o d'elle. Flagellou-o o remorso, que não queria ceder á resistencia que lhe punha a victima, pensando na posse de alguns contos de réis, sem que o mundo podesse criminal-o.

Um coração piedoso não poderia vêr estes dois miseraveis, um em face do outro, sem lastimal os. Não nos peçam outra prova da Providencia. Se aquella angustia durasse duas horas, os supplicios de uma outra vida seriam demasia de justiça divina. Para acreditarmos que as eternas penas são mais que mytho, carecemos de crer que algum d'esses dois criminosos gozaram n'este mundo dias de paz e contentamento.

Augusto accordou, e Manuel de Castro retirou-se da ante-camara para o primeiro andar.

Carlota aproximou-se do menino, e disse-lhe:

— Morreu o paesinho.

E chorava, sem fingimento, porque era atrozmente veridica a sua tribulação.

Augusto correu ao leito, pediu luz, encostou a face ao braço ainda tepido do cadaver, e rompeu em alto chôro. Carlota não podia ir tiral-o de lá: receiava desfallecer, quando visse a imagem do seu remorso no rosto do defuncto.

Chamava Augusto o pae com grandes brados, beijando-lhe a mão orvalhada de suor frio, e forcejando por chegar-lhe os labios ao rosto, que oscillava sacudido pelos empuchões que o menino dava ao braço morto. Os olhos meio-cerrados pareciam entrever com o derradeiro raio de luz as lagrimas do orphão. O filho de Balbina, exhaurido de pranto e de força, encostou-se á beira dos colxões, apoiou a face sobre o lençol humido da transpiração da agonia, e ahi permaneceu n'um d'aquelles lethargos de que despertam dementes os adultos, quando o despertar não é em uma outra vida de gloria para os martyres d'esta.

No entanto, Manuel de Castro, vil de mais para

sustentar a cynica serenidade dos grandes scelerados, avocava todos os deleites que podia proporcionar-lhe o punhado de ouro roubado a um orphão.

Confrontava o seu actual viver — trama de expedientes arriscados e infames — á prosperidade, que se lhe antolhava, senão absolutamente encerrada no roubo, pelo menos derivada d'esse dinheiro cem vezes multiplicado na industria do jogo, em que elle se julgava um genio, manietado pela pequenez dos recursos.

A onerosa obrigação de associar Carlota aos seus destinos, era coisa estranha aos calculos d'elle. Era isso um fardo tão facil de sacudir dos hombros, que não valia a pena estudar pretextos. A crueza do abandono, e os successos consecutivos do desamparo eram previsões impossiveis áquelles olhos toldados de sangue.

Assim mesmo, Manuel de Castro ouvia uns gritos da consciencia, e não sabia como havia de responder á voz que o appellidava ladrão e homicida. Chegou a desejar a luz do dia para se furtar ás incommodas imagens, que lhe avultavam nas trevas da sala. Abriu a janella para respirar, e viu o clarão da lua, que descia por entre as duas margens de casas, a alumiar o vulto de Gregorio. Castro recuou, como se o empurrassem de fóra, e levou as mãos phreneticas á cabeça. Minutos depois, soaram passadas na rua, e o amante de Carlota escutou. Era uma patrulha, que parou á beira do corpo de Gregorio, e o sacudia a ponta-pés, cuidando que era philantropico o ponta-pé que poupa um bebado a receber no duro as doentias orvalhadas da aurora. Depois, vieram outros soldados, chamados por um da patrulha, e o cadaver foi levantado e transferido d'ali.

Rompia a manhã, quando Carlota desceu á sala em que Manuel de Castro a esperava com impaciencia.

— Que estiveste fazendo? — perguntou elle com azedume.

— Estive a chorar... Não sei como hei de consolar aquella creança, que me está a matar com os seus gritos ao pé da cama do pae.

— Para que me metteste n'isto, se havias de te arrepender? — replicou Manuel de Castro com assomos de raiva.

— Eu não te disse que matasses o criado...

— Vens então dizer-me que matei o gallego contra tua vontade, não é assim? Pois saberás que por tua causa o matei. Foi para realisar a tua felicidade que eu me fiz assassino. Foi para salvar-te de morreres desamparada n'uma cadeia, que eu tingi as minhas mãos de sangue, Carlota. Entendes isto?

— Perdoa-me! — clamou ella — desculpa o meu remorso, que eu sou fraca, e receio que Deus mude em inferno a felicidade que esperas, e eu não posso já esperar.

— Pois bem, — disse Castro com verdadeira expressão do seu aterrado espirito. — Estamos em tempo de remediar uma parte do teu crime e do meu. Serei homicida, porque não posso deixar de o ser. Vae tu trocar o papel, que está na algibeira do pequeno, e deixa-me para sempre, que eu não posso nem quero consolar-me de ter matado um homem, com a posse do teu amor. Deixa-me para sempre, Carlota, que eu regeito esse dinheiro, que te está flagellando a consciencia. Lembra-te, porém, que eu era um homem sem infamias nem remorsos, antes de te conhecer.

— Manuel! — bradou Carlota abraçando-o com vehemente impulso d'aquelle fatal amor — Não me deixes, que me matas, e a consciencia não se socega com a morte. Liga-me ao teu destino; acceito-o, seja elle qual fôr. Quando não poderes com a vida, mata-me, que eu perdôo-te. Eu já sei que de hoje em diante sou entre as mulheres perdidas a mais desgraçada de todas; não importa, serei tudo, mas ampara-me tu emquanto poderes. Preciso de ti para me defenderes d'este remorso... Olha, se nós levassemos o pequeno para a nossa companhia, a minha consciencia ficava mais socegada... Haviamos de estimal-o como se fosse nosso filho, sim, Manuel?

— O que tu quizeres; mas se levares o pequeno para a tua companhia, hão de perguntar-te d'onde tiras os meios para o sustentares.

— Digo que são teus.

— E se me perguntarem quem m'os dá?

— Pois não receias que t'o perguntem, ainda que o menino não esteja comnosco?

— E' que eu tenciono sair comtigo para Hespanha, e voltaremos, passado algum tempo.

Continuou o dialogo por espaço de meia hora, rematando por se unirem contra os phantasmas, e declarando-se Manuel de Castro sufficiente philosopho para asseverar a Carlota que os remorsos eram inquietação de animos fracos, passageira como todas as inquietações fundadas n'um prejuiso.

Era dia claro. Carlota mandou Augusto, com um individuo da visinhança, procurar os dois amigos de Ignacio Botelho.

V

Logo que o menino saiu, Manuel de Castro abriu os armarios da papeleira, e encontrou todas as quantias indicadas no apontamento. Senhoreou-se de tudo, excepto dos dois saccos de prata. Abriu a carteira de marroquim, tirou o testamento, e deixou o titulo de emprestimo ao governo.

— E' preciso guardar este dinheiro no teu bahu — disse elle.

— No meu bahu?! — accudiu Carlota — e se fazem uma busca? Quem me diz a mim que o testamento declara o dinheiro que estava na papeleira?!

— E' provavel que declare; mas eu vejo o que elle diz.

Castro rasgou os sêllos do testamento, correu-o com os olhos, e leu em voz alta as seguintes linhas:

Deixo á minha criada Carlota dos Reis a quantia de dez mil cruzados que ficam na mão do sr. conde de S. Thomé do Castello; a qual quantia lhe

deixo pela boa companhia que me fez no espaço de seis annos, que foi minha creada, e porque além d'isso lhe devo reparar d'algum modo os damnos que causei á sua honestidade; com a condição, porém, de que, se os meus dois amigos, já nomeados meus testamenteiros, entenderem ser vantajoso á educação de meu filho o conservar-se elle na companhia da dita Carlota dos Reis, com alimentos arbitrados pelo conselho de familia, ella continuará a ser, como sempre foi, e espero que seja, uma segunda mãe de meu filho Augusto.

Era este o maximo castigo que a justiça do céo podia comminar á desgraçada!

A liberalidade do testador, e a confiança que elle depositava na segunda mãe de seu filho foram dois cruelissimos espinhos, que entraram na consciencia, onde já o remorso a estava mordendo. Carlota debulhou-se em lagrimas, e desvairou em ancias de desespero. Por momentos, a ideia de matar-se lhe serviu de allivio; mas o muito que pensava fêl-a crer em Deus, e logo o temor do inferno, condemnação infallivel dos suicidas, lhe foi maior tormento que o proprio crime.

— Vou confessar tudo! — bradou ella com subita vehemencia — Vou dizer o meu crime aos amigos do sr. Ignacio. Quero morrer penitente e contricta. Não quero nada do roubo nem da herança. Hei de pedir que me deixem ser a mãe de Augusto nos poucos dias que me restam da vida! Morro d'esta afflicção, sem remedio! Morro, se a graça e a misericordia de Deus me não acode!

Manuel de Castro, com severo semblante, interrompeu-a:

— Queres dizer que vaes denunciar-me como as-

sassino e ladrão? É assim que me consolas da deshonra a que me fizeste descer? Valeu bem a pena ser malvado para te agradar, Carlota! Pensas que eu fujo á infamia que a tua confissão me traz? estás enganada. Espero-a aqui de braços cruzados, para que tu vejas até ao fim a tua obra, mulher, que me atiraste a um abysmo, e me apontas ao mundo com o sangue do teu creado no rosto, do teu creado a quem tu disseste que arrancarias a vida, se fosses um homem! Serei eu quem primeiro diga: — o assassino e o ladrão, cumplice d'esta mulher, sou eu. Esta mulher, que aqui está arrependida do crime de que se não lava, resolveu arrepender-se depois que viu n'este testamento que era senhora d'uma quantia que a dispensaria de ser ladra, se o testador lhe dissesse em vida que a deixava rica. Pensas que, depois da confissão, receberás a herança de Ignacio Botelho, a quem te venderam? Illudes-te. Nem na cadeia consentirão que comas os juros d'essa quantia. D'aqui a pouco entrarão n'esta casa os amigos do teu generoso amante. Sem que falles, fallarei eu. Ha pouco faltava-me a coragem para me ver assassino e ladrão; agora sobra-me animo para me denunciar a todo o mundo... Veremos como te portas na presença d'este horrivel espectaculo, Carlota! Hei de ver com que coração arrastas a infamia d'este novo delicto de que eu vou ser victima, depois de ter sido algoz, submisso escravo dos teus caprichos. Se te julgas infame agora, que pensarás de ti logo? Se não pódes calar o remorso com a certeza do amor e felicidade que eu te queria dar, como poderás suffocal-o, tendo atirado á ignominia um homem perdido por te amar tanto?!

—Oh pae do ceu!—bradou a infeliz, que o demonio arrancava ás mãos do anjo da contricção—Valei-me, Senhor, valei-me n'esta agonia!

—Ainda é tempo—acudiu Castro, temeroso da chegada dos amigos do morto—Carlota, tu amas-me? amas a ti propria? queres que nos salvemos? Esconde este dinheiro, e eu te assevero que de hoje a quinze dias todos os teus instantes serão de ventura e paz de consciencia. Não tardam ahi os homens. Este testamento rasga-se. Os dez mil cruzados que eram para ti são para Augusto, porque eu assim o declarei no papel, que elle levou; e, quando tal declaração fosse invalida, o pequeno está perfilhado. O que tu tiras é pouco mais ou menos o que deixas. Por este lado não ha de que tenhas remorsos. Eu é que tenho motivos de mais para soffrel-os; mas espero destruil-os com o teu amor. Que dizes, Carlota? Se consentes em guardar esse dinheiro, eu vou sair, que é mais que tempo.

—Leva-o tu—murmurou ella com profundo desalento—Leva-o, que eu irei ter comtigo onde tu me mandares ir.

—Levarei, e logo que te derem livre para escolher o destino que quizeres, procura-me em minha casa.

—Sim, sim, vae que é tarde—tornou ella quasi em voz desapercebida.

Saiu Manuel de Castro com as algibeiras repletas. No momento em que saía do pateo, passava defronte da porta uma maca conduzindo o corpo de Gregorio. Seguia-o um bando de homens, entre os quaes havia alguns que apontavam a casa d'onde elle fôra criado.

Manuel de Castro foi detido por um official de

diligencias que lhe perguntou se elle era d'aquella casa. Respondeu Castro que era o medico do dono d'ella, que acabava de expirar do cholera.

Deixaram-no seguir no seu caminho, e a auctoridade chamada a lavrar o auto, entrou na casa do defuncto Ignacio Botelho. Depois de bater repetidas vezes á porta do primeiro e segundo andar, dispunha-se a fazer arrombar as portas, quando Augusto subia com um dos amigos de seu pae. Contou a auctoridade que ninguem lhe respondia, e, d'accordo com o amigo de Ignacio Botelho, foi arrombada a porta. Na ante-camara não viram alguem. Foram ao quarto do defuncto, e viram uma mulher desmaiada aos pés do leito.

— E' a pobre Carlota!... disse o amigo de Ignacio.

—Filha do defuncto?—perguntou o juiz.

—Filha não... era uma verdadeira amiga.

—Intendo—tornou o juiz—poucas esposas sentem tanto... Queria eu que alguem da casa me informasse ácerca d'um gallego que mandei agora quasi morto para o hospital. Poderá ella informar-me?

—Certo que não. Imagine que noite ella passaria ao lado do agonisante!

Carlota abriu os olhos e tremeu uma convulsão de alguns segundos. Chamavam-n'a, e ella relanceava a vista espavorida sobre cada pessoa que a rodeava. Transportaram-n'a á sua cama. Foi chamado o medico que disse não intender o que era; mas bem podia ser uma congestão cerebral. A' quarta sangria, Carlota, subitamente reanimada, perguntou a Manuel de Castro, que lhe fallava em seus delirios, em qual cidade de Hespanha estavam.

D'estas e d'outras perguntas, o medico e os ami-

gos de Ignacio, concluiram com grande pena, que estava douda a pobre mulher.

Chegava o cadaver de Ignacio Botelho ao Alto de S. João, quando Carlota saía para o hospital de S. José, e Augusto para casa de um dos amigos de seu pae.

VI

Na tarde do dia immediato, em volta de uma mesa no «Marrare das sete portas» estavam seis homens, ainda moços, com Manuel de Castro.

A mesa estava pejada de licores, e já pela terceira vez as garrafas tinham sido restauradas. Era Manuel de Castro quem dava as ordens, e insultava os criados pouco lestos no serviço. Era tambem elle quem emborcava maiores tragos, e forçava os convivas a imitarem-n'o, provando-lhes sua superioridade em invasar d'um folego o conteudo de duas garrafas, pelos dois gargalos simultaneamente. Os assistentes, que occupavam as outras mesas, olhavam espantados para a capacidade absorvente de Castro, o qual, incitado pelo espanto dos espectadores, acrisolou o heroismo até á formal embriaguez.

A tumulencia do amante de Carlota era desabrida. Praguejando contra a covardia dos companheiros

menos bebedores, batia com as garrafas no marmore, e estas saltavam em estilhaços á cara dos circumstantes.

As mesas immediatas foram desamparadas; e os criados, zelosos do decoro da casa, ou desconfiados da insolvencia do ébrio, intimaram-lhe a saida.

Castro reagiu metralhando-os com calices e castiçaes, abonando-se ao mesmo tempo com uma mão cheia de peças que espalhou sobre a mesa.

A rogos d'alguns amigos da ordem, interveio a força armada. Declarou o fautor da desordem que era filho do official general Severo de Castro. Os soldados respeitariam o filho d'um official general, se algumas vozes não bradassem: «E de mais a mais é filho d'um caipira! Fóra burro!»

A gritaria excitou as covardes iras de alguns liberaes que, em vez de as desafogarem nas baterias, liam nos cafés o boletim, e corrigiam os erros estrategicos dos generaes.

Manuel de Castro e os seus amigos foram espancados e expulsos.

Dizia um dos frequentadores do Marrare, mais visinho da mesa de Castro, que applicando o ouvido ao que elle fallava antes de embriagar-se, lhe ouvira dizer que precisava afogar no licôr um demonio que lhe abrasava as entranhas, e que havia de saturar-se de alcool a ponto de dar aos seus amigos o luminoso espectaculo d'uma combustão espontanea. Accrescentára mais Manuel de Castro que, entre todos os suicidios inventados pela dôr ou pelo capricho, o mais heroico e magnifico á vista, de certo era o da combustão; se bem que o immediato na escala da perfectibilidade tinha sido o do duque inglez que se afogou no tonel da Malvasia, a

não ser o de Sardanapalo queimado nos braços das suas formosas escravas.

Isto se repetia em todas as mesas, e já havia quem ligasse á embriaguez do filho do brigadeiro miguelista uma idéa, senão respeitosa, ao menos compassiva.

Um dos concorrentes, medico do hospital de S. José, ouvindo proferir o nome *Manuel de Castro*, fez notar aos circumstantes uma coincidencia que merecia ser averiguada. Dizia elle que, no dia anterior, entrára na enfermaria das doudas uma bella rapariga, que tinha sido criada ou amante de um sujeito fallecido de cholera, horas antes de ella endoudecer. Segundo affirmavam as pessoas que a tinham conduzido ao hospital, a rapariga enlouquecera de paixão por seu amo. Continuou o medico: —Uma mulher douda de saudade captiva-me mais que nenhuma outra a sympathia e compaixão. Pedi que me deixassem ouvil-a. Fallei-lhe no homem por quem ella estava soffrendo tanto, perguntei-lhe quantos annos vivera em companhia d'elle, quantos daria da sua vida por tornar a vêl-o: disse-lhe tudo o que devêra compungil-a e desafogal-a em lagrimas. Nem uma lagrima só! Apenas me disse: —Vae-se demorando muito Manuel de Castro, e nós precisamos de fugir hoje, se não mettem-me n'uma enxovia e elle é enforcado.—Para onde quer fugir?—atalhei eu.—Para Hespanha... Vamos para Hespanha viver muito felizes, e levamos o filho do sr. Botelho, que me ha de amar como amaria sua mãe, porque eu hei de amal-o como se fosse meu filho.—Perguntei-lhe quem era, e onde morava Manuel de Castro. Voltou-me as costas com arremesso. Parece-lhes aos senhores—continuou o medico—que

haverá alguma coisa de commum entre este Manuel de Castro e o outro de que falla constantemente a douda?

Opinaram alguns ouvintes que era justo indagar-se a residencia de Manuel de Castro. Sairam logo alguns na colla dos que estavam com elle, e ainda alcançaram dois no Rocio. Não duvidaram estes declarar que o seu amigo morava no largo de S. Roque, e ácerca da douda nenhuma suspeita souberam esclarecer.

A curiosidade malevola, ou altamente providencial, levou o facto ao conhecimento da policia. Já lá era sabido que a douda Carlota se horrorisava d'um phantasma, que ella chamava *Gregorio*, e que as enfermeiras, proferindo aquelle nome de proposito, lhe arrancavam pavorosos gritos.

Combinou a policia com estes pavores a existencia d'um gallego moribundo no mesmo hospital, e o facto de ter apparecido nas algibeiras do ferido um papel em que se liam estas palavras: *Do Castro recebi por varias vezes setenta e oito pintos e tres tostões.*

Foi passada ordem de captura do filho do brigadeiro realista Severo de Castro.

Conduzido á perfeitura, e perguntado se conhecia Carlota, respondeu que não; perguntado mais se conhecia um gallego chamado Gregorio Redondella disse que não tinha decahido tanto da posição social de seus paes que estivesse relacionado com gallegos. Pareceu á justiça insufficiente prova de innocencia a ironia, e quiz que elle fosse levado á presença da douda. Levado ao hospital de S. José, Carlota encarou n'elle longo tempo com olhos esgazeados, e não proferiu um monosyllabo. Disseram

ao preso que lhe perguntasse a ella se o conhecia. Castro, sem hesitação, interrogou:

—A sr.ª D. Catharina...

—Carlota, é Carlota—atalhou um dos funccionarios.

—A sr.ª D. Carlota conhece-me?

—Vou para Hespanha—respondeu ella coçando-se com ambas as mãos phreneticamente. Estou á espera do meu Manuel de Castro.

—E não é este o Manuel de Castro que a sr.ª espera?—dizia o medico.

—O meu Castro?

—Sim.

—O meu Castro ha de vir logo.

A policia e a medecina desanimaram.

—E' admiravel e mesmo immoral—disse o preso com severidade— que os senhores, pessoas de tino, ao que parecem ou querem parecer, me obriguem a vir aqui figurar n'esta miseravel comedia! Que ha que ver entre mim e esta mulher douda? Que peso tem na lei ou na medicina o proferir uma demente o nome de um homem de bem, para que esse homem seja trazido entre esbirros a uma enfermaria, e acareado com a demente? Faz-se-me similhante affronta porque eu sou filho d'um realista? Que tem a minha honra com a politica boa ou má de meu pae?

—Está o senhor enganado—atalhou o maioral da diligencia—ninguem se importa com o senhor como homem politico. Havia indicios de culpa: procedeu-se a esta averiguação. Está claro que o senhor não é o suspeito Manuel de Castro. A policia cumpriu o seu dever. Mas bom será, para que a sua honra não soffra desaire, que vossa senhoria

não continue a embriagar-se como hontem no Marrare.

—Eu costumo pagar os liquidos com que me embriago;—disse com sobranceria Manuel de Castro—e desejo aos meus censores officiosos que elles gozem a felicidade com que eu me sento á mesa d'um botequim, d'onde sáio ébrio.

Não redarguiram. A inflexão amarga, que elle deu ás ultimas palavras, moveu á commiseração os ouvintes.

Manuel de Castro saíu livre.

VII

O punhal de Manuel de Castro encontrára o dêdo da providencia, que o fez tres vezes desviar do fito mortal.

O golpe mais perigoso de Gregorio era na garganta: os outros, apontados ao coração, nenhum feríra orgão importante.

Não obstante, Gregorio não dera accordo de si dois dias; e, quando recobrou os sentidos, não podia mover a lingua nem articular palavra.

Disseram-lhe que escrevesse o nome de quem o ferira, se o conhecia. O gallego promptamente escreveu, mas com grande custo, as palavras *Manuel de Castro*. Tamanha foi a violencia que fez para explicar por acenos a historia inintelligivel, que, á força de bracejar e gesticular, desmanchou o apparelho da garganta, e gritou com dôres, até perder os sentidos.

N'este desacordo se deteve algumas horas; e então o julgaram em extremo perigo.

Requereu a policia que a douda fosse levada á presença de Gregorio, logo que elle recuperou o tino. Carlota, ao vel-o, barafustou para fugir aos braços que a seguravam. O gallego, ao mesmo tempo, deu duas upas tamanhas sobre a cama, e tanto se contorceu que desconcertou o apparelho do curativo, e lançou golfadas de sangue. Foi uma scena muda horrorosa de ver-se.

Por ordem dos facultativos, foram prohibidas as averiguações da policia, em quanto a vida do ferido corresse perigo.

Desde este encontro, Carlota não teve instante de repouso, nem já chamava com meiguice o seu Manuel de Castro. Amarraram-n'a para lhe conterem os impetos com que se arremessava ás janellas para precipitar-se, e ás paredes para espedaçar o craneo.

Entretanto, Manuel de Castro, por meio de insuspeitas informações, tractava de saber o estado de Carlota. Póde ser que o dó o movesse a indagar da demencia da infeliz: mas é mais provavel que o mêdo de novas averiguações o tivesse em sobresalto, e cuidadoso de saber se ella revelava alguma coisa que a policia aproveitasse. Em quanto fazia estas indagações, mediante uma fiel criada de sua mãe, irmã d'um enfermeiro do hospital de S. José, ía-se elle preparando para fugir á primeira palavra duvidosa, que a informadora lhe trouxesse.

Por muito más que fossem as suas previsões, o resultado excedeu-as grandemente. A criada veio contar-lhe que seu irmão estava como tolo desde que vira Carlota a espolinhar-se nos braços dos homens que a levaram á presença de Gregorio.

— Gregorio! — exclamou Manuel de Castro.

—Sim, tornou a creada, um gallego, que era

moço d'ella, e que veio procural-o a v. s.ª muitas vezes.

—Esse gallego está morto

—Não está, meu senhor. O gallego está a curar-se das facadas, no hospital. Meu irmão disse-me que elle tem uma nas guelas, salvo tal logar, e que póde morrer d'ella; mas ha meia hora, ainda estava vivo, e a policia anda sempre por lá a ver quando elle poderá responder ás perguntas.

Manuel de Castro enfiou, e não ouviu o restante da informação. Entrou no seu quarto, embolçou o dinheiro do roubo, e saiu acceleradamente.

Chegando ás baterias constitucionaes do Campo-pequeno, tomou um alvião para trabalhar nas trincheiras, e fez-se reparavel pelo afan com que trabalhava entre os mercenarios. Um general, antigo camarada de seu pae, inquiriu do energico moço quem fosse sua familia, e maravilhou-se do amor civico, que levava o filho a combater o pae, n'essa occasião commandante d'uma brigada, acampada no Campo-grande. Durante a noite, facil foi a Manuel de Castro passar as linhas, e apresentar-se no campo realista.

O brigadeiro, quando viu seu filho entre os soldados suspeitosos que lh'o conduziam, chamou-o de parte, e disse-lhe:

—Vens dar-me a triste nova da morte de tua mãe?

—Não, meu pae; minha mãe vive, e tem saude. Eu vim pegar em armas, e seguir a sorte d'ellas até ao fim.

—A sorte está vista. Vens á desfeita d'esta desgraçada lucta. Estamos perdidos, e tu o que vens é dar mais um infeliz para o numero. Melhor te fôra

tomar armas pela outra causa, que eu nunca t'o reprovaria, meu filho. Os liberaes já triumpharam. D'esta parte o que já agora póde havèr de lucro e gloria é a honra da disciplina, e mais nada. De lá ao menos, ainda poderias a vir a merecer um emprego, quando se repartirem os cargos e com elle sustentarias tua pobre mãe, que ha de morrer de fome ao pé de nós. Manuel, eu nunca te chamei porque, desde o principio, vi este resultado; agora, que tudo está acabado, vae-te embora, alista-te no exercito de D. Pedro, assiste ás ultimas batalhas, que serão de facil victoria, e grangeia, sem deshonra, o amparo de tua mãe.

Manuel de Castro pensou alguns segundos, e disse que cumpriria a vontade de seu pae, depois de estar algumas horas em sua companhia.

No dia seguinte sahiu dos arraiaes, e tomou o caminho do Porto. D'aqui seguiu á provincia de Traz-os-Montes, declarando-se realista ou liberal conforme ia sondando o espirito das terras onde pernoitava. Chegou a Bragança, onde n'esse tempo estanciavam commerciantes hespanhoes e jogadores de officio. Acrescentou no jogo os quatro contos de réis, que o animavam a grandes excursões no estrangeiro, e passou a Hespanha.

Ao mesmo tempo, os facultativos de S. José deram Gregorio livre de perigo, e consentiram que a policia continuasse nas suas pesquizas. O gallego contou miudamente a historia do projectado roubo, deu seguras indicações de Manuel de Castro, e convenceu a policia da sua inepcia em deixar livre o ladrão, que tinha tido entre mãos.

Foi Castro procurado em sua casa, e a mãe extremosa informada dos motivos porque o buscavam.

A virtuosa senhora, comprehendendo então a fuga subitanea do filho, sentiu-se traspassada da dôr e da ignominia que mata. Ao seu leito não chegava consolação alguma. As amigas, que tinha, raras e já esmorecidas, porque a viam empobrecer e desesperar da victoria dos principios de seu marido, abandonaram-n'a de todo, quando a viram mãe d'um ladrão e homicida. Queria a desgraçada ter mão na vida para poder ainda dizer ao marido palavras de conforto, quando elle voltasse coberto de feridas e andrajos. N'isto pensava, e isto pedia a Deus, quando soube que o boletim do governo, numerando jubilosamente os nomes dos officiaes realistas, mortos em Campolide, nomeava o do brigadeiro Severo de Castro. A viuva não chorou: sorriu a Deus, e orou, pedindo-lhe a resgatasse. São ouvidos os infelizes, quando pedem a morte em transes de tal angustia. Morreu a mãe de Manuel de Castro, reclinando a cabeça sobre o seio da sua antiga criada, que vendeu o capote para lhe comprar a mortalha.

VIII

O filho de Ignacio Botelho, como se disse, passou para casa de um amigo de seu pae. Foi-lhe nomeado conselho de familia, o qual deliberou que o menino fosse enviado para a companhia de sua tia D. Leonor, residente em Mont'alegre, na provincia de Traz-os-Montes. As razões allegadas pelo tutor eram a pequenez do espolio do defuncto Ignacio Botelho para com os rendimentos supprir á educação de Augusto; que o perfilhamento estava nullo, em consequencia de faltar no processo a citação da successora do vinculo; que, sem esta nullidade mesmo, a herança era litigiosa, por virtude de uma lei que priva os filhos naturaes da successão de paes nobres, mormente a de bens vinculados, existindo irmãos do ultimo representante do morgado. Accordaram, pois, que fosse o orphão captar a estima de sua tia para que ella ao menos lhe deixasse a pequena parte da herança em dinheiro.

Foi Augusto para Mont'alegre, consultada primeiro a vontade de sua tia.

D. Leonor era uma filha segunda, que dissipara o seu dote em poucos annos de ostentosos festins dados á illustre parentella que lhe pejava as salas do seu solar. Cazára ainda formosa com um juiz de fóra de Chaves, o qual fugira á carga da mulher, quando reconheceu que o patrimonio estava esbanjado em folias. Depois de casado, descobrira o magistrado que os creditos de sua mulher tinham sido deteriorados a passo egual com o patrimonio. Viviam, pois, separados sem se carpirem mutuamente.

Ignacio Botelho, condoído da má cabeça de sua irmã, e solicitado por lastimas d'ella, concedêra-lhe o uso-fructo da maior parte do vinculo. N'essa posse estava ella quando morreu o irmão.

A noticia d'um filho natural inquietou-a mediocremente. Repetidas vezes lhe tinha dito o esposo jurisconsulto, que, se o cunhado morresse solteiro, embora perfilhasse os filhos naturaes, Leonor seria indisputavelmente a successora do vinculo. N'este presuposto, a fidalga de Mont'alegre recebeu satisfatoriamente a noticia do fallecimento de seu bom irmão; e, como boa catholica, mandou, de seu motu proprio, dizer dez missas de tostão por alma d'elle, e vestiu-se de preto, notando que o escuro lhe ficava bem aos seus trinta e oito annos, ainda viçosos de flôres outoniças. A proposito de pêsames, deu algumas reuniões, para a despeza das quaes contraiu emprestimos sobre os fructos do vinculo, que ella afouta e juridicamente denominava seus. Por essa occasião, o magistrado reconciliou-se com sua mulher, e poz em ordem a artilheria do direito

para defender a legitimidade de Leonor na successão aos vinculos.

Aqui está, em poucas palavras, a familia a quem a curadoria e tutor mandára o orphão, com o rosto mal enxuto das lagrimas saudosas de seu pae.

Foi o menino recebido sem carinho nem desagrado. Deram-lhe um quarto na casa e um talher á sua meza; compraram-lhe alguns livros, e mandaram-n'o estudar grammatica latina.

O orphão estava como estranho no meio d'aquella familia. Ninguem o acariciava, nem louvava pela sua regularidade nos estudos, e bom proceder dos nove annos. Passavam-se dias sem que sua tia lhe dirigisse uma palavra.

O marido d'ella, como recolhesse, exonerado do cargo, em 1834, tratava-o com o mesmo desamor. As pessoas de fóra olhavam-n'o como ente que vivia ás sopas da fidalga, e, para a lisonjearem, maravilhavam-se de tamanha generosidade.

D. Leonor não gostava de ouvir dizer que Augusto se parecia com o pae: a opinião d'ella era que o menino tinha a cara e os modos da mãe, que todos tinham conhecido.

— A Balbina! — dizia Leonor com desdem — É a Balbina tal e qual. Reparem-lhe nas grandes mãos e nos pés, e digam-me se não é a Balbina como quem a pintou!

— Como quem a pintou, minha senhora! o nariz é mesmo o da Balbina — diziam os commensaes com uma só bocca.

— Aquelle meu irmão era d'uns gostos muito estragados!... Disse-me o meu procurador de Lisboa que elle tinha, quando morreu, uma mulher em casa,

que o roubou, de mãos dadas com um amante. Quem perdeu, fui eu, Deus sabe quanto! Apenas appareceram lá uns doze mil cruzados, que os amigos de meu irmão empregaram em inscripções averbadas em nome do rapaz, como se o filho da Balbina podesse herdar de meu irmão!

— Não te dê isso cuidado, Leonor — atalhava o ex-juiz de fóra de Chaves — A demanda está principiada, e o exito, é de lei, é infallivel. Os universaes herdeiros somos nós.

— Pois ahi está. A fallar a verdade, não sei com que obrigação tenho aqui este pequeno! Que modo de vida se ha de dar a isto, não me dirão? Se os irmãos de Balbina quizessem tomar conta d'elle, bom seria... Podiam educal-o na lavoira, e fazel-o homem. De que serve o latim a um rapaz que não tem onde caia morto? Eu deixo-o ir á aula para elle me não andar por aqui a choramingar, e a dizer ás criadas que tem saudades de seu pae. Falla no seu pae, como se para ser filho de meu irmão lhe bastasse assignar-se com os appellidos de meus avós. A mãe chamava-se Balbina Fernandes: que se assigne elle tambem Fernandes, se quizer que o conheçam. É boa! *Augusto Botelho do Amaral Tavares e Donnas Boto!* Já viram um atrevimento assim? Pois saibam que o tal Fernandes tem a audacia de pôr este nome em todos os seus livros! Eu já lhe disse que os appellidos não usava d'elles quem queria, e que o seu nome era maior que a propriedade; mas o pateta responde que os appellidos são os de seu pae.

Isto basta para amostra da amabilidade da senhora D. Leonor. Infiram d'aqui a tristeza em que devia viver o menino, rodeado de pessoas que o

motejavam, ou reprehendiam por inventadas culpas com severo desdem.

Viviam em Mont'alegre um irmão de Balbina e uma irmã. Conheciam o menino, que, todos os dias, lhes passava á porta, no caminho da aula; mas tamanho rancor tinham herdado dos paes contra o seductor de sua irmã, que nunca fizeram o menor signal de se quererem dar a conhecer á creança. Augusto conhecia-os por informações dos criados da casa, e pelos dizeres de sua tia Leonor. Fitava-os como quem pede carinhos e amizade; mas os tios maternos dominavam sempre o impulso do coração, se algum sentiam. Além de que, era já sabido que o menino nada herdára de seu pae. Os Fernandes, como D. Leonor os denominava, contente com poder mofar de appellido tão vulgar, odiavam tanto mais a memoria de Ignacio Botelho, quanto viam despresado por elle mesmo e deixado em pobreza o filho de sua irmã. De mais a mais, temiam que o pequeno, maltratado pela tia, os fosse procurar a elles, e buscar o seu amparo. Não podiam com a vergonha de receberem a creança pobre. Tinham lá os seus principios de honra, que uma só vez haviam sido quebrantados pela perdida Balbina!

O litigio da herança corria em Lisboa. Provou-se tudo que sobejou para desherdar inteiramente o filho de Ignacio Botelho.

D. Leonor levantou as inscripções como suas; o titulo do governo, o producto do leilão da mobilia do fidalgo, absolutamente tudo. Ficou, por tanto, Augusto vivendo da amargurada esmola de sua tia.

Tinha decorrido um anno, quando o doutor, meditando no destino do pequeno, resolveu tiral-o da carreira das lettras, e mettel-o n'uma casa de ne-

gocio. D. Leonor insistia na execução prompta do projecto; e, sentindo impaciente a demora em arranjal-o no Porto, foi de parecer que Augusto Fernandes entrasse como marçano n'uma tenda de especieiro em Chaves.

Assim se fez.

Augusto chorou amargamente, quando lhe disseram o seu destino; mas não pediu compaixão, que não tinha a quem a pedisse. Ajoelhou, de mãos erguidas, rogando á alma de seu pae que olhasse por elle, se Deus o não queria tirar d'este mundo.

Enfardelaram-lhe a pouca roupa que tinha, e mandaram-n'o para Chaves, a pé, na companhia do criado, que levava a trouxinha do fato.

O patrão olhou para elle, viu-o de poucas carnes, e disse:

—Quem te mandou para este modo de vida, meu ingarilho? Tu assim um anazado, com a pelle sobre os ossos, de que diabo serves? Olha lá, tu és capaz de poder com um cantaro de azeite? E's capaz de levantar dois alqueires de centeio ahi d'esse chão?

Augusto não respondeu; chorou.

O especieiro proseguiu:

—Por que choras tu, rapaz? Quem te fez mal? Anda lá, vae arrumar a trouxa, e vem, que só has de fazer o que poderes. Com effeito, o senhor doutor arranjou-me um homem como se quer! O que eu te posso fazer é deixar-te andar a guardar os meninos e os cevados, em quanto tu não arranjas mais algumas carnes. Tu és de Mont'alegre?

—Não senhor; sou de Lisboa—respondeu Augusto, limpando as lagrimas.

—De Lisboa!? essa agora! Como diabo vieste tu parar aqui? Quem é teu pae?

—Meu pae já morreu.

—Era soldado.

—Não, senhor. Meu pae era irmão da senhora D. Leonor Botelho, de Mont'alegre.

—E então ella manda-te para este modo de vida?!

—Sim, senhor, penso que é ella me manda.

—Então, pelos modos, tu não és filho de casamento?

Augusto baixou os olhos, e o negociante respondeu:

—Lá me parecia!... Serás tu filho da Balbina Fernandes, que foi ha muitos annos com o fidalgo para Lisboa? E's ou não?

—Sou, sim, senhor.

—Pois, rapaz, quem vem para este modo de vida tem de puxar muito pelos braços, entendes? Aqui come-se o pão que o diabo amassou, antes de ter algum vintem. Já te disse; ficas para guardar os meus meninos que não cáiam no quintal, e os cevados, que não vão á horta; e quando puderes puxar por ti, então virás cá p'ra loja, entendes?

—Sim, senhor.

Entrou o filho de Ignacio Botelho ao serviço dos meninos do tio João Tôrto, assim chamado porque era vesgo. Os meninos eram tres, todos vêsgos como seu pae, e mais ou menos rachiticos como sua mãe. Logo pela manhã almoçavam os meninos o seu café com leite, e Augusto ía á cosinha com o caixeiro almoçar caldo verde migado com pão centeio. Nos primeiros dias, o menino vomitava as couves e o unto do caldo, logo que o comia, e desistiu de almoçar; como, porém, a fome o obrigasse, e os jejuns lhe custassem duras reprehensões,

foi-se afazendo ás couves, ao unto, e ao pão centeio.

Depois de almoço, os tenros pimpolhos de João Tôrto eram confiados á vigilancia de Augusto para que não caíssem á pia dos porcos, com os quaes os meninos folgavam muito de brincar.

Sentava-se Augusto no mais escondido do quintal, e ahi rompia em pranto e gemidos, que abafava com as mãos. Os vesgos vinham ter com elle, e puxavam-lhe pela jaqueta para os ir entreter, e berravam se elle não ía. Assomava logo á janella da cosinha a senhora Apollinaria, mãe dos sujos rapazitos, e ralhava com Augusto, ameaçando-o de o fazer andar com uma vergasta. O sobrinho de D. Leonor Botelho do Amaral Tavares e Donnas Botto erguia-se, e lá ia jogar os esconderêlos com os meninos, e ter mão nas orelhas dos cevados para que os filhos da senhora Apollinaria os cavalgassem impunemente. Se o pôrco, porém, dava uma focinhada em algum dos garotitos, e elle grunhia juntamente com o aggressor, a esposa de João Tôrto descia ao quintal e ameaçava mais de perto Augusto, chegando-lhe ao pé do rosto a vergasta justiceira.

Os dias do filho de Ignacio Botelho eram assim todos, emquanto não peioraram

Descobriu o sr. João Torto que o rapaz nem para lhe guardar os filhos servia, e escreveu ao doutor queixando-se de lhe ter mettido em casa um entulho d'aquella casta, e pedindo-lhe que o alliviasse da carga. O doutor, consultando a esposa, achou que a melhor resposta era não responder ; e João Torto, offendido da desconsideração, vingou-se, mandando-lhe Augusto a pé, como fora, na companhia d'um almocreve.

D. Leonor, ao ver o sobrinho escalavrado, roto, magro, e negro do sol, teve momentos de compaixão, e fugiu de o contemplar para que o dó lhe não incommodasse os nervos. Ouvido o marido, mandaram-lhe fazer uma roupa nova de cotim, e recommendaram a uma criada que lhe désse de comer alimentos substanciosos. A' sua mesa não o sentaram, nem consentiram nas salas, quando estivessem visitas.

Insistiu o doutor no pensamento de o mandar para o Porto, e conseguiu arrumal-o n'uma loja de chapelleiro, na rua de Santo Antonio.

Foi Augusto para o Porto entre a carga d'um recoveiro, e da estalagem onde pousou levaram-n'o a casa do novo patrão, que reparou n'elle, e disse:

— E' melhor leval-o ao hospital. O rapaz tem cara de quem treme maleitas! Não vaes longe, creatura!

IX

O chapelleiro prescreveu a Augusto as suas obrigações. As mais importantes eram erguer-se ás cinco horas de verão, e ás sete d'inverno. Varrer a loja, e a testada da rua. Espanejar as estantes dos chapéos, e limpar as fôrmas. Chamar, uma hora depois, o caixeiro que dormia em casa, e ir buscar o almoço dos officiaes, se estes não tivessem quem lh'o conduzisse á loja.

Augusto cumpriu parte das suas obrigações no dia seguinte, e cumpriu-as todas, logo que aprendeu as ruas e moradas dos officiaes. Posto que andasse depressa, e se não detivesse nas ruas quando trazia os almoços, os officiaes reprehendiam-no desabridamente, ou escarneciam-lhe os modos recolhidos, e o ar de amargura com que elle recebia os chascos ou as injurias.

Ao cabo do primeiro mez, adoeceu Augusto, e esteve quinze dias desamparado de soccorros, sobre

uma enxerga onde ás horas de comida lhe levavam os ordinarios alimentos que se cosinhavam para os criados. O chapelleiro, zangado com a demora da doença, chamou um cirurgião, que declarou o pequeno gravemente infermo, e a precisão de ser curado com muito melindre. Para doenças de melindre entendeu o patrão que a melhor casa era o hospital. Facilmente conseguiu dar-lhe entrada, e para lá o mandou n'uma cadeirinha—rasgo generoso que elle contava a toda a gente, dando-se como modelo de patrões caritativos.

Foi a inspiração da providencia dos infelizes. Augusto melhorou e restabeleceu-se. O seu modo de dizer, a singeleza e lagrimas com que elle contou a sua vida a um dos mesarios da santa casa da misericordia, foi muito na sua prompta convalescença. O chapelleiro, avisado da cura do rapaz, mostrou a má vontade com que o recebia. O mesario, conscio d'isto, tomou a seu cargo Augusto, e levou-o para sua casa.

Passados dias, disse o mesario ao menino se elle queria aprender a arte de typographo, ou entrar como orphão no collegio da Graça. Augusto respondeu que acceitava a posição que o seu bemfeitor lhe désse. Pareceu ao bemfeitor que um officio decente e lucrativo convinha vantajosamente ao seu protegido. Mandou-o para a typographia de João Nogueira Gandra, que n'esse tempo redigia e publicava nos seus prélos a *Vedêta da liberdade*.

Aqui esteve Augusto tres mezes, trabalhando gratuitamente. Alimentava-o e vestia-o o mesario, e aos domingos mandava-o passear decentemente trajado, com seus filhos.

Pediu Augusto licença ao protector, para nas ho-

ras feriadas da typographia, continuar os seus estudos de lingua latina. O cavalheiro sabia que o pequeno, sem mestre, nada podia aproveitar com tal estudo. Condescendeu, porém, consentindo que elle, duas vezes em cada semana, fosse á noite dar conta da sua applicação a um mestre de latinidade.

A conta era excellente: maravilhava-se o mestre do fructo que Augusto tirava, e o protector cada vez se contentava mais de o ser.

Mas a estrella fatal do filho de Ignacio Botelho estava ainda longe de se apagar.

Mal sorteada saira aquella creança para as luctas precoces da desgraça!

O mesario da santa casa morreu em principios de 1836. A viuva, de quem vivia separado por desgostos muito particulares, senhoreou-se dos bens e dos filhos, para ir viver em companhia do segundo marido, que tinha sido seu oitavo amante.

Augusto, que ella nem sequer conhecia, achou-se de improviso desamparado, ganhando no mister de typographo uns cobres insufficientes para a sua sustentação.

Nogueira Gandra, condoído do menino, augmentou-lhe o ordenado, e ligou-o a uma familia pobre que o alimentava e lhe cuidava da roupa, por um pequeno estipendio.

Deixou de leccionar-se em latim Augusto, por não ter com que pagar ao mestre, nem poder furtar algumas horas ao trabalho da noite.

Faz dó e admiração ver este menino de doze annos incompletos, pautando a sua vida pela esquadria que a mão do infortunio lhe apresenta! Como a desventura lhe desenvolveu a temporã virtude da pa-

ciencia, e aquelle apurado juizo da conformidade, tão rara em annos adeantados!

Deixemol-o a braços com o trabalho, e depois voltaremos a ver se a sua fatal estrella se apagou.

X

VAMOS saber de Carlota dos Reis, e Gregorio Redondella.

Carlota, depois que viu Gregorio na infermaria, onde os braços possantes dos esbirros a levaram, peiorou das allucinações, e passou á classe das doudas furiosas.

A policia tomou-lhe conta dos bahus, e, rebuscando-os, achou as cartas de Manuel de Castro, umas extremosas, outras irritadas contra a sorte que o perseguia, e muitas agradecendo os favores recebidos de dinheiro, e joias, que elle promettia restituir, na primeira monção de prosperidade. Sobejavam, pois, os documentos para mandar á Africa o filho do brigadeiro; mas, exhauridos todos os recursos da pesquiza, a policia desesperou de capturar o fugitivo, e de processar a cumplice, já de sobra justiçada pela demencia.

Gregorio curou-se vagarosamente, e saiu do hos-

pital com reputação de gallego honrado, que, em defeza do espolio de seu amo agonisante, se deixára apunhalar. Os jornaes d'aquelle tempo contaram o successo, encarecendo as virtudes do nosso irmão da Galliza, as quaes, n'aquella época, eram proverbiaes, e raras vezes desmentidas.

Pessoas, admiradoras do heroismo de Gregorio, quizeram conhecel-o e ajudal-o a grangear uma velhice repousada. Offereceram-lhe dinheiro para se estabelecer em grande com um armazem de vinhos e comidas. Gregorio acceitou, associando-se a seu primo Thiago, homem de muito boas contas e amigo de trabalhar.

Abriu Gregorio o seu armazem na travessa de S. Domingos, com uma taboleta amarella e vermelha, onde se lia este mote em lettras verdes:

O LEÃO DAS HESPANHAS, REI DOS PETISCOS

De feito, sobre o distico, via-se o leão empolgando nas garras um pato assado e um paio de Lamego.

Afóra este estabelecimento, que lavrou creditos não vulgares, Gregorio abriu nas hortas de Chelas uma casa, chamada

RETHIRO ADMIRABELE

onde os petiscos eram muito melhores que a orthographia.

De Lisboa, em dias sanctificados, concorriam ás hortas de Chelas os paes d'estas familias, que hoje se pejariam, recordando-se de terem lá comido uma salada de camarão, ou uma pescadinha marmota de rabinho na bocca, bem assasoada da viçosa alface, que deu aos lisboetas uma fresca e innocente nomeada.

O grande caso é que ambos os estabelecimentos de Gregorio Redondella & C.º prosperaram a olhos vistos, a ponto de elle abrir terceira taverna na rua das Gavias, que medrou sob a estrella propicia das outras.

Dois annos depois, Gregorio, emparceirado n'um bilhete da loteria, em metade, tirou o premio grande, e começou logo a edificar uma casa no largo da Abegoaria, casa de cinco andares, com grandes armazens em que estabeleceu uma padaria.

N'este entrementes, namorou-se Gregorio d'uma viuva ainda fresca, que vendia objectos de estanco e capella ao fim da calçada do Duque.

Cuidou elle, até áquella hora, que a ingratidão de Joanna, a cosinheira matrimoniada com o barbeiro, lhe afogára para todo sempre os instinctos amorosos no coração. Resistira desdenhoso a muitas tentativas dos paes que frequentavam com lepidas moças o seu retiro de Chelas, e ao primo Thiago dizia elle que nem a filha mais velha do rei de Hespanha seria capaz de lhe bolir no coração.

A estanqueira era a predestinada e milagrosa mão que devia arrancar do seu tumulo aquelle Lazaro, chagado das perfidias de Joanna. Viu-a Gregorio nas hortas, com suas irmãs e cunhados e compadres, frequentadores dominicaes do *rethiro admirabele*. Vêl-a e amal-a foi um caso fulminante.

Os petiscos, n'esse dia, postos na meza dos freguezes, excederam o pedido; e, ao dar das contas, Gregorio arqueou os braços na cintura e disse:

Está pago, e que lhe preste é o que se quer.

D'aqui á declaração decorreram oito dias. A senhora Rosa estanqueira, quando soube que seu cunhado Bonifacio tinha sido procurado por Gregorio, a fim de se tractar o casamento, achou que era mais feliz do que merecia a Deus, e acreditou-se verdadeiramente amada, quando á sua porta parou meia hora um tangedor de gaita de folles, o qual declarou, com intencional sorriso, vir ali de recommendação de Gregorio.

Casaram. Foi padrinho do casamento Thiago, e madrinha a irmã de Rosa, que presenteou o noivo com um par de botões de prata rendilhados para o collarinho da camisa.

Celebraram-se as nupcias em S. Domingos, e d'ali partiram todos, em numero de vinte e sete, para Chelas, escarranchados em burrinhos os varões, e as damas muito bem postas sobre as gualdrapas escarlates dos seus portadores que espinoteavam

De soberbos de carga tão formosa,

como diz o grande epico do tritão de Venus.

Numerosas gaitas de folles tinham precedido o prestito, e alguns flautistas cortavam agradavelmente a monotonia das gaitas, com umas toadas pastoris de muito sabor para corações amantes.

O leitor dispensa as minudencias d'aquelle rejubiloso dia. Excepto a sr.ª Rosa, cujo juizo egualava o pudor, todos se embebedaram mais ou menos; mas de geito que o vinho apertava mais os laços

de parentesco e fraternal amor que os ficou unindo.

Foi Gregorio viver com sua esposa no primeiro andar da casa recentemente construida. Rosa tomou a seu cargo a administração da padaria, na qual se houve com muito tino e zêlo. O ditoso conjuge continuou a velar pelas tres tavernas, que de dia para dia grangeavam freguezia, mais abundante que as ambições dos proprietarios.

Em 1839, Thiago, desejoso de descançar e gosar, liquidou a sua parte, e foi para o bispado de Tuy comprar uns grandes bens; Gregorio, fatigado de trabalho, e rico, passou os armazens com vantagens inexcediveis, e começou a negociar em trafico menos laborioso e mais limpo. Abriu na Ribeira Velha um armazem de carnes salgadas, e no Bairro Alto duas carvoarias, em que empregou os criados antigos, e d'onde auferia mais que o necessario para a sua subsistencia. A pedido da carinhosa esposa, conservou a padaria para passa-tempo d'ella, cedendo-lhe os ganhos para comprar o seu ouro, e brindar as irmãs e cunhados em dias de annos.

Como quer, porém, que não haja n'este mundo gosto completo, o sr. Gregorio lastimava-se de não ter um filho, e Rosa chorava, como Sára, a sua esterilidade.

A medicina mandou-a tomar banhos em Pedroiços, e as comadres aconselharam-n'a a entender-se com umas mulheres de virtude, que destramavam a esterilidade, quando ella procedia de maus olhados e ares ruins.

Inutil tudo, e Gregorio melancolico, perguntando ao céo de que lhe servia a riqueza!

Em extremos de descrença nos recursos huma-

nos, voltaram-se os esposos para o céo, e resolveram ir de romagem a S. Thiago de Compostella a implorarem a intercessão do sancto na obra miraculosa da sua propagação. Alumiava-os um raio de esperança.

Foram.

XI

Desejosos de verem terras, foram pelo Porto.

Estava uma vez a senhora Rosa admirando, pela terceira vez, a Torre dos Clerigos, quando Gregorio viu diante de si um moço de quatorze annos, que lhe dizia:

— E' o senhor Gregorio, não é?

— Sou Gregorio, sou; e vocemecê quem é?

— Sou o Augusto, filho do senhor Ignacio Botelho.

— O senhor Augustinho! — exclamou Gregorio abraçando-o, e tomando-o ao alto — O filho de meu amo! Como venho topal-o n'esta terra?! Isto parece-me que é sonho! Pois o menino não foi lá para casa da irmã do seu paesinho?

Augusto principiou a contar a sua vida, e ás primeiras palavras saltaram-lhe as lagrimas.

Gregorio só então reparou nos pobres trajos do

moço, e fez um gesto de espanto, levantando os olhos ao céo, donde os desceu para a senhora Rosa, que estava pasmada d'aquelle encontro.

— Aqui o tens; — disse Gregorio — é este o menino de quem te fallei, Rosa! Faz-me rebentar de pena vel-o assim tão magro e tão mal enroupado.

— Coitadinho! disse Rosa. Deixa-o contar a sua vida.

— Aqui na rua não é proprio — redarguiu Gregorio — Vamos para a estalagem, e lá conversaremos. Venha d'ahi, senhor Augusto, venha d'ahi, que foi por Deus o nosso encontro.

Na estalagem, contou o filho de Balbina os maus tractos que recebera de sua tia. Esta parte da narração foi muitas vezes cortada por exclamações da senhora Rosa, e saccudidelas de braços do indignado Gregorio.

Seguiu-se o triste episodio do mercieiro de Chaves. N'este ponto saíam como punhos as lagrimas dos olhos de Gregorio, e muitas vezes voltado para a consorte, exclamava:

— Como este menino foi creado, e ao que elle chegou.

Seguiu-se a ida para casa do chapelleiro portuense, os trabalhos que lhe deram, o desamparo na doença, e a entrada no hospital.

Ergueu-se de golpe Gregorio, clamando por entre soluços que não queria ouvir mais nada; mas, a pedido de Rosa, sentou-se para ouvir o resto.

Alegraram-se corações e rostos de ambos, quando Augusto contou o bem-fazer do mesario da sancta casa da misericordia, e a caridade com que o defuncto bemfeitor lhe dava alimentos, vestidos, modo de vida, e dinheiro para pagar ao mestre de latim.

Gregorio quiz saber o nome e morada do generoso homem; quando, porém, Augusto disse que elle tinha morrido, o seu antigo criado exclamou:

— Assim havia de ser! Aposto eu que a desavergonhada de sua tia, e mais o tendeiro e o chapelleiro, ainda vivem! Nem o diabo quer os patifes!

Terminou Augusto a sua minudenciosa historia, contando o quasi desvalimento em que ficou, por morte do seu protector, e o trabalho que tinha na typographia para ganhar a sua subsistencia.

Concluida a historia, Gregorio aproximou do seio o filho de Ignacio Botelho, correu-lhe as mãos callosas pelos cabellos, beijou-o na testa, como o beijava creancinha desde os dois annos, e disse-lhe:

— O passado, passado, menino. Agora é outra coisa. Faça de conta que tinha de passar todos esses trabalhos, e que vae mudar de vida. Rosa — continuou elle, encarando a consternada mulher: — Deus não quiz que tivessemos filhos; agora é que eu atino com a razão. Temos aqui o filho do meu amo: faz de conta que é nosso.

— Já me lembrou isso... — disse Rosa — Parece que Deus me tocou o coração logo que tu o conheceste.

— Sr. Augusto, tornou o Gregorio, o menino vae comnosco já d'aqui para Lisboa. Nós iamos para a Hespanha; mas já não temos que ir lá fazer. Estás por isto, Rosa?

— Pois então! que vamos nós agora fazer a S. Thiago? Vamos para nossa casa, e levemos comnosco o menino. Elle quer ir?

— Vou de muito boa vontade. O sr. Gregorio me arranjará em Lisboa um modo de vida, que me não custe tanto.

— O seu modo de vida — atalhou Gregorio — ha de ser o que o menino quizer. Eu lhe digo tudo em poucas palavras, senhor Augusto. Sou rico, graças a Deus. Tive amigos que me deram a mão. Trabalhei muito alguns annos, fui feliz em todos os negocios, e agora descanço, e posso fazel-o homem. Ora aqui tem. Casa, vae tel-a muito decente e aceiada, que eu fiz uma que é como se quer. Se o menino quizer ir para um collegio, irá. Se não, está comnosco. A minha Rosa é uma santa, e eu cá sou sempre o mesmo Gregorio. Olhe aqui para o meu pescoço. (E dizendo, arregaçava o collarinho) vê aqui o signal de uma facada? Apanhei-a para lhe salvar o dinheiro, que seu pae tinha. Quem fez o que eu fiz, faz tudo o mais em seu bem, senhor Augusto.

O orphão, quando entrára em casa do amigo de seu pae, ouvira dizer que o criado fôra moribundo para o hospital, ao mesmo tempo que Carlota endoudecera; mas ignorava os promenores da tragedia, que correra em quanto elle dormia, na antecamara de seu pae agonisante.

Gregorio contou-lhe por partes todos os successos, demorando-se no roubo e fuga de Manuel de Castro, pessoa que Augusto nem de nome conhecia.

Os primeiros cuidados de Gregorio foram vestir Augusto o mais aceiadamente que os alfaiates do Porto podiam.

Brindou-o com um rico relogio e grilhão. Sairam todos de carroagem a vêr as ruas do Porto. Estiveram no theatro de S. João, onde a senhora Talassi e o Grilo-coixo faziam o spasmo delicioso da platéa. Por lembrança da senhora Rosa, foram a Braga visitar o Bom Jesus, e agradecer-lhe a felici-

dade de encontrarem o menino. Voltaram ao Porto, cada hora mais alegres, e partiram para Lisboa n'uma caleça, cujo dispendio revelava a bizarria de Gregorio.

Chegados a Lisboa, e decorrido um mez de descanço, Augusto mostrou desejo de frequentar as aulas do collegio dos nobres. Promptamente Gregorio dispoz tudo, com a condição de que o seu filho adoptivo iria pernoitar a casa.

Por amor d'elle, houve grande mudança no viver dos conjuges. Fechou-se a padaria, e acabaram os traficos menos limpos de Gregorio. Já iam ao theatro, e frequentemente tomavam uma carroagem para irem a Chelas, onde o antigo proprietario do *rethiro admirabele* se deleitava percorrendo as hortas, onde primeiro vira Rosa, e o banco de pedra em que se tinham sentado juntos no dia de noivado. E não se escondiam de Augusto para estas saudosas expansões. O caricioso mancebo, por ventura poeta, e, mais que poeta, coração de anjo, folgava de ouvil-os, e fazia perguntas que os obrigavam a deliciosamente recontarem o seu amor e a doce harmonia em que tinham sempre vivido.

Augusto era sofrego de saber. Primava entre os seus condiscipulos, tanto pelo luxo do seu trajar, como pelos dons da intelligencia. Aprendia linguas e Gregorio ria muito, quando o estudante passeava sósinho, decorando a conjugação dos verbos inglezes.

— Cego seja eu, dizia o folgasão Gregorio, se eu sei para que o senhor Augusto anda ahi a batalhar com essas trapalhadas! O menino não precisa de saber isso, que tem muito que comer e beber. Seu pae era um fidalgo rico, e não sabia inglez nem fran

cez. Faça como elle, senhor Augusto, divirta-se, e coma-lhe bem, que anda ahi magro que parece chupado pelas bruxas. O que ha de fazer é dar seus passeios a cavallo, que está ali o animal na cocheira arrenegado por andar, e eu cá não lhe salto para cima que é o mesmo que cair pelo outro lado para baixo. Deixe-se de latinorios, senhor Augusto. Se o senhor precisasse de levar a vida a aturar inglezes ou francezes, vá; mas, se Deus quizer, tudo o que nós temos seu é, e olhe que ainda tem que roer.

Augusto, com termos muito claros, tractava de explicar a Gregorio o poder da paixão de saber, ás quaes razões o seu amigo encolhia os hombros, e Rosa tambem, mas não teimavam com receio de o affligirem.

XII

Que será feito da desgraçada Carlota? — disse um dia Augusto a Gregorio.

— Eu sei cá, meu filho!

— Estará ainda douda?

— Isso é bom de saber. Se o sr. Augusto tem empenho n'isso, eu saberei.

— Não tenha esse trabalho—disse o filho de Ignacio Botelho — que eu irei indagar.

— Então o menino quer vel-a? — acudiu Rosa.

— Vêl-a, não, mas queria saber d'ella. Ainda que o seu crime foi grande, o facto de enlouquecer de remorso, diminue o odio que inspira á gente.

— Isso assim é — atalhou Gregorio — mas, a fallar a verdade, eu ainda sinto aqui nas guelas a faca do tal patife, que se atirou a mim de mandado d'ella. Má raio o parta, que era um bregeiro de marca!

N'um dos proximos dias, Augusto Botelho, com uma carta do director do collegio, foi ao hospital

de S. José, e inquiriu dos empregados o destino de Carlota dos Reis, que para ali entrára douda em 1834.

Tinham decorrido sete annos. Examinaram os livros das entradas e saidas e descobriram que a douda tinha saido curada em 1838. Foram chamados os enfermeiros do tempo d'ella, para darem algum esclarecimento do seu destino. Um só disse que a vira uma vez dando a mão a uma velha cega muito mal trajada, a qual disse Carlota que era sua mãe. Acrescentou o informador que as encontrára na rua dos Cardaes de Jesus, inferindo d'ahi que não podiam morar muito longe d'aquelle sitio.

Augusto mal conhecera sua mãe. As mais remotas reminiscencias da sua puericia encontraram-se com Carlota, que o trazia sempre ao collo, e o acariciava muito. Se o pae lhe negava os bonecos, que elle pedia, mandava-os á sua custa comprar Carlota. Por intervenção d'ella conseguira o menino ficar em casa muitas vezes, quando o pae o violentava a ir á escola. Com Carlota é que elle ia ao Passeio Publico, a Cacilhas, a Belem, e á ribeira das náos. Eram estas recordações que podiam muito sobre o coração do moço, incapaz de odio, n'aquella edade impropria para odiar, quem concorreu para a sua pobreza. Ao mesmo tempo, occorria-lhe a idéa de que sua tia lhe havia de tirar o muito, assim como lhe tirou o pouco. Pois, se nem á descaroada tia Augusto conservava rancor, como poderia elle odiar a desgraçada que tão sua amiga fôra até ao ultimo momento em que, morto seu pae, ella se abraçou n'elle lavada em lagrimas?!

Isto, porém, não o dizia a Gregorio, para não acordar a dôr retrospectiva, que elle soffria nas

guelas. Calava-se com a sua saudade e ardente desejo de vêr ainda uma vez Carlota, sem se dar a conhecer.

N'esta pertinaz anciedade, ia muitas vezes á rua dos Cardaes, e por ali se demorava nas travessas mais pobremente povoadas, esperando vêr alguma hora uma cega amparada á mão da mulher que devia ser Carlota.

Tomou um dia a resolução de perguntar em differentes ruas d'aquellas proximidades. Ninguem lhe dava noticia. Retirava-se já descorçoado, quando fez a ultima pergunta a uma mulher que viu com a cabeça fôra de um postigo de casa terrea, fronteira ao palacio da actual academia real das sciencias.

— Quem procura o senhor? — disse a mulher.

— Procuro uma mulher, que morou por estes sitios, e tinha sua mãe cega.

— Como se chamava essa mulher?

— Era Carlota dos Reis.

A pessoa interrogada fitou alguns segundos o mancebo, murmurando, como quem se recorda, o nome que lhe diziam.

— Não sei — disse ella — por estes sitios, que eu saiba, não mora tal creatura.

Dobrava Augusto a esquina da rua Formosa, quando sentiu perto de si os passos apressados de uma mulher idosa que o chamava.

Parou, e esperou.

— O senhor — disse ella arquejando de cansaço — não esteve ali a perguntar por uma Carlota dos Reis, que tinha a mãe cega?

— Perguntei, sim. Vossa mercê sabe onde ella mora?

— Ora, se sei! E a pessoa que lhe respondeu sabe-o melhor que ninguem.

— Sabe?! onde é?

— Pergunte-lh'o a ella, que é ella mesma.

— Como?!

— Aquella creatura, com quem o senhor fallou, é que é a Carlota, filha da cega. E quer saber por que ella se nega? E' porque esteve douda uns poucos de annos no hospital, e tinha endoudecido porque roubou um amante por causa de outro que a deixou, e levou o roubo. Ora agora, como ella tem medo que a mettam em justiça, por isso não diz o nome, e assim que vê gente a olhar para ella, some-se logo com medo que a conheçam.

— Diga-me vossa mercê — tornou Augusto — Está bem certa do que me diz?

— Ora, se estou! Eu conheço-a desde o tempo em que a mãe era engommadeira de um fidalgo que lhe tirou de casa a filha. E foi bonita, o diabo da moça; mas agora tem mesmo cara de peccado... sume-te, demonio!

— E de que está ella agora vivendo?

— Emquanto a mãe foi viva, ia pedir esmola a algumas casas, d'onde ella foi engommadeira; depois que a mãe morreu, acho que a filha passa fomes de palmo! Eu por lá a vejo a costurar, mas aquillo não dá nada que se veja. Se ella não saisse tão acabada do hospital, inda teria algum homem que a tivesse pelo sustento, mas aquillo está uma lercas que não vale uma sêde d'agua. E o peior é se a justiça pega a andar de carnaz com ella, que então bem na leva o berzabum pela barra fóra, e mais não leva coisa boa!

— Está bom: agradeço as suas informações, e tome lá para o seu rapé.

A velha pegou na moeda de prata com sofreguidão, e disse-lhe:

— Ainda que eu seja confiada, vossa senhoria que queria á tal Carlota? E' p'ramor do roubo que ella fez?

— Não, senhora. Eu não lhe queria nada.

— Sim...! — tornou a velha — que... ella... para outra coisa, como o outro que diz, não lhe vejo geito. Se vossa senhoria quizer uma rapariga ageitadinha, ha lá uma ao pé, que está na conta...

Augusto olhou com nauzea para a mulher, e voltou-lhe as costas.

A's nove horas da noite, d'esse mesmo dia, foi Augusto, rente com o palacio fronteiro, e parou em frente da casa de Carlota. Estavam todas as portas fechadas na visinhança.

Não se coava por nenhuma raio de luz, excepto na de Carlota, que tinha ainda meio cerrada a fresta do postigo.

Pé ante pé, Augusto caminhou rente com as casas lateraes, e espreitou pelas junturas do postigo

Viu uma mulher sentada no chão terreo, costurando á luz de uma vela, mettida em suja placa de folha. Carlota, a espaços, suspendia o trabalho, e cruzava as mãos sobre o regaço, olhando muito fixa a chamma da vela. Depois, retomava o trabalho com afan, e parava de novo scismando, ou deixando cair a face sobre os joelhos.

Augusto chamou á sua memoria a antiga Carlota, e não via d'ella feição alguma n'aquella mulher, que ali estava.

— E' impossivel que a outra me enganasse, com

noticias tão exactas — dizia entre si o filho de Ignacio Botelho — mas tambem é impossivel que em sete annos se desfigure assim uma pessoa!

N'esta perplexidade, viu erguer-se Carlota, e abrir uma caixa d'onde tirou umas côdeas de pão. Foi depois a um recanto d'onde trouxe um prato sopeiro e uma bilha. Partiu em bocados as côdeas, e amolleceu-as com agua. Emquanto o pão amollecia, Carlota, com a manga do vestido, limpava as lagrimas. Depois comeu o pão; e, terminado o repasto, disse a meia voz:

— Bemdito seja Deus!

N'este momento, Augusto, cedendo ao impeto da sua commiseração, bateu á porta.

— Quem é? — disse em sobresalto a mulher, escondendo o prato debaixo da cadeira de pau sobre a qual tinha a placa.

— Tem a bondade de abrir?

Carlota espreitou ao postigo, e disse:

— Quem procura o senhor?

— Procuro-a a si.

— A mim?! Parece-me que vem enganado. Eu não o conheço.

— Não importa, senhora Carlota dos Reis — eu lhe direi quem sou.

— Queira perdoar; mas eu não abro a minha porta, nem tenho casa digna de receber ninguem. Que póde querer-me vossa senhoria? Vem prender-me?

— Não sou esbirro, senhora Carlota. Póde abrir sem receio. Não me importa saber como é a sua casa. Quem a viu comer o pão secco amollecido com agua, póde tambem ver o resto da sua indigencia.

Susteve-se Carlota sem saber que respondesse.

No entanto, Augusto deu um brando impulso á porta, que machinalmente Carlota abriu.

O filho de Ignacio Botelho, sem reparar na pobreza d'aquelle antro, encostou-se a uma mesa de pinho, e cruzou os braços.

— Para desaffrontal-a de medos, vou dizer-lhe quem sou, mas desejava eu muito que se affirmasse em mim, e me reconhecesse, a ver se adivinhava em mim um amigo, e não um esbirro.

— Não me lembra de o ter visto — disse Carlota muito tranquilla.

— A creança que ha nove annos lhe brincava com os cabellos deve estar bem mudada!...

— A creança!... — balbuciou Carlota.

— O filho de Ignacio Botelho — disse Augusto.

Carlota expediu um estridulo grito, e recuou com as mãos nas fontes.

— Não me fuja, Carlota — continuou Augusto — venha ao pé de mim, dê-me a sua mão, diga-me que me conhece, e que póde ainda chorar de saudade, como, ha instantes, chorava de dôr. Sou eu Augusto, ou não? Conhece-me, Carlota?

A desvairada mulher, sem se aproximar de Augusto, ajoelhou e ergueu as mãos á altura do seio, tartamudeando:

— O senhor Augusto... o filho do senhor Ignacio Botelho... E' elle, é, bem o conheço; não me engano...

O ar com que estas palavras eram proferidas intimidou Augusto, dando-lhe a pensar que a infeliz poderia voltar á demencia. Acercou-se d'ella, ergueu-a, abraçou-a, e fel-a sentar na cadeirinha.

— Tem-se lembrado de mim? — disse-lhe elle

com os olhos rasos de lagrimas — A creança dos cabellos loiros appareceu-lhe alguma vez nas trevas da sua desgraçada vida?

— Perdoe-me! — exclamou ella lançando-se outra vez de joelhos — Perdoe-me, pelo muito que eu tenho padecido!

— Está perdoada; mas prometta-me que ha de estar tranquilla, que ha de conversar comigo sem alvoroço, que ha de crer em mim o affecto que eu lhe tinha em creança. Não se falla aqui no passado; eu nada lhe pergunto, absolutamente nada, Carlota; sente-se, esteja socegada, sorria-se para mim, e lembre-se bem do nosso passado de ha dez annos.

Carlota ouvira com assombro de idiota estas palavras; apertára as mãos que Augusto lhe offerecia; depois, encarando n'elle com muita penetração, rompeu em pranto desfeito, e, tomando-o para si, apertou-o ao seio vertiginosamente.

XIII

MOMENTOS depois, o sebo da placa estava consumido, e a escuridade do recinto era cerrada.

— Carlota, disse Augusto, venha dar comigo um passeio, que está bella a noite. Vamos conversar na minha infancia; eu lhe contarei a minha vida. A sua é que eu não preciso ouvir, que a sei, ou conjecturo o que não sei. Acompanha-me?

— Não tenho com que me cubra, senhor Augusto — disse ella.

— Tem a minha capa.

E, dizendo, lançou-lh'a sobre as espaduas.

Sairam.

Augusto contou-lhe a sua historia desde a morte do pae, e a felicidade que estava gosando sob o amparo de Gregorio.

Quando proferiu este nome, viu que Carlota lhe fugia do braço; e reparando n'ella ao reflexo d'um candieiro, houve medo da desordem das suas fei-

ções. Quiz socegal-a, segurando-a com brandos modos; mas a desgraçada soffria um accesso de loucura.

Uma patrulha presenciava a agitação dos dois, e tomou conta do caso. Augusto explicou em termos simulados o incommodo d'aquella senhora, e pediu que a ajudassem a transportal-a a uma hospedaria. Carlota foi seguindo, a passos convulsos, a direcção que lhe dava Augusto. A patrulha, no termo do seu districto, entregou-os a outra, e assim foram indo até ao Rocio, onde entraram n'uma hospedaria.

Como hospedes, a tal hora, parecessem suspeitos ao dono do hotel, Augusto apressou-se a depositar nas mãos do zelador da honra domestica algum dinheiro, dizendo:

— Eu não fico aqui; o que desejo é um quarto para esta senhora.

— *Senhora!* — murmurou o estalajadeiro.

— Sim; *senhora.*

— Pelos trajos não o parece...

— Pois imagine que o é, e não discuta vossemecê a qualidade da pessoa. O que eu peço é que me dê um quarto para esta senhora ou mulher aqui se conservar algumas horas, e o favor de lhe chamar já já um medico.

— Tenho cá dois hospedados.

— Pois queira chamal-os, que eu pago pontualmente tudo. Entretanto, eu vou sair, e logo volto.

Carlota, vendo sair Augusto da sala onde a meia voz dialogara com o estalajadeiro, quiz seguil-o.

— Espere-me aqui — disse-lhe elle — Eu volto logo: obedeça-me, sim? pede-lhe o seu Augusto.

Carlota caiu n'um canapé com os olhos cravados no moço.

O estalajadeiro, de si para si, ouvindo as palavras *seu Augusto*, entendeu que andava ali coisa de paixão; mas admirou-se que um rapaz, tão galante e bizarro, se não empregasse melhor.

Saiu o filho de Balbina, e foi a passo rapido a casa. Estava Gregorio esperando-o com a mesa posta para a ceia, e muito sobresaltado da demora.

— Que foi isso, meu filho? — exclamaram Gregorio e Rosa ao mesmo tempo.

— Foi muito, foi um successo que me obriga a fallar já, a dizer tudo... Abram-me os seus corações, que eu preciso de todo o seu amor para este lance.

Acudiram ao pé d'elle juntamente os dois exclamando: — Que é? — Falle! — Diga o que tem.

Augusto, voltando-se para Rosa, disse maviosamente:

— Minha mãe!

Rosa, que nunca ouvira estas palavras ditas com tamanha ternura, sentiu-se louca de alegria até ás lagrimas.

— Que quer, meu Augusto, diga o que quer de mim?

— Quero o seu bom coração para receber n'elle as lagrimas d'uma grande desgraçada. Imploro-lhe a sua sensibilidade, porque espero vencer com ella a resistencia de seu marido.

— Eu não intendo! — disse Gregorio afflicto. — Ó menino, falle claro...

— Encontrei Carlota — disse Augusto — encontrei-a em extrema miseria, comendo codeas de pão de rala molhadas em agua. Eu fui muito desgraçado, e por isso compadeci-me d'ella. Perdoei-lhe tudo, porque só perdoando é que eu posso agrade-

cer a Deus a felicidade que tenho, e que lhes devo, meus queridos amigos. Perdoe tambem, senhor Gregorio, perdoe á desgraçada, que, ao fim de quatro annos de demencia, tem experimentado o supplicio mil vezes peior, o supplicio da razão e da miseria sem egual n'este mundo. Se a visse, senhor Gregorio!... O chão da casa é de terra e molhado. A cama são umas palhas envolvidas n'uns farrapos. Carlota está vivendo para morrer a todas as horas. Não tem uma só feição do que era; nem uma só que a faça recordar. Conheci-a pela voz; mas parece que os gemidos e a vergonha lh'a cortam na garganta. Saí com ella da sua caverna, porque a desgraçada não tinha luz; cobri-a com a minha capa, porque a pobresinha não tem com que se cubra. Parece que a sua fraqueza não podia com o ar forte da noite. A cada passo se amparava no meu braço, e vacillante me pedia que a deixasse sentar. Contei-lhe os infortunios da minha infancia. Eu tambem tinha sentido a fome e a nudez. Devia saber as palavras com que se mitigam as dores alheias descrevendo dores semelhantes. Á luz dos lampeões, vi o rosto de Carlota inundado de lagrimas, como vi o seu, minha mãe, quando no Porto lhe contei as miserias com que Deus fortaleceu a minha alma e desenvolveu em mim os sentimentos da caridade. Depois, quando lhe estava dizendo esta felicidade, que tenho aqui, este bem com que a bondade divina premiou as minhas angustias immerecidas, fallei em si, senhor Gregorio. E, apenas eu proferi o seu nome, Carlota foi atacada d'uma vertigem, e teve um novo accesso de loucura. Pude leval-a a uma hospedaria, e lá a deixei esperando que um medico a salve de tornar para o hospital. Seria horrivel para

mim, se eu via aquella infeliz outra vez douda por minha causa, quando eu meditava em alivial-a da sua pobreza!...

— Pobre mulher! — atalhou Rosa, com os olhos marejados de lagrimas. — Tem sido bem castigada, não tem, Gregorio?

— Isso tem! — disse o bom homem, que ouvira a vehemente exposição de Augusto, com visivel mostra de compadecimento; e continuou, passados instantes: — Então, o senhor Augusto que quer agora?

— Queria — respondeu o moço, abraçando Gregorio — que me deixassem repartir com ella metade da abundancia em que vivo. Queria que o meu amigo, o amigo de meu pae, lhe perdoasse... Queria...

— Pois está servido, senhor Augusto — interrompeu Gregorio. — Dê-lhe de comer e de vestir. Palavra de honra, que já nem me lembram as dores, que tive na garganta. E quem sabe se ella queria que o tal patife me matasse! O malvado foi que a perdeu. Se ella fosse má, não endoudecia. Esta é cá a minha idéa, e ninguem já me tira d'isto... Pois então arranje lá isso como quizer. Alugue-lhe casa, e dê-lhe uma mezada á sua vontade.

Augusto ergueu-se para abraçar novamente Gregorio.

— Deixe-me tambem abraçal-a — disse elle a Rosa — devo estas alegrias ás suas lagrimas, minha querida amiga. Agora vou á hospedaria vêr como está a pobre mulher.

— Espere um pouquinho que eu vou comsigo — disse Rosa. — Deixas-me ir, meu Gregorio?

— Ó mulher, se hão de ir dois e ficar um, o me-

lhor é irmos todos tres!... Andem lá, que eu não appareço a Carlota, em quanto ella me tiver medo.

Augusto queria embaraçar a resolução de Gregorio, temendo que a sua presença intempestiva desordenasse inteiramente a razão da desvairada mulher; mas custou-lhe a rebater a expansiva generosidade d'aquella nobre alma, e entregou a Deus o bom exito dos acontecimentos.

Quando chegaram á hospedaria, Carlota dormia tranquilla, em virtude d'uma poção fortemente opiada, que os medicos lhe receitaram. Disseram estes, depois de ouvirem de Augusto os precedentes d'ella, no tocante á loucura de alguns annos, que não receiavam a reincidencia só pelo facto d'uma allucinação.

Rosa entrou ao quarto de Carlota, e contemplou-a. Gregorio, chamado pela mulher, esteve a examinal-a como espantado, e disse:

— Não se parece nada com a outra! Eu ia jurar que não é a mesma! Com effeito!...

Saiu do quarto, deixando Rosa á beira da cama da enferma, que ainda dormia ás duas horas da manhã.

Chamou Gregorio o seu filho adoptivo, e disse-lhe:

— Sabe que mais? Tenho cá pensado que o melhor é não alugar casa para Carlota.

Augusto estremeceu, cuidando que a vista da mulher e as recordações das facadas, tinham mudado os compassivos sentimentos do bemfeitor.

Gregorio proseguiu:

— O melhor é levarmos esta mulher para nossa casa. Lá, sempre está melhor, e mais bem tractada. Que lhe parece?

— Parece-me que a sua alma, senhor Gregorio, está debaixo da mão de Deus... Pois sim, levemol-a para sua casa, se sua senhora se não oppozer a isso.

— Então o menino ainda não conhece a sancta que é minha mulher. Morta por isso está ella!

Veio então Rosa á porta do quarto dizer que Carlota estava chamando Augusto. Foi o moço, e levou comsigo Rosa.

— Dormiu regaladamente, não é assim? disse elle a Carlota, que se havia sentado na cama.

— Dormi muito, creio eu; mas lembra-me tudo. Quem é esta senhora? ajuntou ella, indicando Rosa.

— E' uma senhora para casa de quem Carlota ha de ir logo que possa. Verá que anjo consolador encontra em minha mãe.

— Sua mãe?!

— Sim, minha mãe; a mãe que Deus me mandou com o coração da outra, que me tinha levado... Veja lá, Carlota, sente-se com forças para nos seguir?

— Mais logo; tenho um atordoamento de cabeça horrivel... Queria chorar, que estou abafada pelas lagrimas... Eu sou uma grande criminosa! exclamou ella subitamente, escondendo o rosto entre os joelhos.

— Todos lhe perdoaram, Carlota, accudiu o moço — Se alguem foi offendido por si, o perdão depois de tantos soffrimentos, remiu a culpa.

— E' assim — disse Rosa — A senhora póde contar com o dó de toda a gente... Deus é que sabe quem são os peccadores. A paixão é que cega a gente muitas vezes.

Carlota fitou os olhos em Rosa, e murmurou:

— A senhora não sabe a minha vida....

— Alguma coisa sei; mas não fallemos agora n'isso.

— Fallemos, fallemos... — exclamou a amante de Ignacio Botelho com arrebatamento.

— Não! — atalhou o moço — Obedeça-me, Carlota. Faça um esforço por sair d'aqui. Olhe que nos escutam na sala proxima.

Carlota fez menção de se aprestar para descer da cama, e Augusto saiu á sala.

— Senhor Gregorio — disse elle — parecia-me conveniente que ella o não visse por em quanto. Faz-me o favor de ir indo para casa?

— Pois, sim; eu já tinha pensado n'isso; e venham depressa, que são horas de se deitar a gente.

XIV

Ficou atonita Carlota, quando entrou na primeira sala da casa para onde a conduzia Augusto. O exterior da mulher, que o moço lhe apresentára como sua segunda mãe, não promettia tamanha magnificencia. Era muito no espanto da infeliz a passagem do indigente casebre para uma sala, que denotava mais riqueza que bom gosto.

— Quem é esta senhora? — perguntou Carlota a Augusto, logo que Rosa se retirou da sala para ordenar os aprestos do quarto da hospeda.

— Ámanhã fallaremos: já lhe disse que esta senhora é um anjo.

— Disse palavras que me fizeram bem. Parece-me que ella sabe toda a minha vida.

— Sabe.

— E não me odeia!

— Não: tem muita pena de si.

— Se o senhor Augusto me perdoou, porque não

ha de perdoar-me o mundo a quem eu não fiz mal nenhum?

—Nem a mim; foi a si mesma que fez o mal.

—Mas eu tenho soffrido tanto, meu Deus!

—Todos o sabem, e todos se compadecem, Carlota. Creia que...

De subito, Carlota apertou as mãos de Augusto, expedindo um estridente grito.

—Que é? que teve, Carlota?

—Recordo-me das suas palavras, n'este instante... O senhor que me disse?—tornou ella muito agitada.

—Quando?

—Na rua, quando eu andava comsigo... Em que casa me disse que estava? Não me disse que era d'aquelle homem, que o outro feriu com o punhal?

Augusto perturbou-se na resposta, e os olhos de Carlota expressavam o desvairamento do juizo. A' turvação dos olhos, seguiu-se um tremor e anciedade indescriptiveis. Depois, soltava uns gritos agudissimos, e tirava a pedaços o corpete do vestido, como se estivesse em agonias do coração entalado em compressas de ferro.

Acudiu Rosa aos gritos, e venceu o terror, que lhe faziam as contorsões da demente. Gregorio impensadamente seguiu a mulher, e entrou na sala. Carlota fitou-o espavorida, e cessou de contorcer-se nos braços dos dois. Parece que o terror a congelára: não soltou uma palavra unica. As palpebras desceram vagarosamente, os braços cairam-lhe como inanimados, e o corpo inteiriçado deixou-se arrastar a um canapé.

Ao romper da manhã entraram os recursos da medicina, que se propoz curar uma febre cerebral.

Quarenta e oito horas esteve em exaltado delirio a enferma. Então reproduziu ella muitos dos dialogos que tivera com Manuel de Castro n'aquella noite funesta. E dizia-os como se os estivesse contando com quieta consciencia, salvo quando em termos desordenados reproduzia a descida do supposto cadaver ao pateo, e a lavagem que ella fizera do sangue na escada. Então levava a mão ao rosto, e clamava que o tinha borrifado do sangue de Gregorio... «Eu não te disse que o matasses! — murmurava ella com voz rouca — eu não te disse que o matasses!... Vou denunciar-me á justiça: quero ser castigada para salvar a minha alma!»

Estas declamações repetiam-se com breves intervallos de repouso.

Quando a medicina desanimou, Carlota inesperadamente passou do delirio a um profundo quebranto. Reconheceu as duas pessoas que incessantemente a velavam, e sorria a ambas respondendo ás perguntas carinhosas. Recordava-se ella de ter visto Gregorio; e parecia esperal-o no seu quarto, sem assombro nem pavor. Pediu a Augusto que lhe contasse o resto da sua historia, e já ouvia sem alvoroço o nome do bemfeitor. Uma vez levou ella aos labios a mão de Rosa, e disse-lhe:

— Eu queria ver seu marido, minha senhora.

Rosa saiu, e entrou com Gregorio, que vinha enxugando as lagrimas. Era certo chorar elle, sempre que as via nos olhos da esposa. Acercou-se do leito, Carlota estremeceu ainda.

— Se me diz alguma coisa do que já lá vae, não somos amigos! — disse Gregorio — É preciso arrijar, e sair d'essa cama para fóra, senhora D. Carlota. Vamos todos passar o calor na aldeia. Tenho

uma quintarola em Collares, que é um regalo. A senhora lá põe-se fina, e ha de engordar, se fôr de medrança. Nem um pio a respeito do passado, ouviu? E que me diz do senhor Augusto? Olhe que rapaz este! Alma como esta não ha outra debaixo do sol, palavra de honra! Se é amiga d'elle, faça por ter saude, ouviu? Olhe que o moço, ha oito dias tem desmedrado uma arroba, assim Deus me salve!

Era esta linguagem quotidiana de Gregorio. Se a enferma dizia palavra ligada ao seu crime, atalhava-a logo elle com alguma galhofa, coadjuvado por Augusto ou Rosa.

A convalescença de Carlota foi prolongada, mas segura. Os ares campestres restauraram-lhe as forças, e recompozeram-lhe as feições, ainda assim quasi nada indicativas da antiga graça, se não formosura.

Findo o verão, quando Gregorio se preparava para voltar a Lisboa, Carlota pediu a Augusto que solicitasse do seu bemfeitor uma esmola para ella se recolher a um convento longe de Lisboa. Quiz o mancebo convencel-a da desnecessidade de tal passo, mas o proposito era inabalavel Não valeram nada as supplicas nem as caricias de Rosa.

Augusto acompanhou-a a Evora, onde achou os seus aposentos aceadamente adornados no convento.

Ahi vivia muito recolhida a mysteriosa creatura, que as religiosas tratavam com o respeito que inspira o mysterio, se o rodeiam os confortos e a abundancia. Entre a oração, a cella e o trabalho passavam as suas horas, não tristes nem contentes. Tomara a seu cargo ser a costureira da roupa branca de Augusto e Gregorio, e cada mez mandava um

pacotinho para Lisboa com a sua costura, em que o filho de Ignacio Botelho queria ver, e certamente via, signaes de lagrimas. No primeiro anno, repetidas vezes Augusto foi a Evora, e, segundo elle dizia, Carlota cada dia recuperava mais, como por milagre, as antigas feições, de modo que já não seria lisonja chamar-lhe bella.

XV

Dom Alvaro Barradas, fidalgo portuguez, oriundo de uma das principaes stirpes godas, appareceu em Paris, em começos de 1835, ido de Hespanha, onde estivera homisiado, desde que o archanjo das batalhas descêra sobre a fronte do imperador do Brazil a corôa da victoria.

Devemos acreditar o que este homem diz em Paris da sua genealogia. Se duvidamos d'ella, por ser elle que a diz, teremos de duvidar de muitas, cujo grau de probabilidade é o mesmo. A gente não póde andar com os tratadistas genealogicos debaixo do braço para averiguar os costados de todos os Barradas, que por ahi nos sáem, como rans de terra alagadiça em tarde de trovoada.

D. Alvaro tem cavallos e lacaios hespanhoes. Tem relações da velha fidalguia de Carlos x, que o recebem em suas casas. Tem mulheres que o amam, e mulheres que o exploram. Tem — e bastava dizer

isto — dinheiro, que lhe jorra das mãos como a onda do Pactolo. A fortuna de D. Alvaro é uma escrava docil, que parece espreitar-lhe os desejos caprichosos, para, antes de os elle procurar, lh'os converter em deleitosas realidades.

D. Alvaro joga nos salões da nobreza, e ganha; joga nas casas de tavolagem, e ganha; joga na bolsa, e levanta em poucas horas, e com uma só palavra, milhares de francos.

Accrescem aos cavallos as equipagens. Paris vê passar D. Alvaro. E quando Paris *vê passar*, o homem, que passa, deve de ser um gigante!

A admiração redobra, quando, a par d'elle, se vê reclinada ao espaldar do phaetonte uma formosa mulher, e ámanhã outra formosa mulher.

Hoje é a primeira cantora italiana.

Hontem era a primeira dançarina.

A'manhã será uma Lais disputada a um principe.

D. Alvaro passa no bosque de Vincennes, salta do seu tilbury, e os mancebos das raças carlovingianas acercam-se d'elle para lhe apertar a mão.

— E' o gentil-homem hespanhol! — diz uma dama illustre, e chama com maviosissima voz um duque para ferir com o timbre de sua palavra os ouvidos distraídos do fidalgo hespanhol.

— E' o amante da marqueza de ***, diz a condessa de ...

— E' o rival do duque de ***, acrescenta outra, e confessa que medita em fazel-o tambem rival de seu marido.

Estão em Paris fidalgos expatriados de Lisboa, que não conhecem D. Alvaro Barradas. Os mais lidos em chronicas sabem que em tempo da rainha regente D. Catharina, mãe de D. Sebastião, militou

na Asia, ás ordens do governador D. João de Castro, um portuguez esforçado que havia nome Alvaro Barradas; mas duvidam que este Alvaro Barradas seja vivo ainda. Na roda elegante correm boatos, que desmentem a prosapia do famoso personagem; a roda elegante, porém, continua a reconhecer a legitimidade heraldica do gentil-homem hespanhol.

Um alto personagem portuguez, encontrado com elle n'uma sala d'um ex-ministro de Carlos x, pergunta-lhe onde é o seu solar.

D. Alvaro torce o bigode, e responde:

— O meu solar anda usurpado: são os paços de Barcellos e de Villa-Viçosa. São as ruinas dos castellos que defenderam a independencia de Portugal. São a Covadonga de Pelagio, e as ameias derrocadas de Santarem e Alcacer.

Disse, e fez uma ligeira mesura ao portuguez, que ficou pasmado de tantos solares, afóra os usurpados, n'um só solarengo.

Entretanto, as carroagens iam crescendo em numero e mais confortaveis que os solares. Os mesmos fidalgos, que lhe tesouravam os pergaminhos, não se dedignavam de lhe acceitarem uma almofada na carroagem, e os emprestimos de dinheiro bizarramente offerecidos. Afinal, os linguareiros, visto que a lingua prende muito com as funcções de estomago, immolaram a lingua áquella viscera que confessava as fidalgas liberalidades de D. Alvaro Barradas.

A primeira dançarina tinha um amante, que sacrificára a um trem e alguns milhares de francos mensaes. O amante sacrificado não tinha vislumbres de pundonor, e quiz defender sua honra em duello.

D. Alvaro acceitou a luva do adversario, e foi ao campo. O amante abandonado, que, até aquelle momento, ficára apenas sem a dançarina, ficou depois tambem sem um olho. Isto prova que o duello é bom, e convence a gente da justiça de cada qual que se bate.

O facto estrondeou, e deu novo lustre á celebridade de D. Alvaro.

O amante da primeira cantora italiana tambem tinha sua honra que defender, e pediu desaffronta á espada. Ficou sem a cantora e sem um pedaço do hombro direito.

Esta segunda bravura associou o medo á admiração. D. Alvaro fez-se uma coisa, que eu chamaria mytho, se soubesse o que era mytho. Quando apparecia, as mulheres adoravam-no, e os homens ficavam frios como sorveteiras.

Em dezembro de 1835, chegou a Paris uma familia portugueza, ida do Porto. Era um fidalgo realista que em 1834 se refugiára no seu solar do Minho; e, como ahi mesmo a plebe o inquietasse, deliberou emigrar.

Vivia pobremente o fidalgo e sua numerosa familia. Disseram-lhe que existia em Paris um riquissimo portuguez da maior nobreza. Deram-lhe conta da generosidade com que elle tinha soccorrido patricios necessitados, e aconselharam-n'o a escrever-lhe.

Forçado pela extrema precisão, o emigrado escreveu a D. Alvaro Barradas; mas, emquanto escrevia, tres vezes depoz a penna, e exclamou:

— Quem é este Barradas na historia genealogica da casa real? Villaslobos não falla de Barradas, que me lembre. O nobiliario do conde D. Pedro tambem não. Isto parece-me pêta!

Mas a necessidade apertava com o ledor de genealogias, e a penna ia lavrando o humilde peditorio.

Recebeu D. Alvaro a carta do seu patricio, que tinha quinze appellidos. Mandou ao seu mordomo que procurasse o portuguez necessitado, e lhe désse mil francos.

Foi o fidalgo em pessoa agradecer, e viu um homem de extrema cortezania, rodeado de pompas aziaticas, n'um dos melhores palacios de *Chaussée d'Antin*. Dias depois, D. Alvaro visitou o fidalgo seu favorecido, e viu que elle tinha entre muitas uma formosissima filha, na flor dos quinze annos, meiga como um anjo, e triste como uma sancta.

Amou a. Sentiu que a amava, porque pensou n'ella trez dias e trez noites.

Voltou a visitar o homisiado, e multiplicou muitas vezes o primeiro favor de dinheiro. O fidalgo beijou-lhe as mãos; e a filha lacrimosa, ao apertar a mão que lhe offerecia D. Alvaro, sentiu na sua um papel. Susteve-o, mas tremia.

Saiu o magnanimo, e Mathilde deu a carta a seu pae.

— Que carta é esta?! — disse elle.

— Recebi-a, n'este momento, da mão de D. Alvaro.

Abriu e leu:

«Quer a felicidade, Mathilde? quer as pompas da «vida, todas quantas o capricho inventou, e, mais «que tudo, um coração que pela primeira vez se hu«milha diante de uma mulher?

«Porventura, sonhou commigo o céo? Adivinhou «que eu a adoro? Crê que a vida, sem o seu amor,

«me ha de ser d'hora em diante um supplicio, tendo «sido até ao momento em que a vi uma embriaguez «de bem aventurança, uma felicidade douda que não «podia durar?

«Porque a vi eu, Mathilde? Que mensagem me «traz do céo ou do inferno?

«Eu penso em arrebatal-a. Já me enoja Paris. «Vamos á Asia, vamos correr o mundo, e esconder «nos desertos a nossa felicidade.

«Haverá na sua alma exaltações e arrojos capa-«zes de egualarem o meu arrebatamento?

«Responda-me. Ámanhã hei de vel-a. Duas pala-«vras, e depois... os mundos deslumbrantes do «goso infinito!

D. Alvaro.»

Francisco Valdez, pae de Mathilde, dobrou a carta, e disse á filha:

— Vae, e volta depois, para responder á carta do senhor D. Alvaro Barradas.

Mathilde retirou-se; e o velho ficou passeando com as mãos encruzadas sobre a testa. Meditou assim alguns minutos, e saiu.

Foi procurar um duque portuguez, que residia, tambem exilado, em Paris. Narrou-lhe a precisão que o levára a pedir um favor de dinheiro a D. Alvaro...

— Barradas? — interrompeu o duque.

— Sim, senhor. Conhece-o a vossa excellencia?

— Já fallei com esse Barradas.

— Que juizo faz vossa excellencia d'elle?

—Bom, em quanto á pessoa. Se é quem diz, não sei. De Portugal não o conheço nem pelo appellido. Póde ser que seja algum fidalgote de meia-tigella,

d'alguma provincia. O que elle denota é ter muito dinheiro, certa esperteza do que por cá chamam bom tom, e muita felicidade nos duellos. Não sei mais nada, senão que elle tem soccorrido alguns portuguezes pobres.

Continuou Valdez a sua historia, e mostrou ao duque a carta que D. Alvaro escrevêra a sua filha, e entregára na occasião, em que espontaneamente lhe emprestava seis mil francos.

O duque adivinhou a dôr do ultrage, que alanceava a dignidade do velho. Deu-lhe mais dinheiro do que julgou necessario para o desagravo, e offereceu-lhe a sua bolça para as futuras precisões.

Voltou Valdez com o peito desopprimido. Chamou a filha, e disse-lhe:

— Escreve a resposta a D. Alvaro. Eu t'a dicto.

Mathilde escreveu:

«Não ambiciono as pompas da vida. Na minha «alma não ha exaltações nem arrojos. Adoro a Deus, «amo a minha familia, e respeito vossa excellencia.

«Por ordem de meu pae, remetto a vossa excel- «lencia sete mil francos, que lhe devia, com a gra- «tidão que o favor de vossa excellencia merece.

Mathilde Valdez.»

XVI

Lendo D. Alvaro a carta, releu a, e pensou em cada uma das palavras, como se ellas não fossem singelissimas.

Seguiram-se-lhe horas de lucta, em que o homem se estava de si mesmo espantando.

— E' o verdadeiro amor! — dizia elle comsigo. — Chegou! E' a virtude que me vence, e eu pensava que a virtude não tinha nenhumas armas. Desconheço-me. Se isto é mais que um momento de fraqueza, está determinado o meu destino. Mas querer-me-hão elles? O fidalgo affrontado acceitará o meu pedido? Não deixaria ella em Portugal um homem que ama?

Em quanto elle assim pensava, dizia Mathilde á sua irmã confidente dos nadas da mocidade:

— Que me diria elle na carta? De certo me não fallava de casamento, senão o pae por força consentiria. Fiquei tão perturbada quando senti a carta na mão, que não soube o que fazia. Se eu adivi-

nhasse que o pae se affligia, não lh'a mostrava. Foi o coração que me enganou. Imaginei que era a pedir-me, porque me tinha dito algumas coisas com uns modos tão affectuosos e serios, que fiquei persuadida de que me queria muito. E olha que eu amava-o, Cassilda; e agora não sei como hei de esquecel-o...

E chorava.

Aqui tem os senhores como os demonios fascinam os anjos. Isto é muito velho assim, e é para lamentar que assim seja, deveras o digo! A mim me quer parecer que Mathilde, tão pura e virtuosa, se não abalaria com as visitas e affectuosas palavras do meu amigo leitor, se o leitor é, como eu penso, um rapaz mui bem composto de maneiras, com grandes creditos de honestidade na sua rua, e provas dadas de não tentar contra a virtude da sua visinha. E' segredo isto, e ninguem se dá a estudar d'onde vem este predominio da maldade velhaca sobre a innocencia timorata. E olhem que se dá o mesmo magnetismo com as senhoras menos innocentes e timoratas. Nem candura, nem experiencia são bastantes a esfriar a electricidade que o demonio empresta aos olhos dos seus predilectos para seduzirem as meninas! Aquella sabida historia de Fausto e Margarida, que não é verdadeira nem fabulosa, mas que de certo é *a verdade*, explica, mediante a intervenção de Satanaz, todas estas encruzilhadas em que a virtude se perde. Já com o poeta inglez se dava o mesmo fadario! Vejam que versos elle fazia, que impudencias tão desanimadoras para corações ajuizados, e afinal de contas as mulheres de Italia andavam atraz d'elle, e afogavam-se ás duzias, creio eu, quando o impudico ia satisfazer as

amoraveis ancias d'outra duzia de creaturas fascinadas pelos olhos, e cégas a tal ponto que não lhe viam o pé coixo! E' coisa do diabo, não póde deixar de ser, e por isso aqui me benzo, e fecho o capitulo.

XVII

O duque, sollicito protector de Francisco Valdez, quiz honrar o fidalgo pobre visitando-o. Contristou-se de ver as meninas occupadas nas obrigações de criadas, segundo inferiu, quando perguntou ao velho se se servia com criados portuguezes.

— Não tenho criados, senhor duque — disse o velho. — A minha casa estava desfalcada a ponto de eu mal poder tel-os em Portugal. Menos os posso assoldadar em França. Minha filha Mathilde é a providencia da casa. Como foi educada no collegio inglez, aprendeu a cozinhar, e tomou a si o encargo da magra panella; as outras meninas cuidam do mais serviço, que pouco é; umas lavam em alguidares, e outras engommam. Graças ao céo, nenhuma se queixa.

— Eu é que me queixo — atalhou o duque — se Francisco Valdez me prohibir que eu dê ordens em sua casa. Tenho criados de sobra, todos portugue-

zes. Vou mandar-lhe um para recados, e uma boa criada que tenho ha dois annos para o serviço interior. Quiz deixar alguns, quando vim para França, mas, a fallar-lhe a verdade, estou affeito a ver morrer em casa os meus criados, e não despeço nenhum. A criada que lhe mando serviu vinte annos o meu amigo Severo de Castro, que morreu commandando uma brigada contra as linhas de Lisboa. Quando me contaram que ella vendera o capote para comprar a mortalha da viuva do brigadeiro, mandei indagar em Lisboa onde ella parava, e mandei-a ir ter comigo a Barcellona, e penso que esta acção agradaria á alma do meu honrado e bravo amigo. Quantas vezes elle me fallou d'ella como se falla d'uma irmã... e, aqui entre nós, eu sempre suppuz que ella fosse irmã natural do brigadeiro...

— Ora queira vossa excellencia dizer-me, senhor duque — interrompeu Francisco Valdez — quando eu estava ainda em Lisboa, ouvi fallar d'um roubo e d'uma morte, em que entrava o filho de Severo de Castro...

— E' verdade: esse grande desgraçado, que eu conheci menino, e não tornei a vêr desde que entrou no Collegio dos Nobres, induziu a amazia d'um Ignacio Botelho, que eu muito conheci, a roubar o amo, quando elle estava a agonisar. Depois, houve ahi tambem umas facadas n'um criado da casa, e não sei que outras desgraças, que levaram a viuva de repente á sepultura.

— E o filho do Castro foi preso?

— Não; fugiu, e é natural que não torne á patria. A Felicia tem-me contado muitas vezes estas coisas, e o meu Valdez pergunte-lhe pela historia, que ella lh'a contará pelo miudo. Ámanhã cá a tem.

O duque não deu ao velho tempo de recusar ou agradecer os favores. Saiu, e na despedida encontrou D. Alvaro Barradas, que o cortejou respeitosamente. Respondeu ao cumprimento com frieza o duque, e D. Alvaro, com o chapéo na mão, disse muito ceremonioso:

—Peço a vossa excellencia, senhor duque, a graça de subir comigo á presença do senhor Francisco Valdez. Venho reparar um aggravo, e desejo que vossa excellencia honre com o seu testemunho a prova de consideração que eu vou dar a esta familia, e ás veneraveis cans do senhor Valdez.

—Bem sei—atalhou o duque.—Faz o que deve. Não se escrevem assim cartas a meninas do nascimento de Mathilde. Nenhuma duvida tenho em acompanhal-o. E reconheço que vossa excellencia é um cavalheiro, seja qual for a natureza da reparação.

Subiram, e entraram á sala, onde Francisco Valdez estava contando ás filhas a folga que lhes dava o duque.

—Torno cá—disse o duque risonho—para ser testemunha d'um desafio. Quero ver quem se bate mais galhardamente em delicadeza e generosidade de animo.

—Ha de ser o senhor Francisco Valdez—disse D. Alvaro—eu deponho já as armas na mão do meu padrinho.

As meninas iam sair, e D. Alvaro disse:

—Peço á senhora D. Mathilde o obsequio de esperar um instante.

—Fica, menina—disse o pae.

—E todas podem ficar, senhor Valdez—continuou D. Alvaro.—Eu escrevi uma carta á senhora

D. Mathilde. Tenho uma desculpa: é a paixão; mas não peço desculpa; é o perdão que venho pedir; mas haja a generosidade de me não arguirem.

— Está perdoado, senhor D. Alvaro — interrompeu o velho.

— E vossa excellencia tem o coração generoso de seu pae? — disse Barradas a Mathilde.

— De certo... que eu não sei o que hei de perdoar... — respondeu ella purpureada.

— Agora, senhor Francisco Valdez, venho pedir-lhe a mão de sua filha.

O velho encarou em Mathilde, e murmurou:

— Menina... isto é comtigo.

— Então? — disse o duque, para cortar o demorado silencio. — Respondam ambos com o sim, e seja o meu Valdez que o pronuncie.

— Disse-o vossa excellencia — accudiu o pae.

D. Alvaro apertou a mão de Mathilde, e depois a de suas irmãs. O duque chamou-o aos seus braços, e passou-o aos braços do velho.

— O padrinho sou eu, não já do desafio, mas do casamento — accrescentou o duque. — A duqueza será a madrinha, e as festas nupciaes hão de ser celebradas em minha casa. Isto tem demora?

— O tempo necessario para eu haver de Portugal as necessarias certidões.

— A minha casa, entretanto, senhor D. Alvaro, está sempre franca a vossa excellencia — disse Francisco Valdez.

— E a minha — ajuntou o duque. — Ora agora veja, se no intervallo, vae ter algum duello, que lhe leve a mão, que é já d'aquella angelica menina!...

— A minha vida de duellos acabou, senhor du-

que, redarguiu Alvaro. Deixei de ser rapaz n'este momento.

—Bom é isso, Valdez, depois de ámanhã aqui venho jantar com D. Alvaro—terminou o duque, dando o braço, para sairem, ao noivo.

O aspecto de Alvaro transluzia muita amargura, que só elle podia ver n'um espelho.

XVIII

No decurso do jantar pactuado, o semblante de Alvaro exprimia ainda a dôr inquieta, que eu estranharia muito aqui, se estivesse no caso do leitor, que só sabe as coisas, e avalia as inquietações dos personagens dos romances, quando lh'as dizem.

Mathilde punha os seus lindos olhos nos de Alvaro, e interrogava n'elles o coração. Nem os chistes do duque, nem a alegria das meninas divertiam a attenção de noivo do ponto escuro que lhe avultava no horisonte do espirito.

— Tem um genio triste, D. Alvaro! — disse o duque. — Parece um velho, que está á mesa, com dores de gota! Converse, conte-nos coisas de Portugal, fallemos da cara patria, que já não é nossa.

— Minha de certo nunca será! — disse Alvaro melancholicamente.

— Por que não? Esperemos, meu amigo. E se eu, com os pés na cova, ainda espero, que fará

vossa excellencia na verdura dos annos! Quantos tem?

— Vinte e nove, senhor duque.

— Pois ahi tem! Quantas revoluções se farão em Portugal d'aqui até aos seus quarenta? A guerra ainda não acabou. Deixe ver o que faz D. Carlos.

A conversação tornou-se politica, e de todo estranha a D. Alvaro, que dirigiu algumas perguntas a Mathilde sobre coisas de Lisboa, cuja sociedade, anterior a 1833, elle mostrava conhecer.

O duque entrou na conversação dizendo:

— Onde estava n'essa época, senhor D. Alvaro?

— Em Lisboa.

O duque, extremamente delicado, pensava todas as perguntas tocantes a factos que podessem suscitar o fallar-se na familia de Alvaro Barradas. Julgava o fidalgo que o mancebo era um cavalheiro da provincia, muito rico, mas muito menos nobre do que apparentava, e d'ahi vinha pautar elle reflectidamente as perguntas que fazia.

— Esteve em collegio de Lisboa? disse o duque.

— Sim senhor, no collegio dos nobres.

— Em que tempo?

— Desde 1821 até 1826.

— E depois foi para a provincia?

— Viajei, senhor duque.

— Se esteve n'esse tempo no collegio dos nobres, havia de conhecer um alumno chamado Manuel de Castro.

— Conheci.

— Deu uma desgraçada saida! Era filho d'um meu particular amigo. E' verdade, Valdez, perguntou alguma coisa á criada?

— Ainda não, senhor duque.

— Perguntei eu, disse Mathilde.

— E então ?

— Contou-me uma historia bem triste!... Faz pena aquella mãe! Quando acabava de saber que o filho tinha feito um roubo, e quasi matado um homem, chegou-lhe a noticia da morte do marido, e morreu de paixão logo ao outro dia!

— Quem, minha senhora? — disse D. Alvaro.

— A mãe do tal Manuel de Castro, que o senhor conheceu no collegio.

— E quem lhe contou a morte d'essa senhora? — replicou o noivo.

— Uma criada, que foi d'ella.

— Da mãe de Manuel de Castro?

— Sim.

— E onde está essa criada?

— Em nossa casa.

— Aqui?!

A maneira espavorida como Alvaro fez esta pergunta devia impressional-o, leitor, se vosa excellencia estivesse á mesa; mas os convivas dos romances não são sempre os mais espertos no descobrimento dos mysterios.

Mathilde continuou:

— O senhor D. Alvaro conheceu o tal infeliz?

— *Infeliz*... é o justo nome que elle tem. Conheci, minha senhora.

— Tinha má indole?

— Não tinha má indole. Pelo contrario, era afavel, meigo, e muito amigo de seus paes.

— Parece impossivel isso! — atalhou o duque.

— Mas é a verdade — replicou Alvaro. — Direi tudo o que sei d'esse *infeliz*, nome bem apropriado que a senhora D. Mathilde lhe deu, e ninguem mais

talvez o tenha substituido pelo de *infame*. Manuel de Castro saiu do collegio, quando completou dignamente o seu curso. Quiz ser cadete e seguir a vida das armas; porém, o pae desviou-o d'isso, dizendo que a profissão militar era a mais espinhosa e mal compensada das carreiras.

— Isso lhe ouvi eu dizer repetidas vezes — interrompeu o duque. — O meu amigo Castro muitas vezes me disse que seu filho não seria militar. N'esse tempo esperava elle vencer o pleito d'uns vinculos em Traz-os-Montes. Sabe que resultado teve a demanda, senhor D. Alvaro?

— Perdeu-a.

— Severo de Castro — tornou o duque — era muito fidalgo; mas o pae e avô desbarataram grandes cazas. Ora queira dizer o nosso amigo o que sabe do Manuel de Castro.

— Sei que saiu do collegio, e entrou no mundo. Quiz hombrear com os grandes, e pediu ao pae recursos para se elevar. O pae não os tinha, e o filho grangeou-os á custa de todos os expedientes. Primeiro, foi feliz no jogo, e teve a ephemera gloria de espalhar ouro ás mãos cheias por entre alguns miseraveis, que o andavam infamando. Depois, desandou a roda debaixo do pé da fortuna, e Manuel de Castro sem amigos, nem honra, baixou-se até á lama para tirar de lá o crime com que sustentava o vicio. Seguiram-se as desventuras que vossas excellencias conhecem. Não sei mais nada do infeliz.

— Faz compaixão! — disse Mathilde com tristeza.

— Compaixão não direi eu — atalhou o duque. — N'esse caso, devemos ter compaixão de todos os salteadores e assassinos que estão no Limoeiro!

— Diz bem, senhor duque — tornou Alvaro Bar-

radas. Manuel de Castro é indigno de compaixão. Lembro-me, porém, que o mundo lhe não daria maiores louvores, se elle se tivesse suicidado antes de praticar o primeiro crime. Chamar-lhe-hia miseravel...

-- E impio — accrescentou o duque — Impio, condemnado eternamente, porque o homem que se mata é imperdoavel aos olhos de Deus.

— Então melhor foi — retorquiu D. Alvaro — que Manuel de Castro se fizesse infame, porque a infamia é susceptivel de rehabilitação, e o arrependimento do crime salva um homem para a sociedade e uma alma para Deus. Pode ser que a esta hora Manuel de Castro seja um justo.

— E' verdade... Quem sabe?! — atalhou Mathilde.

— Mesmo assim, ajuntou D. Alvaro, nenhum de nós o acceitaria para amigo, creio eu. Todos repelliriamos o arrependido, se elle nos viesse pedir a confiança e a benevolencia que Deus concede aos contrictos, e os homens negam aos regenerados... quando os regenerados são pobres.

— Eu lhe digo respondeu o duque — Havia-me de custar muito a apertar a mão d'um mau filho; e, se esse mau filho roubou, e matou, com todas as circumstancias atrozes que completam a perversidade, tomára eu nem vel-o!

— E' tambem o meu parecer — disse Francisco Valdez.

— E o de vossa excellencia? — perguntou D. Alvaro a D. Mathilde.

— Eu...

— Sim; vossa excellencia tambem repellia o Manuel de Castro arrependido de seus crimes, e vergado ao peso da sua ignominia?

Mathilde não ousou responder. Coagiam-n'a os olhos do pae, e o temor de dizer alguma indiscrição desagradavel a Alvaro.

Sairam da casa de jantar, e passaram á sala onde era servido o café.

No momento em que entravam, caminhava em direitura á meza, com o taboleiro das chavenas, a criada que fôra do brigadeiro Severo de Castro.

D. Alvaro adiantou-se, parou diante d'ella e disse:

— Tambem tu me repelles, Felicia?

Felicia cravou os olhos pavidos no rosto do homem que lhe fallava, vacillou, e as chavenas escorregaram do taboleiro ao pavimento. Alvaro avisinhou-se mais d'ella, e continuou:

— Tu, que me conheceste creança, e me chamavas anjo, e não acreditavas que eu, tão bom e meigo, podesse ser d'este mundo, tambem tu me repelles?

E Felicia lançou-se aos braços d'elle, exclamando:

— O senhor Manuel de Castro!

Quando os circumstantes se contemplavam uns aos outros, com as boccas abertas e as respirações suspensas, Manuel de Castro tomou o chapéo e disse, indicando a criada:

— Tenho no mundo esta unica affeição. Tu serás feliz, em recompensa da mortalha que déste a minha mãe. Senhor Francisco Valdez, Manuel de Castro reconheceu que era indigno de sua filha, quando ha pouco ouviu a justa conta em que o tinha o mundo. Jurei então de me despir d'um falso nome, para não praticar a nova infamia de o illudir sob apparencias de virtude e nascimento illustre. Se meu pae era o grande fidalgo, que disse o senhor duque, não sei. De mim sei eu que sou um miseravel sem

nome, porque amanhã, fóra de França, terei de inventar outro. Nem nome, nem patria, nem esperança de rehabilitação!

E saiu, quando a creada, que o vira menino, e lhe amortalhára a mãe, correu a querer ainda abraçal-o.

Mathilde perdêra os sentidos nos braços de suas irmans.

XIX

Antes que este admiravel caso acontecesse em Paris, andára em Lisboa um hespanhol, indagando noticias de um orphão, que ficára de Ignacio Botelho. Com as indicações, que o enviado trazia, facil lhe foi descobrir o nome e morada do tutor do orphão.

Disse o hespanhol ao tutor que vinha restituir uma avultada quantia, que, em tempos, fôra desviada da fortuna de Ignacio Botelho. Respondeu o tutor que já não era elle coisa alguma nos interesses de Augusto, filho do seu defuncto amigo, pois que uma irmã d'este vencera um litigio, em que ficára desherdado o orphão.

Escreveu o hespanhol a Manuel de Castro perguntando-lhe o que devia fazer ao dinheiro. Castro, que demorava então em Madrid, respondeu que o entregasse aos herdeiros de Ignacio Botelho, e soubesse o destino da creança.

Foi o commissionado a Mont'alegre, e entregou a D. Leonor o dinheiro. Cobrou o titulo de recepção, e pediu noticias do orphão. Leonor respondeu que o menino estava n'um collegio, estudando humanidades para depois se formar. Teve a miseravel creatura vergonha de confessar que o filho de seu irmão estava ao serviço do mercieiro de Chaves, a guardar os porcos e os meninos do mercieiro.

Voltou o portador da commissão a Hespanha, e Manuel de Castro saiu para Paris.

A consciencia do cumplice de Castro socegou; mas eu não sei bem se a palavra consciencia está aqui escripta com acerto. Sair o homem com o roubo de Portugal, e achar a consciencia em Madrid, parece-me isto coisa que nem os romancistas cabalmente explicam! Seja o que fôr, esta restituição dá a pensar que Manuel de Castro não era ladrão por amor da arte, e que andava de melhores avenças com a sua razão despojando-se de coisa que não era sua. Verdade é que o merecimento de restituir dez, quando nos sobram cem, é muito menor que o de respeitar os dez dos outros quando se não tem um. Isto, que eu digo, póde ser que seja um paradoxo; pelo menos, é bonita virtude com que só se enfeitam os que não podem violal-a em secreto, e apregoal-a em publico.

D'um ou d'outro modo, quer-me parecer que o ladrão deixa de o ser logo que restitue o roubo, pelo menos em theologia moral é corrente assim a coisa: no codigo criminal não sei. Por este lado, o leitor não duvidaria apertar a mão a Manuel de Castro, ou, se não, tem de a retirar a muitos dos seus amigos, que não começaram ainda a regenerar-se. «Este mundo é um covil de ladrões» diz um precioso li-

vro que tenho á vista. D'este livro um dos capitulos reza assim: *Dos ladrões, que furtando muito, nada ficam a dever na sua opinião.* Estes é que são os ladrões por excellencia, e com excellencia. Veja-se o livro de Thomé Pinheiro da Veiga, chamado *Arte de furtar*.

XX

NINGUEM obstou que Felicia indagasse a residencia de Manuel de Castro.

— Vou procural-o, disse ella, porque o pobre menino me disse que não tinha outra affeição n'este mundo.

Mathilde sabia onde morava Castro, e, n'um instante em que a deixaram sósinha com a criada, balbuciou a residencia d'elle, acrescentando estas palavras:

— Diga-lhe que conte com uma segunda amiga n'este mundo, e que não desespere da bondade divina.

Manuel de Castro ouviu o recado de Mathilde, e a fiel relação do accidente e febre consecutiva, que tinha a pobre menina no leito da dôr.

Castro levou a mão á fronte, e disse mentalmente:

— É completa a revolução, que se opera em mim!

E, n'essa mesma hora, escreveu assim uma carta, que Felicia prometteu entregar:

«Mathilde.

«Eu era o infame que o mundo dizia.

«Era o ladrão, que não soube esmagar o orgulho do seu nascimento, e encostar-se honrado a uma esquina, pedindo esmola, ou deixando-se morrer de fome.

«Era o homicida, que se lançou como sicario traiçoeiro a um homem, que tinha o segredo da minha infamia.

«Vi endoudecer de remorsos uma desgraçada; atirei-a ao meu abysmo, e fugi-lhe.

«Mathilde sabe que está n'um hospital essa mulher, que eu não posso resgatar, porque é irremediavel a sua demencia.

«Fugi-lhe para morrer mais longe. Queria vingal-a e vingar o mundo, matando-me, quando me visse forçado a manter com um novo crime a minha scelerada inercia para o trabalho decoroso.

«Enriqueci, sem deshonra. Enriqueci nas salas, onde o oiro se me offerecia aos montes. Enriqueci, quando empobreciam outros, que tramavam espoliar-me a mim. Enriqueci no jogo.

«Paguei o roubo; mas a nodoa infamante ficou; paguei o roubo, mas o espinho do remorso multiplicou-se em mil espinhos. Eu via sempre diante de mim uma mulher douda, e um homem ensanguentado. Tive pejo da minha credulidade, e indaguei o viver dos homens felizes que me rodeavam. Uns eram ladrões nobilitados, outros eram homicidas impunes, outros coroavam-se com as flores que tinham arrancado da fronte de muitas virgens, umas

já mortas de vergonha, outras fazendo mercancia do seu opprobrio.

«Quiz-me consolar com estes confrontos, e não pude.

«Fugi para onde o tinir do ouro me aturdisse, e ganhava sempre, como se tivesse vendido a alma ao inferno a troco da felicidade no azar.

«Mas eu não podia fugir de mim mesmo!

«Traspassado de fogo e de agonias atrozes, cheguei a entrar nos templos, a occultas dos homens, para não ser escarnecido e vituperado.

«E ahi ajoelhava no recanto mais escuro, e dizia: «Meu Deus! deixae-me regenerar!»

«Surdo o céo, a natureza impassivel, tudo immerso no horror do silencio! O meu demonio é que me respondia: — Ergue-te d'ahi vil supersticioso! tu não tens senão um goso dos que dá o inferno: joga sacia-te de ouro, ceva-te nas lagrimas de cem familias, que reduzes á fome, n'uma só das tuas noites de febre. Joga, aponta com o teu dedo a carta, que é a um tempo o teu manancial de delicias, e o titulo de venda da tua alma! Aponta, que os griphos d'um demonio empolgarão para ti os montes de ouro.

«Comprei quantos deleites me saiam ao encontro: eram tragos de peçonha que eu bebia. Affrontei os fortes, os caprichosos, os bravos, que tinham ganhado um nome á custa dos nomes que riscavam d'entre os vivos. A idéa da morte era-me como a gota de agua que o avarento pedia ao justo d'entre as lavaredas da sua caverna. Via cair os fortes aos meus pés. O mundo applaudia-me os triumphos, e as almas aviltadas á protervia feliz — tantas, meu Deus! — rodeavam-me devoradas de inveja umas, e outras devoradas d'amor. Mulheres e homens todos

de rastos na trilha do ouro que eu deixava após de mim!

«Quando te vi, Mathilde, era eu assim um scelerado, a quem o céo negava o refrigerio do bem que fazia a mãos largas, das lagrimas que remia onde quer que o timido anjo da caridade m'as mostrasse. Mostrava-m'as, e fugia, que Deus lhe negou para mim o dom do conforto, e as consolações intimas que tanto espinho de remorso desencrava.

«Era eu assim quando te vi, Mathilde.

«Depois, soube o que era chorar, chorar porque te havia de perder.

«Oh! eu já sabia que tu me havias de amar. Sabia-o. Disse-m'o o meu demonio, que te escolhera como o supremo instrumento do meu castigo. Sabia que não poderias ser minha, porque eras um anjo, e eu o infamissimo dos homens, o mais desgraçado dos infames. O mais desgraçado é aquelle que não pode estrangular a sua consciencia.

«Meditei enganar-te. Ser teu marido. Fugir comtigo, embrenhar-me n'um sertão onde ouvidos humanos me não ouvissem, e ahi dizer-te: Lucta com Satanaz, e arranca-lhe das garras a minha alma.

«E tu perdoar-me-hias, Mathilde. E as tuas lagrimas de pena, de arrependimento não, lavar-me-hiam, e de teus pés eu me ergueria com a face sem o ferrete, que já agora ha de aqui queimar-me eternamente.

«Eu bem sabia que te havia de perder, e que tu havias de chorar-me, infeliz anjo!

«Chamaste-me a mim *infeliz!*

«Oh! Deus te pague em alegrias da terra e do céo o bem que me fizeste! Eras a primeira crea-

tura que não dava uma bofetada na face do justiçado exposta ás affrontas do mundo.

«Levo-te na minha alma, pura visão d'um instante; sei que me hei de resgatar pela dor da saudade. Chorei. Foi muito, foi o primeiro favor de Deus. Conheci que ha uma providencia e uma justiça superior á dos homens.

«Adeus, Mathilde. Quando na tua presença amaldiçoarem o meu nome, ergue o teu coração a Deus e pede-lhe que salve do meu abysmo os infelizes que se aproximam d'elle, empurrados pela sociedade, que os ha de crucificar depois.

«Adeus!»

Mathilde leu a carta, rasgou d'ella uma tira de papel sem lettras, e escreveu a lapis estas linhas:

Espera que eu me possa erguer d'este leito, e depois irei comtigo onde Deus quizer. Juntarei as minhas orações ás tuas, e venceremos o teu mau destino. Sei que me esperas porque me amas.

Mathilde.

XXI

AUGUSTO Botelho desejou formar-se em Coimbra. Teve apenas de vencer o obstaculo da saudade que lhe oppunha Gregorio e sua mulher. Queria Rosa que fossem habitar em Coimbra durante a formatura de Augusto; mas Gregorio, a esse tempo, estava muito enredado em negocios com o governo, cujo credor elle era.

Gregorio credor do governo portuguez! exclama a Europa.

E' verdade, que não ousareis contestar-me, ó nações civilisadas! O governo portuguez devia ao senhor Gregorio Redondella algumas duzias de contos, que poderam amparar um ministerio que esteve a baquear-se por um cabellinho! Com o dinheiro de Gregorio, ganhado na taverna do Leão das Hespanhas, no *rethiro admirabele*, e na taverna das rua das Gavias, e na carvoaria, com esse dinheiro pagou o ministro da guerra á guarnição do

Porto, que queria sublevar-se, e com isso consolidou a sua permanencia no poder.

Se a guarnição se revoltasse, das duas uma: ou o ministerio se demittia, e vinha outro peior que assoprava a revolta; ou o ministerio resistia, e, sob qualquer pretexto, a quadrupla alliança e os hespanhoes vinham por esta patria dentro, e senhoreavam-se d'ella em nome da ordem e do equilibrio social. Vista a questão por esta racionalissima face, a nossa autonomia deve-se ao senhor Gregorio. Viva, pois, a independencia nacional, e o senhor Gregorio, que sendo gallego, tinha nas entranhas uma faisca dos bravos de 1640, faisca que entra em corpos de gallegos porque não acha peitos portuguezes em que se metta.

Foi Augusto para a universidade, e distinguiu-se na vida estudiosa e no porte honesto. A sua mesada era sobeja, e das demasias repartia com academicos pobres, que ali iam provar que a vida de sapateiros lhes seria menos espinhosa e muito mais promettedora de lucros.

Foi egual ao primeiro em todos os annos. Formou-se, doutorou-se, e concebeu o plano de viajar, se o não contrariasse a vontade de Gregorio.

O pobre homem chorou, quando tal soube; mas accedeu, dizendo que a felicidade do seu filho era a d'elle propria.

Foi Augusto Botelho despedir-se a Evora de Carlota, e achou-a feliz. Pediu-lhe que fosse fazer companhia a Dona Rosa. *(Dona?* porque não! A esposa do sr. Gregorio já tinha sido convidada para madrinha d'um filho de official maior de secretaria, e andára a passear no passeio publico com uma baroneza, e fora ao tivoli com as irmãs d'um conse-

lheiro, e tinha já um cunhado commendador, o qual commendador era latoeiro, quando Gregorio casou.) Carlota condescendeu com Augusto, e saiu para a companhia de D. Rosa, que passava o inverno na cama com ataques de rheumatismo agudo.

Levou Augusto pára o estrangeiro muitas cartas de recommendação, colleccionadas por Gregorio nos gabinetes dos ministros e dos diplomatas.

Deteve-se em Paris o tempo necessario para se aborrecer, fugiu de Londres que não tinha sol nem lua, e foi para a Suissa, onde o convidava a fama das alcantiladas serras e pittorescas collinas e prateados lagos, que elle amava como poeta sedento de coisas grandiosas.

Estanceou alguns dias na terra natal de J. J. Rousseau, e desceu ás margens do lago de Genebra. Ahi ficou embellesado nas surprehendentes maravilhas que lhe absorveram o anceio de ver muito em rapido lance de olhos. Tomou um pequenino *chalet* pendurado na proxima encosta, e de lá escreveu aos seus amigos dizendo que descançaria tres mezes n'aquelle ponto, o mais lindo do universo.

Andava, n'uma tarde, Augusto passeando á borda do lago, e viu um grupo de pessoas sentadas sobre o prado matisado de boninas. Era um homem de meia edade, uma senhora de trinta e tantos annos, dois meninos de oito e cinco annos, e uma creança no collo da ama. O chefe d'aquella familia estava lendo em voz alta. O menino mais velho ouvia, com o braço enroscado ao collo de sua mãe. O immediato brincava com um bello molosso; e a ama colhia flôres, que a creancinha desfolhava.

Augusto parou, a pequena distancia, contempla-

tivo, disfarçando o seu reparo. Foi-se aproximando como quem seguia seu caminho, e ouviu a pronuncia do leitor: era portugueza. Já mais de perto conheceu que eram versos dos Lusiadas, no episodio de Ignez de Castro.

Não conteve Augusto o seu espanto, se não era mais ainda saudades da patria, vendo portuguezes no lago de Genebra, e ouvindo tão longe os versos queridos de Camões. Parou tão visinho do grupo, que a dama fitou n'elle os olhos com certo enleio tambem de admirada da audacia.

— Peço perdão — disse Augusto. — Parei porque sou portuguez, e ouvi a musica da minha patria.

O cavalheiro, que depozera o livro para encarar no adventicio, disse:

— E' portuguez!? bem vindo seja o nosso patricio. Não tem de que pedir desculpa. Somos todos portuguezes, excepto estes meninos, que ainda assim folgam de ouvir o poema, que não deixa morrer o nome da patria de seus avós. Ha quanto tempo está na Suissa?

— Ha poucos dias, e aqui demorarei tres mezes, se a impressão deliciosa, que sinto, se não gastar.

— Aqui, não se gastam as impressões, meu caro patricio. Renascem em cada repontar de manhã e esconder do sol. Sente-se comnosco, e ajude-nos a admirar. Vive perto do lago?

— Além, no morro d'aquella encosta.

— Perto vivemos. A nossa casa, ha sete annos, é a que o senhor encontra do outro lado d'este outeiro.

— Pois ha sete annos que sairam de Portugal?

— Ha mais. Viajámos e parámos aqui, e aqui morreremos, se Deus não contrariar os nossos votos. Donde é?

— De Lisboa.

— Quando saiu de lá ?

— Ha nove mezes.

— Deve estar muito mudada nas coisas e nos homens !

— Conheci-a sempre assim nas coisas : os homens é que estão mais civilisados. Ha mais cavallos e carroagens.

— E' então o cavallo que prova a civilisação do homem ? Bom é que assim seja, para que o homem possa dar cavallo por si.

Riram todos da graça, e a esposa accrescentou ao riso :

— Quem me dera ver a Lisboa da minha infancia.

— Porque não vae, e volta, se ama tanto estes logares, minha senhora ? disse Augusto.

— Não vamos porque o Sá de Miranda recommenda que ninguem se mude, se está bem. E o senhor quando volta ? — perguntou o cavalheiro.

— Passados alguns mezes.

— Quer-nos dar a honra da sua convivencia ?

— Acceito-a com muito reconhecimento.

— Mas o dever é que eu o visite primeiro, senão convidal-o-hiamos a ir tomar chá comnosco.

— Pois eu — replicou Augusto — prescindo da ceremonia para não perder o obsequio e o prazer de os acompanhar.

Foram conversando sobre diversos relanços das viagens que ambos tinham feito nos mesmos paizes.

Augusto maravilhou-se da belleza do *chalet* do portuguez, e das fertilissimas searas, que o rodeavam, e se debruçavam no pendor da montanha para irem continuar no valle em dilatadas varzeas.

— Arrendou estas propriedades, ou ellas não pretencem á casa? — perguntou Augusto.

— Comprei a casa e as propriedades. Não tenho mais do que isto que vê, e d'aqui tiro a frugal subsistencia da minha familia. Ainda lhe não disse o meu nome, para me auctorisar a perguntar-lhe o seu.

— O meu nome é Augusto Botelho.

A esposa do cavalheiro soltou um ai que fez estremecer Augusto. O marido impallideceu com os olhos fitos no hospede; mas caindo em si no mesmo repente, disse:

— Minha mulher não pode ouvir pronunciar o nome *Augusto*, sem que o coração lhe mande aos labios um involuntario gemido. Augusto era um irmão querido, cuja morte ella ainda chora.

— Fui, pois, eu a causa d'uma dôr, que não podia prever...—disse Augusto, crendo, sem vacillar, na explicação do grito.

Dizer ao leitor que os habitantes das margens do lago eram Manuel de Castro, sua mulher e filhos, seria duvidar de sua penetração.

Agora, em quanto Augusto se está recreando, em pueris dialogos, com os filhinhos de Mathilde, e Manuel de Castro se recobra lentamente do alvoroço, que lhe fez a quasi certeza de ter em sua casa o filho de Ignacio Botelho, saibamos os successos ulteriores áquellas linhas da filha de Francisco Valdez.

Castro, lido o bilhete, sentiu em sua alma um novo raio de graça divina. Já o raptar ao velho Valdez a filha se lhe afigurou uma indignidade. A paixão, que elle sentia, sinceramente era a primeira porque era muito n'ella o respeito e a adoração; todavia, pensava elle que o roubar Mathilde ao pae seria prolongar a serie de seus infortunios e encra-

var novos espinhos na consciencia. Prometteu a Mathilde esperar que ella tivesse forças para seguil-o, e logo rompeu por todos os estorvos do seu orgulho para ir lançar-se aos pés do duque, e pedir-lhe que o levantasse do seu abysmo, e ouvisse a voz de Severo de Castro, que lhe estava supplicando pela voz do filho.

O duque chorou, e venceu a repugnancia de apertar ao seio o infeliz filho do seu amigo. Comprehendeu logo o compassivo fidalgo que era Mathilde o anjo redemptor d'aquella alma; e que Manuel de Castro, abandonado d'ella, voltaria á vida da libertinagem, ou á desesperação do suicida.

Prometteu o duque fallar com Francisco Valdez, sem assegurar o bom exito da tentativa.

Ao mesmo tempo, Mathilde pedia a seu pae que lhe ouvisse uma confissão sincera como ella a faria a Deus. E confessava o seu desgraçado amor a Manuel de Castro, e a precisão de morrer, para que seu pae a não amaldiçoasse por alguma desobediencia. O velho chorou com ella.

Santo Deus! por que é que ninguem odiava Manuel de Castro? D'onde procedia o compadecerem-se todos d'elle, e andarem como a esconder de si mesmos o affecto que lhe tinham?

As irmãs de Mathilde fallavam d'elle como a leitora costuma fallar d'um mancebo muito virtuoso, que conhece, e a quem todos os paes querem dar as suas meninas. O velho Valdez, para se desculpar a si proprio, dizia no secreto da sua consciencia, que todo homem tem rapaziadas e loucuras que o levam a crimes, se a mão severa d'um pae o não retem, contra os impulsos que a sociedade lhe dá.

Assim estava amolentado o animo de Valdez, mas

indeciso ainda o requerimento de Mathilde, quando o duque, depois de engenhosos rodeios, chegou ao ponto de dizer que se tivesse uma filha, e ella amasse Manuel de Castro, não teria duvida em dar-lh'a. Isto em quanto a mim era mentira; mas passe, que mal se póde conseguir sómente com argumentos verdadeiros coisa que preste, neste mundo, e neste seculo patarata.

Francisco Valdez nem levemente resistiu á solicitação do duque, muito menos quando o respeitavel fidalgo lhe disse que Manuel de Castro restituira o furto indirecto que fizera, logo que teve recursos para restituil-o, e a este proposito veio citando passagens d'aquelle capitulo, já mencionado a paginas, da *Arte de furtar*, e dos ladrões que em sua opinião entendem não dever restituir.

Depois d'esta pratica, pediu o duque venia para entrar ao quarto de Mathilde, e annunciou-lhe o dia aprazado para o casamento, se ella estivesse restabelecida. Nem a homœopathia conseguiu ainda maior triumpho! Ao outro dia, Mathilde estava a passear, e a fazer-se rosada e linda, que seria mesmo peccado não amal-a!

Sabedor do resultado das suas supplicas ao duque, Manuel de Castro, com grande espanto de seus conhecidos, vendeu os trens, vendeu as alfaias do seu palacête, despediu os criados, e tomou um singelo quarto em hotel obscuro. Os seus haveres, realisadas as vendas, cifravam-se em trinta ou quarenta contos de réis.

O duque maravilhou-se d'esta resolução, e perguntou ao noivo o motivo de tal mudança. Respondeu Manuel de Castro que saía de Paris com sua esposa, logo que se recebessem, e ia comprar terras

na Suissa, onde tencionava residir, em ditosa obscuridade e esquecimento do mundo.

O duque approvou o alvitre, e curou de obter com a sua influencia a necessaria licença para o casamento, sem dependencia de certidões.

Celebraram-se os desposorios, sem mais testemunhas que a duqueza e seu marido, Francisco Valdez e suas filhas.

No dia seguinte, sairam os noivos para a Suissa e lá se aposentaram n'aquella cazinha em que os deixamos com Augusto Botelho.

Como temo de ouvir argumentar que a felicidade absoluta neste mundo é uma paradoxal visão dos poetas, por isso me reprimo de dizer que Mathilde e Manuel de Castro tinham sido absolutamente felizes nos oito annos que haviam vivido á margem do lago de Genebra.

Nem homem mais amado, nem mulher mais estremecida ajuntou Deus, depois que expulsou o primeiro casal do Eden. Se alguma vez, o espirito lhes fugia para a patria, o coração ficava lá, emquanto o espirito vinha e ia nas azas da saudade sem dor, e da esperança vaga sem anciedade. Muitas vezes se disseram :

— Voltaremos a Portugal ? !

Mas esta pergunta era logo reprehendida por outra que a si mesmos se faziam os venturosos esposos :

— Não somos nós aqui tão felizes ? !

XXII

Manuel de Castro não tinha ainda dito o seu nome ao moço viajante; mas já Augusto o chamava pelo seu appellido. Ouvira-o proferir aos criados, e nem por uma d'essas instantaneas reminiscencias que vagamente preoccupam a memoria, se lembrou do Manuel de Castro, tantas vezes fallado na sua infancia.

Dizia Mathilde sobresaltada a seu marido, emquanto Augusto Botelho andava no terraço da casa folgando com as creanças:

— Estás certo que é este o filho de Ignacio Botelho?

— Deve ser; mas não estou bem certo, filha. Hei de ter logo a evidencia.

— Tencionas declarar-te?

— Por que não?

Quando Augusto voltou á salêta, em que era servido o chá, pediu desculpa de ter-se demorado a

contemplar o lago, que, áquella hora da noite luminosa, parecia encrustado de prata.

Manuel de Castro disse que, depois do chá, desceriam ambos á margem do lago, e navegariam alguma hora encostados á costa.

Acceitou Augusto muito alegre o convite, e lastimou-se de não ser poeta, como os poetas que versejam, para poder cantar as suas commoções.

— Pois nunca fez versos? — disse Castro.

— Versos, nunca. Escrevi umas linhas que eu nem já sei o comprimento que tinham. Era eu muito menino, e muito desgraçado quando quiz cantar as minhas dores.

— Pois foi muito desgraçado quando era menino? — atalhou Castro.

— Muito, fui muito desgraçado.

— Ha de contar-me os seus infortunios em proza, já que perdeu a memoria das suas poesias, sim, sr. Augusto?

— Contarei, sem pejo, e até sem desprazer.

— Pois logo será, sobre as aguas do lago — disse Castro.

— E eu não hei de ouvir tambem? — acudiu Mathilde.

— E queres tu ir ao ar da noite? Não receias uma constipação como tantas que tens trazido da beira d'agua?

— Hoje não receio; e, se me constipar, tu continuas a ser o meu enfermeiro, filho.

Desceram ás dez horas á margem, e saltaram n'um barquinho de rodas, que obedeciam ao descançado impulso de dois dedos.

Nos primeiros quinze minutos ninguem fallou. Parece que a natureza, tomada de respeito, emmude-

cêra na presença d'aquelle céo, ou o céo estava em correspondencia de mysteriosas e inaudiveis palavras com as aguas limpidas do lago, onde a lua se espelhava em cada ondulação movida pelo zephiro. Depois, Manuel de Castro, guiando o barquinho a uma enseada em que as aguas eram mortas, abriu mão da manivella, e deixou-o baloiçar-se brandamente ao sabor da viração.

— Conte-me agora a sua infancia, sr. Augusto — disse elle.

Principiou o hospede recordando-se de sua mãe, que escassamente lhe deixára traços já quasi desvanecidos; mas esses poucos bastaram a commoverem-no a lagrimas, que não choraria, se o local, e a hora, e as circumstancias fossem outras. Ás vezes se dá o inintelligivel phenomeno de recebermos de fora a exuberancia de sentir, que nos faz chorar por coisas, que em outros logares, de todo seriam indifferentes ao nosso espirito.

Fallou com muita saudade de seu pae, e repetiu phrases d'elle, cujo valor dependia todo do amor filial que as recordava. Contou em seguida a morte solitaria d'elle, e reflectiu no desamparo em que morrem aquelles, que se esquecem nos annos vigorosos de crear uma familia a quem dôam os gemidos da agonia.

— Eu sei que dormia na ante-camara do quarto em que meu pae agonisava—disse Augusto com abafadas vozes.—Dormia, porque era uma creança; e, em quanto eu dormia, uma desgraçada mulher, seduzida por outro desgraçado como ella, tratavam de espoliar parte do dinheiro que havia em casa. Houve, n'essa formidavel hora do passamento de meu pae, horrorosas scenas de sangue. Um criado,

que tinhamos, querendo obstar ao furto, foi apunhalado, e conduzido moribundo a um hospital, e a governante, que eu tinha em conta de mãe, endoudeceu de remorso, quando a consciencia lhe abriu os olhos para ver a sua infamia.

Manuel de Castro sem desfitar os olhos dos reverberos da neve eterna que, muito ao longe, cobria os cabeços do Monte-branco, escutava a narração de Augusto.

O sobrinho de D. Leonor proseguiu historiando a sua ida para Mont'Alegre, o desamor com que o receberam, o destino que lhe deram, á demanda em que foi vencido, e espoliado das ultimas migalhas do seu patrimonio.

N'esta passagem, foi, pela primeira vez, interrompido por Manuel de Castro, que lhe perguntou se elle não estivera n'um collegio estudando preparatorios para cursar a Universidade, a expensas de sua tia.

Maravilhou se Augusto da pergunta, e deteve-se a pensar no sentido occulto d'ella, antes de responder que só mais tarde estivera no collegio dos nobres, mas não a expensas de sua tia.

Castro remediou a precipitação da pergunta, dizendo que o julgava educado á custa d'essa parenta, embora ella o desherdasse, por não imaginar que pessoa estranha tomasse a si o encargo da sua formatura.

Achou Augusto natural o reparo, lembrando-se que antes de começar a historia da sua infancia já havia dito a Castro que era formado, e estudára os preparatorios no collegio dos nobres.

Continuando, respondeu aos reparos contando o encontro, que tivera com o criado, ferido na defeza

do seu patrimonio, quando o antigo criado estava rico. Disse a grandeza d'alma de Gregorio, e o amor de filho que lhe consagrava, sem pejo de o confessar.

Fallou de Carlota, das diligencias feitas para encontral-a, e da miseria extrema em que a viu, depois de andar mendigando por portas o alimento da mãe cega. Narrou o acolhimento que lhe dera Gregorio, a delicadeza da sua caridade, a ponto de nunca recordar á infeliz as scenas atrozes que a levaram á demencia, como expiação do crime. Descreveu-a, depois, no convento de Evora, com apparencias de felicidade, orando, trabalhando, e esperando a morte com alegre semblante, sem comtudo a pedir a Deus.

Mathilde chorára na ultima parte da narrativa do hospede, que fôra eloquente na pintura do infortunio, como quem tinha ainda no espirito as cores, as imagens entalhadas pelo ferro das fomes, dos ultrajes, e dos desesperos abafados. Atravez de dez annos, no collegio, na universidade, nas salas, e nas viagens nunca o filho de Ignacio Botelho encontrára alma digna das suas expansões. Era aquelle portuguez, acantoado na Suissa, o primeiro homem que lh'as ouvia, o primeiro coração que acordára as sympathias do moço. O rosto angelical e compadecido de Mathilde parecia offerecer a Augusto uma alma de mãe para lhe entender as filiaes saudades. Desde que o narrador viu lagrimas no rosto d'ella, deu largas á sua magoa, e mostrou quantas joias de elevados sentimentos enthesourava no seio, acrizoladas no cadinho da desgraça, e relevadas no quilate ao fogo brando da religiosidade e da confiança na justiça divina.

Terminada a historia, Manuel de Castro apertou a mão de Augusto, e disse-lhe commovido:

— Deve haver nas personagens do seu drama um ente, de quem pouco me disse, e esse de todos é o unico infeliz, porque parece que não houve quinhão para elle, nem de remorsos nem das recompensas com que, cedo ou tarde, a Providencia foi recompensando todos os outros. Quero fallar do homem que acceitou o roubo de Carlota, e nunca mais restituiu.

— Restituiu — atalhou Augusto.

— Sim?! — tornou com vehemente jubilo Manuel de Castro.

— Restituiu a quem, segundo a lei, devia restituir. Soube-o eu sete annos depois da restituição... Já lhe disse que minha tia era casada com um magistrado, despedido do serviço como miguelista, posto que o pobre tolo acceitaria ser tudo, e servir com o diabo, se este sujeito tivesse juizes de fóra nas suas judicaturas infernaes. O certo é que minha tia, ha dois annos, expulsou pela terceira vez o marido, e fugiu para Hespanha com um filho segundo, que se encarregou, mediante o sustento e o vestido no estrangeiro, acariciar os annos já inverniços da perdida creatura.

O bacharel andava lá por Mont'Alegre caindo de miseria, quando lhe occorreu o pensamento de ir a Lisboa pedir ao governo algum baixo emprego para subsistir. Andou o homem em Lisboa pelas secretarias os dias de seis mezes; e de noite esmolava, dizendo sem pejo o seu nome e a sua antiga posição na magistratura. Uma das pessoas a quem elle pediu esmola foi Gregorio. O bom homem, como curioso por bondade de indole, quiz ouvir-lhe a his-

toria, e conheceu que fallava com o marido de minha tia Leonor. Disse-lhe que o acompanhasse, deu-lhe em sua casa um quarto, mandou-me ir de Coimbra ás ferias de natal, e apresentou-m'o, perguntando-me se eu o conhecia. A custo me recordei da physionomia do doutor Silva, sulcada pela velhice, e pela miseria. O desgraçado, ao conhecer-me, emparveceu, e quiz ajoelhar-me aos pés. Tomei-o nos braços com sincera compaixão, e entreguei-o á protecção de Gregorio, cujo valimento bem podia levantar o homem muito acima das suas mais ambiciosas esperanças. E levantou-o até o fazer auditor. Ora, foi então que o marido de D. Leonor, contando as mal-feitorias d'ella, denunciou que a quantia, roubada do espolio do meu pae, lhe fôra restituida um anno depois que eu fui mandado guardar os porcos e os meninos do especieiro de Chaves. Já vê, portanto, vossa senhoria — acrescentou Augusto — que não ha personagem alguma execravel na melhor tragedia. O bom Gregorio, quando soube da restituição, disse com jovial sombra: «Está feito! o homem, se me restituisse o sangue, que me tirou das guelas, ficava sendo honrado na minha opinião!»

Manuel de Castro, finda a miuda exposição que levou horas, aproou á terra o barquinho, e mandou um de seus criados acompanhar Augusto ao seu *chalet*, pedindo-lhe que no dia seguinte voltasse mais cedo para navegarem o lago d'uma a outra margem,

Ausente Augusto, dizia Manuel de Castro a sua mulher:

— Como poderei eu dizer-lhe quem sou?! Nada me obriga a fazel-o, salvo o coração que me impelle a abraçal-o!

— Deixa-me a mim dizer-lh'o — respondeu Mathilde.

— Não! — replicou Manuel de Castro. — De que serviría o dizel-o? Augusto terá o direito de perguntar-me com o seu silencio se eu devo os bens que possuo ao dinheiro, que roubei do espolio de seu pae. Para que ha de elle conhecer-me? Este meu desejo em que necessidade se funda? Deixemol-o viver na ignorancia de quem foi o homem a quem elle confiou o segredo das suas desgraças. Eu não sei como o mundo me avaliaria se eu contasse a restituição como merecimento. Creio que mal, Mathilde. Só tu me ergueste aos meus proprios olhos, porque me déste o baptismo das tuas lagrimas. O mundo não tem coração. Augusto, com quanto generoso, levará de mim uma recordação negra.

XXIII

O sr. Gregorio Fernandes Redondella amanheceu um dia com grandes saudades de Augusto.

Communicou á esposa a sua inquietação; e, com este prazer agri-doce, conheceu que tinha uma companheira de sentimentos. Na vespera recebêra o sr. Gregorio carta de Augusto, escripta de Genebra, e a triste noticia da sua demora de tres mezes na linda vivenda que tomára nas montanhas sobranceiras ao lago Heman.

O capitalista não sabia nada de geographia; rasão de mais para se desgostar de que o seu Augusto escolhesse montanhas para viver, tendo-lhe elle recommendado que fosse estar em Roma, que era a primeira cidade do mundo, e não viesse de lá sem ver o papa, — recommendação em que a sr.ª D. Rosa insistiu muitas vezes.

— Está-me cá dando uma venêta d'aquella casta, Rosa! — disse Gregorio, quando se estava lavando — Vê lá se adivinhas, mulher!

— Ora, se adivinho, meu tolo! Eu leio te no coração...

— Pois se lês, diz p'r'ahi o que sabes.

— Tu estás a pensar em ir aonde está o menino.

— Déste no vinte! Agora é que te digo que tu lês no meu coração, Rosinha! E que mais? não lês mais nada?

— Leio, Gregorio, podéra não lêr... Isso é dos livros...

— Então, diz lá.

— E queres levar comtigo a tua Rosa.

— Cáspité! Sem tirar nem pôr. Vamos, rapariga.

— E' quando quizeres, homem!

— Assim que houver vapor.

— Mas o peior é que a gente não sabe como ha de lá por essas terras de Christo perguntar o caminho para as montanhas. Mas diz o lá dictado que quem tem bocca vae a Roma.

— E quem tem dinheiro vae lá mesmo sem bocca, mulher. Eu vou entender-me com o mestre de francez de Augusto, e elle escreve-me as perguntas em francez p'ra nós lá por fóra sabermos como havemos de pedir de comer lá por essas estalagens da França e da Inglaterra... Acho que o caminho para a Suissa é pela Inglaterra.

— Pois, homem, tracta de saber essas coisas. Olha que o menino, quando nos vir, fica pasmado!... E, depois, Gregorio, de lá vamos para Roma, sim?

— Isso é lá quando o pequeno quizer, menina.

Se elle gostar de morar nas montanhas, deixal-o, que isso é genio de temperamento, como diz o medico, e não ha remedio senão dizer com elle... Pois, emfim, eu vou tractar do que é preciso, e pôr em ordem o negocio para o guarda-livros saber quando se vencem as lettras. Depois irei ao resto, e por estes oito dias lá vamos, Rosinha, ver o mundo, e dar um alegrão ao nosso rapaz.

Graças ao mestre de francez, muniu-se de abundantes perguntas e requisições o viajante, excepto em inglez, porque, segundo o mestre, e com grande admiração do senhor Gregorio, Inglaterra não ficava no caminho da Suissa.

Durante o trajecto do mar até Saint-Nazaire, a senhora D. Rosa, quando não ia enjoada, dava louvores a Deus pela magnificencia das suas obras, e pasmava de vêr o mar incomparavelmente maior do que se lhe afigurava, visto do «caes das columnas» onde ella fôra algumas vezes admiral-o.

Gregorio, com o papelinho das perguntas e requisições na mão, ia perguntando e pedindo; porém o mestre olvidara-se de adivinhar as respostas, e escrever ao lado a traducção.

Não obstante, bem dizia o capitalista que com dinheiro, e mesmo sem bocca, se vae a Roma. Como levava carta d'um ex-ministro da sua intimidade para o nosso ministro em França, foi-lhe logo dado um interprete, que, sobre lhe aplanar as difficuldades de se fazer entendido, o forneceu de provisão de termos francezes bastantes para dar uma volta á roda do glôbo, levando dinheiro, que é indisputavelmente a lingua universal.

Com uma carta que levou de Paris para Genebra, conseguiu Gregorio saber de prompto onde mo-

rava Augusto, e não se deteve na cidade de J. Jacques Rousseau, mesmo porque o nosso viajante, quando lhe indicaram em mau hespanhol a casa do philosopho, voltou-se para a senhora D. Rosa, e disse:

— Que nos importa a nós saber onde morou o homem?

— Deus tenha a sua alma no céo — disse D. Rosa — se elle fez por isso.

O cicerone, que não entendia a lingua, inferiu do aspecto contemplativo de D. Rosa que a casa de Rousseau impressionára vivamente os portuguezes. (Não se aggravem os meus patricios da carta de naturalidade que dou ao senhor Gregorio. Se tivessemos vinte como aquelle, a nossa civilisação material estaria n'um pé muito mais adiantado. Saibam que a elle se deve a estrada que liga Valongo ao Porto, e a conservação do ministerio que mais viação publica fomentou).

O guia dos nossos amigos, quando chegou ao caes, que, a pequena distancia de Genebra, corta o lago, formando uma enseada para os barcos, enthusiasmou-se quanto o seu officio de indicador lhe impunha, e chamou a attenção dos viajantes para o magestoso espectaculo, que os rodeava. Mostrou-lhes as serras boleadas do Monte-branco com o seu diadema de gêlo. A' esquerda, apontou-lhes a cordilheira do Jura, cuja côr pardacenta contrasta com o alvor das serras alpinas. A' beira do lago, indicou-lhes os centenares de povoações que as aguas espelham, as aguas d'um formoso anil, escamadas de scintillantes saphiras quando a lufada da brisa lhes encrespa a superficie. Entre as povoações avultavam Villa Nova e a cidade de Lauzanna.

Quiz o conductor que os viajantes entrassem na casa que habitava Stael, quando o desaffecto de Napoleão a levou a conspirar em terra estranha, mas formosa terra escolhera aquella varonil alma para luctar soberana do espirito contra o soberano da força!

Estas e outras coisas dizia o francez aos nossos viajantes; Gregorio, porém, umas não lh'as entendia; outras achava-as extremamente secantes.

Em quanto a D. Rosa, essa, de vez em quando, cortava a vehemencia noticiosa do francez, para lhe perguntar onde era a casinha de Augusto.

Respondia-lhe o officioso guia que deviam ver o castello de Ferney, onde Voltaire habitava, e lá veriam o leito, as cadeiras, a mesa, tudo, no quarto em que Voltaire dormia, e na mesma disposição em que o deixára o eminente reformador do mundo. Não esqueceu ao enthusiasta do philosopho de Ferney aguçar o apetite bôto dos viajantes, dizendo-lhes que lá veriam tambem um cinerario de marmore com seu epitaphio, destinado a enthesourar o coração de Voltaire.

O senhor Gregorio, já impaciente, voltou-se para a consorte, e disse a meia voz:

— Já viste uma coisa assim?

— O homem tem o demonio a falar n'elle, Deus me perdôe! — disse a senhora D. Rosa.

Com quatro horas de jornada chegaram á povoação, d'onde se subia para a chan da serra, em que alvejava a casinha de Augusto Botelho.

Vinha este descendo a lombada da montanha, quando ouviu uns grandes brados, e logo conheceu Gregorio e D. Rosa. Correu o moço offegante a abraçal-os, e, antes de poderem trocar-se as pri-

meiras saudações, desafogaram em lagrimas a sua alegria.

O francez deixou-os n'este enlêvo, e veiu dizendo comsigo que nunca vira viajantes mais estupidos á borda do lago de Genebra.

XXIV

Depois que D. Rosa e Gregorio declararam estar restabelecidos das forças extenuadas na viagem, convidou-os Augusto a irem com elle passar uma tarde em casa de uns portuguezes que moravam, havia sete annos, á borda do lago, provando que a felicidade n'este mundo é realisavel. Disse elle que na companhia dos esposos passava o mais do seu tempo, ora lendo, ora conversando, ou folgando com os filhinhos do seu amigo, que pareciam anjos creados no paraiso terreal com toda a innocencia e meiguice que o Creador lhes dera.

D. Rosa, anciosa de fallar com uma senhora portugueza, acceitou alegremente o convite, e poz-se logo a caminho, encostada ao braço de Augusto.

Quando se avisinhavam ao *chalet* de Manuel de Castro, estava Mathilde cuidando das suas flôres, e Manuel de Castro, á sombra de uma faia, dava lições de francez aos dois meninos mais velhos.

A apparição dos hospedes foi inesperada.

Manuel de Castro, se não fossem os precedentes, encararia uma e muitas vezes o antigo criado de Ignacio Botelho sem conhecel-o. Gregorio, porém, apenas se defrontou com o portuguez, reteve o passo e a respiração, abrindo a bocca, e espavorindo os olhos.

— Aqui lhe apresento os meus paes adoptivos, sr. Castro! — disse Augusto.

Manuel de Castro não respondeu, e Mathilde estava a um lado, com a côr perdida, e os olhos espantados no rosto pallido do esposo.

Augusto sentiu-se enleiado no meio d'esta scena muda.

Castro rompeu o silencio, e disse com um sorriso, que tem este nome por ser realmente um sorriso:

— O senhor Gregorio já me conhece, e eu estendo a minha mão ao pae adoptivo do sr. Augusto Botelho. Receba-m'a, senhor Gregorio, e corte-a, se a vê ainda salpicada do seu sangue.

A imagem era levantada de mais para Gregorio, que de certo lhe estenderia a mão, sem tanto consummo de estylo: mas o que elle não teve foi palavras, que possamos repetir em prova da sua perturbação.

O mais perturbado parecia Augusto. Foi a elle que Manuel de Castro se dirigiu n'estes termos:

— Era forçoso que o senhor Augusto, antes de sair da Suissa, me tirasse a affeição que deu ao desconhecido. Eu presava-o muito, por isso lhe occultei os infortunios da minha mocidade. Poderia chamar-me ingrato á confiança que lhe ganhei: mas repare que a sua infancia eram desgraças, e a mi-

nha mocidade eram infamias. Despresa-me, senhor Augusto Botelho?

O filho de Balbina apertou a mão de Manuel de Castro, conduziu-o á beira de D. Rosa, e disse-lhe:

— Peço-lhe que apresente a seu marido o amigo de seu filho, minha querida mãe.

— Não é preciso tanta coisa... — disse Gregorio recobrando a sua rasão alguns momentos ourada.— Dê cá um abraço, senhor Manuel de Castro. O passado, passado. Se o senhor não acerta de me segurar, quem o matava era eu. E de mais a mais, o senhor fez uma acção que é de homem honrado. Não fallemos em mais nada. Com que então, esta senhora é sua mulher, e aquelles meninos são seus filhos?

— Sim senhor.

— Por muitos annos e bons. Então que faz vossa senhoria por aqui? Não lhe é melhor ir para a patria?

— Não tenho patria, senhor Gregorio. O homem deixa de ter patria, quando precisa esconder em terra estranha um vilipendio que o tornou indigno de seus concidadãos.

— Ora, deixe-se d'isso, o senhor ha de tornar para Portugal, ou eu não hei de ser Gregorio!

Riram os olhos de Mathilde á palavra *Portugal*. Manuel de Castro, á força de abafar a sensibilidade que se enleva na magia das esperanças, nenhum sentimento exprimiu no aspecto impassivel.

A boa Rosa, com os seus dizeres singelos e candura de benevolente coração, chamou de parte a Mathilde e pediu-lhe que resolvesse o marido a voltar para Portugal.

— Tem lá a nossa casa—disse ella—que é um con-

vento, e não envergonha em quanto a limpeza. Eu hei de ser muito amiga de vossa excellencia, e verá que o meu Gregorio se affeiçoa a seu marido. Nós, graças a Deus, somos muito ricos: trabalhámos muito algum tempo; agora tudo nos corre bem para nós e para quem precisa do nosso amparo. O que eu queria era que o nosso Augusto nos não deixasse. Meu marido sem elle parece que anda a morrer de tristeza. E' verdade que o pobre môço precisa de ter com quem converse, e nós bem sabemos que somos gente sem educação para o entretermos. Olhe, minha senhora, venha comnosco já, venha. Vamos todos a Roma se o meu Augusto quizer que vamos.

E proseguiu n'esta intimidade subitamente contraida a carinhosa consorte de Gregorio.

Parece coisa desnatural isto assim como eu o vou contando! Ha de sair-me a critica do meu leitor, impugnando que Rosa, á primeira vista, se affeiçoasse á mulher do homem que lhe tivera o marido ás portas da morte. Confesso-lhe eu que me não insurgi contra a verosimilhança da historia, quando assim m'a contaram. Não obstante, contrapuz os meus reparos para, a todo o tempo, poder satisfazer ás duvidas do leitor, que eu venero muito.

Disse eu a Augusto:

— Se eu, alguma vez, contar a sua vida, como vossê me pede, muita gente rasoavel duvidará que o santo homem Gregorio — a quem eu já não posso chamar gallego — acceitasse tão depressa a mão de Manuel de Castro, que lhe cortou a garganta, e fez outros estragos nas costellas. Duvidará tambem que a senhora D. Rosa mettesse logo tão dentro na sua estima a mulher de Manuel de Castro, e ambos levassem a sua sympathia ao excesso de os quererem

trazer para Portugal, e hospedal-os em sua casa, como quem recebe velhos amigos. Hão de dizer, acrescentei eu, que o senhor Gregorio, a final de contas, estava revelando a procedencia galliciana com as baixezas da sua indignidade, e que a senhora Rosa lá tinha os seus principios de pundonor trazidos do estanque ou do primeiro marido, que fôra ponto no theatro do Salitre, posto que os principios da dignidade d'um ponto devem de estar saturados, por assim dizer, dos altos brios dos personagens tragicos, que elle deve saber de cór.

Augusto Botelho achou desgraciosas estas minhas reflexões, e disse-me com desgosto:

— Pois se acha que os factos, como elles se deram, não são naturaes, invente-os vossê para serem mais acceitaveis. O que eu lhe assevero é que Rosa tinha o coração á flôr dos labios, e Gregorio, se não tinha grandes brios, sobejava em honra, em caridade, e desejos de bem-fazer a amigos e inimigos. E, todavia, não diga que este homem rezava de braços abertos nas egrejas, para que o publico lhe acredite as virtudes de Gregorio como coisas sobre-humanas e milagrosas.

XXV

Tenha o leitor a condescendencia de ir comigo a uma época, trinta annos anterior áquella em que deixamos os viajantes em Genebra. E observem, de passagem, que este romance sobreexcede todos os meus romances na complicação das situações, em que os outros andam acoimados de pobreza. E' que raras vezes se apanham de surpreza historias tão maravilhosas, e eu, quando m'as não contam, escrupuliso sinceramente em invental-as. A verdade na novella é a minha religião; e aposto eu que muitas religiões são menos verdadeiras que as minhas novellas.

E' o caso que, em 1813, havia em Lisboa uma menina de familia limpa. Chamava-se Carolina, tinha vinte e cinco annos, rara formosura, e virtudes admiraveis.

O pae d'esta menina era empregado no erario, e vivia decentemente do seu emprego. Não tinha outra

filha nem outros cuidados n'esta vida: na outra, tinha a alma da esposa no céo, e para lá aspirava, sem comtudo pedir a Deus que o ajuntasse á alma da consorte, em quanto a filha não tivesse amparo certo e digno no mundo.

Carolina amava, desde os vinte e um annos, um moço pobre, empregado no commissariado, e orphão, com duas irmãs que sustentava. O pae de Carolina ignorava esta affeição, e cuidava em lhe escolher marido. Como a amava muito, e a queria ver feliz, escolheu-lhe um sexagenario, chefe da sua repartição, homem só, e abastado.

Quando elle veio radioso de alegria dar a boa nova á filha, viu que o seu jubilo era correspondido com lagrimas. Cerrou com ella em perguntas, já severas, já carinhosas, e soube que Carolina amava o pobre amanuense do commissariado.

Porque a amava muito, reprehendeu-a com quanto azedume o seu muito amor lhe permittia, e fixou o dia em que devia realisar-se o casamento.

Carolina ouviu-o silenciosa; e na vespera do dia aprazado, fugiu de casa, e abrigou-se em companhia das pobres irmãs do amanuense.

O pae, ignorando o destino da filha, e a morada do moço, que lh'a roubara, andou louco, em quanto a febre o não prostrou. D'esta febre morreu, e morreu amaldiçoando Carolina, porque a amava muito.

Carolina só poude saber que seu pae agonisava, quando ia para a egreja parochial receber-se com o amanuense. Quando elles entravam no templo, saía o sagrado viatico para o enfermo. Entraram nas turbas, que acompanhavam o Senhor; mas quando o palio parou desceu um criado, annunciando a morte de seu amo.

Não obstante, o casamento celebrou-se n'aquelle dia; os esposos entraram na posse da casa do defuncto empregado no erario; mas n'essa mesma hora, aberto o testamento, souberam que a mobilia estava hypothecada a dividas, e dinheiro não apparecia algum em casa. O pae irritado alienara fraudulentamente quanto possuia, porque amava muito sua filha e queria provar-lhe o seu amor alem da morte.

Voltou Eduardo Pinto para a companhia de suas irmãs: era mais uma bocca a sustentar, mais uma bocca aberta á miseria.

O velho, que quizera casar com Carolina, prometteu continuar a vingança do seu defuncto amigo. Facilitou-se-lhe influir na demissão do empregado, e conseguiu. Eduardo foi expulso sem argumento nem satisfação.

Queria pedir recursos, e não tinha a quem; queria ganhal-os, e todas as repartições se lhe fechavam; queria vender os utensilios domesticos para comprar pão á mulher e irmãs. mas tudo que tinha não valia o sustento de tres dias.

Primeiro, chorou, e viu que as lagrimas não remediavam nada. Depois, rompeu em desatinos de louco, e n'um intervallo de reflexão viu que a fome augmentava, e o terror que infundia nos seus, tornava mais deforme o aspecto da indigencia.

Um dia saiu para se precipitar do arco grande das aguas-livres, e encontrou um capitão de navios com quem fallára no escriptorio de seu trabalho algumas vezes. Parou a contar-lhe o seu destino, e cedeu o braço ao maritimo, que o levou comsigo. Do facto, que se deu oito dias depois, podemos inferir o que se passou entre elles: Eduardo foi no navio do capitão, avisando sua mulher, de bordo.

Carolina recebeu a nova, quando estava aleitando uma filha de anno e meio. Os peitos da attribulada mãe seccaram n'aquelle instante. A criança retirou os labios, e chorou. A mãe, desmaiada e caída em braços de suas cunhadas, já lhe não ouviu os gritos.

Dias depois, cada uma de suas cunhadas, recebia o seu amante, que as tinham mimosas e fartas. Carolina saíu com a filha, e alugou uma casa ao rez da rua no becco das Gralhas, onde pagava tres mil réis cada seis mezes.

D'ahi saiu, com a filha nos braços, por casa das antigas relações de seu pae, pedindo, não esmola, mas trabalho. Algumas afastaram-na com brandos modos e promessas de lhe arranjarem um recolhimento e uma subscripção para se sustentar; outras menos generosas em promettimentos, deram-lhe que fazer trabalhos de costura grossa, e obra de engommadeira.

Carolina aprimorou-se n'este trabalho, e conseguiu alcançar fama de excellente engommadeira.

Entretanto, Eduardo, que dizia a sua mulher seguir a rota do Brazil, foi para a Africa, iniciou-se na tomadia de escravos, aventurou-se á fortuna dos sertões, e na pesquiza d'ella, que tão prospera lhe acenava, foi-a seguindo e internando-se no interior do paiz. De diversos pontos, onde o ensejo se lhe offerecia, mandou a sua mulher fartos meios de subsistencia; mas estas remessas eram entregues ás irmãs, e, estas, já então decaidas da ephemera gloria que dá a deshonra, não escrupulizaram em consumir os seus recursos e os da cunhada. Alguns annos depois, para se livrarem de remorsos completaram a infamia da acção: o meio de não sentir remorsos é es-

talar a ultima fibra dos sentimentos bons. Fizeram sentir a Eduardo que Carolina se separara d'ellas, para naturalmente evitar testemunhas da sua vida desregrada.

Eduardo engolfou-se em aventuras arriscadas para enriquecer-se: era a maneira de olvidar-se, trazendo a vida em trances; mas a fortuna amoldava-se-lhe ás mais arremeçadas ambições.

Trinta annos vagou nos sertões da Africa e da America, sem experimentar os revezes que intervallam os arrojos da cubiça insaciavel. A patria já lhe tinha esquecido, quando, segunda vez na sua vida, encontrou no Amazonas o capitão do navio, que o levára á Africa.

Tinha estado o velho marinheiro em Portugal um anno antes, e a curiosidade o movera a indagar ácerca da familia do ricasso Eduardo Pinto. Então soubera que a mulher do seu protegido, vinte e nove annos antes, nunca recebera uma migalha das sobras do mau marido; que a filha d'esta infeliz, depois de se ter prostituido, estivera douda n'um hospital, e que a pobre mãe cegára de chorar, e acabára os dias da vida, pedindo por portas, tendo sempre tido vida de trabalho, de honra, de exemplo, e de lagrimas.

Já o leitor sabe que o ricasso Pinto é o pae da Carlota, reclusa no mosteiro de Evora.

XXVI

O capitão, quando encarou Eduardo, disse-lhe com a rudeza de homem do mar, que avassala as furias do oceano como as soberbas dos poderosos vermes da terra:

— Por minha honra lhe digo que me arrependi de impedir que o senhor, ha vinte e nove annos, se atirasse do arco grande das aguas livres! Eu quiz conservar uma vida, que devia amparo a outras, e fiz um monstro, cevado nas riquezas que eu lhe mostrei. Sempre cuidei, senhor, que sua mulher e filha viviam na abundancia; procurei noticias d'ellas com o desejo vaidoso de lhe dizer que era eu o salvador de seu marido e pae, e o homem a quem ellas deviam tudo abaixo de Deus. Boa a fiz, não tem duvida! posso limpar as mãos á parede! Sua mulher, depois d'uma vida honrada, morreu a pedir esmola; sua filha, depois de ter-se dado a quem lhe matasse a fome, esteve douda no hospital, e de lá

saiu para dar a mão á mãe que tinha perdido os olhos. Ao mesmo tempo soube que o senhor fôra liberal com duas irmãs, que andavam por lá dissipando em devassidões as suas liberalidades. Uma morreu; a outra, já com cabellos brancos, ainda sabe como o dinheiro attrahe amantes de cabellos pretos. Ora isto é que eu não esperava de si, senhor Eduardo. Com que diabo de consciencia vossê tem vivido? Que mal lhe fez a pobre senhora, que, segundo ouvi de sua propria bocca, se fez desgraçada por desobedecer ao pae?!

O capitalista mostrou ao capitão as cartas de suas irmãs, avisando-o da vida irregular de sua mulher. O capitão firmado nas informações que colhêra, defendeu Carolina, mas desculpou até certo ponto o marido.

Desde esta hora o coração de Eduardo era preza d'um abutre que lh'o espicaçava com duvidas atrozes e remorsos inconsolaveis.

Deu-se pressa em voltar a Portugal, abandonando tudo, que pouco importava para a grande riqueza, que possuia realisada.

Chegando a Portugal em janeiro de 1844, foi procurar a irmã que ainda existia. Apresentou-se com um nome supposto, e sondou a vida de sua irmã. Não discrepava um ponto das informações, que lhe dera o capitão. Fallou na mulher de Eduardo Pinto, morta de miseria. A irmã mostrou ignorar que ella tivesse morrido; mas fugia de fallar da vida de sua cunhada. Perguntou-lhe o supposto amigo de seu irmão se era certo Carolina ter deshonrado seu marido. A irmã impallideceu, e não ousou confirmar a calumnia. O hospede insistiu pertinazmente na devassidão de Carolina; e a mulher, vencida do seu

remorso, ou não ousando calumniar a infeliz que tinha morrido, disse que sua irmã e não ella, escrevêra a Eduardo deprimindo as virtudes da cunhada.

Então, o homem da escravatura, tirando d'uma carteira um maço de cartas, abriu uma, e disse:

—Esta lettra é sua ou de sua irmã?

—É minha ..—disse ella tremendo e vergando, debaixo da mão de Deus.

Eduardo fez um pé atraz, e assentou-lhe o outro em cheio no peito.

— Has de morrer entre farrapos, infame!

Estas palavras suffocaram o grito da mulher. Conheceu então o irmão, e prostrou-se para beijar o pé que a impellira contra a parede. Eduardo saiu, olhando de relance para a opulencia de sua irmã. Acudiu-lhe um pensamento de atroz vingança. Meditou em pôr uma mordaça na bocca d'aquella mulher, incendiar os trastes de estofo que rodeavam as salas, e forçal-a, atada de pés e mãos, a morrer nas lavaredas.

Á natureza do homem d'este seculo repugna a melodramar de tal feitio! Venceu a natureza do seculo, que é de luzes, mas não gosta de fogueiras.

Eduardo saiu, aprazando outro genero de vingança, como se não fosse bastante deixal-a vender os moveis para comer, e morrer de fome, quando não tivesse moveis.

Então se leu nos jornaes de Lisboa o seguinte annuncio:

Precisa-se saber se vive e onde vive uma senhora chamada Carlota, filha que ficou de Carolina Amelia de Bastos, que morou no beco das Gralhas com profissão de engommadeira, e foi casada com Eduardo Pinto dos Reis, ausente em parte incerta ha

trinta annos. Se alguem pode dar os pedidos esclarecimentos, faça-o no hotel de Italia ao proprietario do mesmo, na rua de S. Francisco, que fará n'isso grande bem á pessoa procurada.

Chegou ás mãos do capellão do Convento de Evora o jornal. Sabia elle que a reclusa de Lisboa se assignava *Carlota dos Reis Bastos.* Chamou-a á grade, leu-lhe o annuncio, confirmou-se de que era a mesma, e encarregou-se de escrever ao proprietario do hotel de Italia nos seguintes termos:

D. Carlota dos Reis Bastos, filha legitima de Eduardo Pinto dos Reis, ausente de Portugal ha trinta annos, e de D. Carolina Amelia de Bastos, fallecida em Lisboa, em 1841, reside actualmente no mosteiro das franciscanas de Evora cidade. O capellão do mesmo convento, padre Luiz de Sousa.

O millionario, acabando de ler a carta, sentiu uma alegria que tocava no extremo da dôr, tamanhas convulsões lhe sacudiam os nervos e desordenavam o gyro do sangue. Dava ordens sobre ordens, ora pedindo carroagens, ora cavallos para transporte.

Aos hospedes mais estranhos contava a aventura de encontrar sua filha; ás filhas do dono do hotel promettia grandes presentes no dia em que a sua chegasse; aos criados dava dinheiro por não poder dar-lhes abraços; era a doidice da felicidade, a mais ridicula de todas, quando as pessoas, que a presenceiam, não tomam parte d'ella.

Foi Eduardo a Evora, e fez-se annunciar como pessoa que desejava ver a senhora D. Carlota dos Reis.

Teve em resposta que a secular não costumava receber visitas desconhecidas.

— Queira dizer-lhe — replicou o velho á porteira

— que é um antigo amigo de seus paes que a procura.

Veio Carlota á grade.

Já disse, n'outra parte d'este escripto, que a reclusa, mezes depois que entrára no convento, recuperára os traços da perdida formosura. Agora, acrescentarei que, por effeito d'uma nutrição mediana, as feições se haviam arredondado, as cavidades tinham desapparecido, a côr renovara-se sadia e bella com o sangue, e Carlota aos quinze annos não fôra mais bella do que estava sendo com trinta e dois incompletos.

Orgulho de pae! Eduardo, quando a viu tão bella, sentiu o que poderia sentir um noivo que, pela primeira vez, se avistasse com a esposa promettida! A voz trahiu o, o coração paternal queria subir aos labios, e romper nos doces nomes que lhe dava a ternura que o enchia, e os raptos de felicidade que desobedeciam a um proposito feito.

Reprimindo quanto podia o sobresalto, disse Eduardo:

— Conhecia-a, minha senhora, quando vossa excellencia tinha anno e meio. Fui amigo de seu pae, que vossa excellencia não conheceu.

— Tinha eu essa idade, quando elle saiu de Portugal.

— Seu pae é vivo?

— Nunca mais tivemos noticias d'elle. Minha mãe esperou-as alguns annos; mas a final perdeu as esperanças.

— E suas tias, por parte de seu pae, nunca lh'as deram?

— Minhas tias abandonaram-nos. Vossa senhoria conhece-as?

— Conheci; mas disseram-me que ellas viviam em abundancia.

— Penso que sim; mas á custa de vergonhas.

— Ouvi dizer que seu pae as soccorria fartamente.

— Não póde ser... Se meu pae soccorresse as irmãs, é natural que tambem soccorresse a mulher e a filha.

— A senhora D. Carlota tem duvida em me contar a sua historia e a de sua mãe?

— A historia de minha mãe reduz-se a poucas palavras: trabalhou em quanto teve vista; e pediu esmola depois que cegou. A minha historia é uma cadeia de desgraças que vossa senhoria por delicadeza me não perguntaria, se tivesse uma leve suspeita da minha vida.

— Não farei mais alguma pergunta. Era seu pae que desejava noticias de vossa excellencia.

— Meu pae! — exclamou Carlota — pois meu pae ainda vive!?

— Sim, minha senhora.

— Onde vive meu pae?! poderei eu ainda vel-o...

— Queira esperar um instante — disse Eduardo commovido.

E desceu á portaria, deixando Carlota perplexa da saida.

O velho foi ao ralo, chamou a porteira, e disse-lhe:

— Dá licença que minha filha me venha abraçar á portaria?

— Sua filha?! A senhora D. Carlota?

— Sim, minha senhora.

A porteira subiu á grade, e disse:

— Minha senhora, vá abraçar seu pae, que está á espera na portaria.

— Meu pae ?! — disse Carlota.

— Sim, menina; o sujeito que a chamou á grade.

Carlota ergueu se, quiz descer, mas tremía a ponto de precisar amparar-se ao hombro da porteira. Abriu-se a porta, e Eduardo, contra os estatutos da casa, deu dois passos dentro do mosteiro e apertou a filha nos braços com tanta ancia e soluços, que a porteira andou a chamar gente para verem o tocante espectaculo.

N'estes sublimes trances, raros na vida, ha mais raras palavras ainda que os descrevam. O certo é que a filha de Carolina Amelia foi levada em braços para o seu quarto, quebrantada pelo peso da alegria, e Eduardo Pinto pediu por caridade á prio reza que o deixasse passar o dia ali, em quanto sua filha recuperava as forças, á portaria do convento para saber muitas vezes do seu estado.

O capellão, que forçosamente devia intervir n'estes lances, consultou os seus praxistas em regras monasticas, e auctorisou a prioreza a deixar entrar aos aposentos de Carlota seu velho pae.

As doenças motivadas pela felicidade são syncopes passageiras. Carlota, no dia seguinte, estava prompta para acompanhar seu pae. O capellão, que se fazia valer muito por ter sido o ditoso assignante do jornal que publicara o annuncio, acompanhou-os para Lisboa. Duas seculares amigas de Carlota foram tambem. A alegria do velho era tamanha, que daria a sua immensa riqueza para ver toda a gente feliz.

Quinze dias depois, todos, salvo o capellão, sairam para Paris, onde Eduardo Pinto resolveu fixar a sua residencia.

Carlota sabia que os seus protectores viajavam, e teve o doce presentimento de encontral-os em França.

XXVII

Nunca Eduardo Pinto perguntou a sua filha o menor episodio de sua mocidade. Sabia, por lh'o haver dito o capitão, que ella, depois de uma grande queda, se levantara deshonrada e douda. O amantissimo pae compunha um romance d'esta dupla desgraça de sua filha — o romance vulgar da seducção, do abandono, e da loucura. A não ser sua propria filha, quem iria em Paris contar-lhe o repugnante crime, cujo remorso a enlouquecera?

O que elle sabia é que o filho d'um fidalgo, em cuja casa ella estivera servindo, encontrando-a, passados annos, muito pobre e doente, a levára para casa d'um gallego rico, antigo criado do mesmo fidalgo, e este lhe dera meios para ella se recolher a um convento.

Miseravel orgulho do homem! Eduardo, se bem que do coração agradecesse ao bemfeitor que deu

asylo á filha desamparada, secretamente desejava não se encontrar com o bemfeitor para sua filha se não ver humilhada! E' assim formado este barro, que ergue a cabeça para o céo, e diz que o seu destino é lá. Será, será: eu desisto de questionar o destino de cada um; offerece-se-me, porém, cuidar que o céo tem outros objectos, incomparavelmente mais grandiosos que o homem, com que se adornar; exemplo: o cão, não só o cão que lambeu as chagas de S. Francisco, mas todo e qualquer cão que vos segue, e ama, e agradece o bocado de pão, até morrer por vós, e lambe morta a mão que lh'o dava. Se o céo estivesse a concurso, o oppositor, que eu mais temia, era de certo o cão.

Tornando aos racionaes, Eduardo Pinto comprou casa em Paris, com magnifico frontispicio, e jardim de muitas raridades da flora. Mobilou-a asiaticamente, e serviu-a de criados com suas librés, e pejou os pateos de carroagens de differentes tamanhos e feitios.

D. Carlota dos Reis foi pouco tempo Carlota dos Reis.

Eduardo deixára em Portugal os seus agentes encarregados de comprar um titulo para sua filha. Quem isto ler, ha de pensar que em Portugal se compram titulos. Isto é um modo de escrever, aprendido no artigo de fundo. Os estadistas é que dizem uns aos outros que as graças estão á venda, e que os corretores do cofre são pessoas capitaes da republica. Se elles mentem, sua alma sua palma.

O que sei de pessoas fidedignas é que D. Cartota dos Reis Pinto e Bastos, em galardão das avultadas esmolas que deu aos estabelecimentos de caridade, e valiosos donativos com que sobreveio ás necessi-

dades do estado, recebeu o titulo de viscondessa dos Reis em duas vidas, e pouco depois a faxa da ordem de Santa Isabel, vinda de Hespanha, não sei por que serviços feitos ás necessidades de Hespanha.

Eduardo Pinto manteve-se illeso de habitos, como se aquelle espirito vulgar pudesse competir em isenção com os raros heroes, que repellem de si os titulos e as honras que não são honra.

A viscondessa dos Reis captivou a attenção dos parisienses; mas, como não estava relacionada, o valor da sua pessoa era meramente extrinseco: maiores seriam os reparos e as idolatrias, se soubessem que estava ali uma viscondessa, uma dama da ordem de Santa Isabel, e, sobretudo, o valor de alguns milhões de francos.

Chegaram cartas de Portugal a Paris recommendando a altos personagens o portuguez Eduardo Pinto dos Reis. Correram espontaneos os hospedes á casa do millionario, e elle a todos apresentou a elegante viscondessa, que, em pouco tempo de pratica, fallava a lingua franceza com passageira correcção, e um *sutaque* mui gracioso aos ouvidos parisienses.

Já o camarote de Eduardo Pinto era concorrido de grandes leões, e de leões pequenos; uns, notaveis senhores por seus avós, outros, por seu dinheiro, outros por sua industria mysteriosa.

Francisco Valdez, o legitimista ainda emigrado, por que jurára não consentir que a patria ingrata lhe carcomesse os ossos, foi um dos portuguezes chamados a honrarem-se nos salões da viscondessa dos Reis. Levava elle suas filhas, e a cada passo fallava n'uma, que tinha casado com um portuguez na Suissa. Abstinha-se, porém, de divulgar-lhe o nome, por-

que a consciencia lhe dizia que o nome de seu genro não era muito para se dizer a portuguezes.

Uma filha de Valdez, intima da viscondessa, correu um dia com grande satisfação a dar-lhe parte de que sua irmã estava na volta de Roma, caminho de Paris.

— Que alegria eu tenho! — exclamava ella, abraçando se com a viscondessa — tu verás que linda e que meiga é minha irmã! Tem quatro filhos, e eu sou madrinha do mais novo. Se ella tiver outro, has de ser tu a madrinha, sim, viscondessa?... Não sabes? a minha irmã é baroneza, dá-me hoje essa parte, e o pae, como é realista, não gostou que ella tenha titulo. Forte caturrice de meu pae! tomára eu um!

Exclama agora o leitor: «Pois o Manuel de Castro está barão?»

Tenho o consolador patriotismo de lhe dizer que está, e não fui eu que o fiz, foi Gregorio Redondella, foi o ministro do reino, foram os seus merecimentos, que lá constam do decreto, posto que o decreto, por motivos que passo a narrar, nunca appareceu no *Diario do Governo*; mas quem quizer, vá á Torre da Tombo que lá o encontra. *Torre do Tombo!* é bem dado, e prophetico o nome. Um *tombo* assim como aquillo tem levado! E' onde pode chegar!

Pois ahi vae a historia d'este baronato; e, se vossas excellencias quizerem, conto-lhes, assim mais trinta e duas, afóra outras trinta e duas, que o meu visinho me ha de contar.

Manuel de Castro dissera uma vez expansivamente a Augusto Botelho que não podia voltar a Portugal com o nome com que saira, porque o seu nome recordaria o facto do seu precipicio a um abysmo

de infamia irreparavel. Os argumentos de Augusto não o demoveram do proposito.

Contou Augusto o acontecido a Gregorio, e este, depois d'um curto recolhimento ao profundo recesso dos seus expedientes, disse:

— Se não é mais do que isso, diga ao senhor Manuel de Castro que ha de ir para Portugal com outro nome.

Disse, e escreveu pelo primeiro correio, estando em Roma.

Quinze dias depois que escreveu, era expedido do governo de Portugal ao ministro em Roma o diploma de barão da Nobrega para Manuel de Castro da Nobrega Aboim, appellidos que eu apresento ao leitor pela primeira vez, e que Augusto descobriu n'uma conversação internacional com o seu amigo.

Manuel de Castro, ao receber o officio, ficou muito mais admirado que o leitor, quando eu lhe dei a noticia: mas como a admiração é coisa que se gasta, o novo barão convenceu-se de que o era, e que já não tinha evasiva plausivel para apparecer em Portugal com uma cara muito diversa, da que levára, e um nome completamente desfigurado.

E Gregorio viu que era optimo tudo o que fizera, e disse entre si, com legitima ufania, que tinha feito um barão, e podia fazer quatro, se quizesse.

Ora aqui teem. Não ha nada mais correntio que isto.

Admiram-se que Gregorio não seja já de visconde para cima? tambem eu. Ha de confessar-se que o unico sujeito de perfeito juiso, n'este romance, e estava quasi a dizer n'este mundo, é Gregorio, não desfazendo em ninguem.

XXVIII

A ultima vez que Augusto escrevêra a Carlota fôra de Genebra, incluindo a carta n'outra a Gregorio. Contava-lhe a intimidade em que vivia com uma familia portugueza, que habitava no logar mais formoso do mundo. Dizia-lhe que se deteria tres mezes n'aquelles sitios, e depois iria á Italia, e, tornando por Paris, recolheria a Portugal, onde o chamavam saudades dos seus verdadeiros amigos.

Carlota, quando saiu do convento, escreveu a Augusto, dirigindo a carta para Genebra. Pediu ao pae que a fizesse chegar ao seu destino, e Eduardo Pinto, conhecedor da intenção louvavel da carta, fez que ella fosse na mala da legação.

Quando a carta chegou á Suissa, já Augusto e as outras familias portuguezas tinham saido para a Italia. A pessoa, que de Paris fôra encarregada de entregar a carta a Augusto, achou mais seguro retel-a, e esperar que o viajante voltasse.

Quando recolheram, com intenção de descançarem, e continuarem para Paris, Augusto recebeu a carta, na qual Carlota extensamente lhe contava a vinda de seu pae, trinta annos ausente, a sua saida do convento, os extremos de affecto com que era tratada, a inutil riqueza de que se via rodeada, e a sua proxima ida para Paris, onde o pae queria residir. Terminava Carlota pedindo-lhe a elle, e aos seus bem-feitores que, ao passarem por Paris, lhe dessem occasião de lhes pagar com reconhecidas lagrimas o bem-fazer que lhes devia.

Augusto communicou a carta a Gregorio e Rosa, pedindo-lhes que não proferissem uma palavra a tal respeito diante de Manuel de Castro, que já a esse tempo era barão da Nobrega.

Andava Augusto scismando no modo de desviar o barão de Paris, propunha-se jornadear por outras direcções; mas a baroneza, que desejava ver a sua familia, quando tal proposta ouviu, pela primeira vez na sua vida sentiu odio a quem tal propunha. Além d'isso, já ella tinha avisado os seus, e com tanto contentamento, que seria amargural-a sem precisão o desviarem-na do seu destino.

— Que rasão ha, senhor Augusto, dizia o barão, para que não vamos a Paris?

Augusto não sabia com que dissimular a resposta.

Na correnteza d'estes successos, recebeu Mathilde uma carta de sua irmã mais nova com o seguinte periodo:

«Vem depressa, que está aqui a mais amavel crea-
«tura do mundo, portugueza, muito linda, da tua
«edade, e viscondessa. Amamol-a todas como irmã,
«e ella já te quer como a nós. Eu já a convidei para
«madrinha do teu quinto filho. Estou morta que o

«tenhas. Os elegantes andam todos atraz d'ella, que «de mais a mais é millionaria. Estou a ver que esse «rapaz portuguez, que anda comvosco, se apaixona «por ella, e o papá já disse que talvez fosse um «optimo marido para alguma de nós. Não te demo«res, comadrinha. Estou anciosa por devorar com «beijos a minha afilhada.»

A baroneza, com o riso nos labios, mostrou esta carta a Augusto, e disse-lhe:

— Olhe lá se vae apaixonar-se pela viscondessa...

— E' possivel, minha senhora — respondeu Augusto. — Quando se vae de Italia, leva-se o coração cheio de amòr.

Partiram para Paris. D. Rosa adoeceu no caminho. Pobre senhora! nunca tivera tanta saude como quando se deitára na cama doente... Que absurdidade! diz o leitor. Parece; mas é outra coisa Augusto, receiando que Carlota, sabedôra na legação da morada de Gregorio, os fosse procurar, e necessariamente ahi encontrasse Manuel de Castro, pensou no modo de se adiantar a prevenil-a, e só achou expediente na simulada doença de D. Rosa. Disse elle ao barão que se não detivesse com sua mulher á espera da convalescença da enferma; o barão, porém, contra vontade de sua mulher, sacrificou-se ao dever de esperar. Isto queria Augusto, e logo aproveitou o azo para se antecipar dois dias de jornada, e ter em Paris tudo prompto á chegada da familia. Pareceu ao barão pueril a pressa; mas não a contradisse, intendendo que Augusto era moço, e queria aproveitar alguns dias de desassombrada liberdade em Paris.

— Bem o intendo, maganão!...—disse elle ao ouvido do seu amigo. — Vá, e viva dois annos em dois

dias. Desforre-se da vida anachoreta do *chalet* do lago.

Partiu Augusto, e chegou a Paris. Foi á legação, e perguntou por D. Carlota dos Reis. Ninguem lhe soube responder. Foi ao theatro da opera, sem leves esperanças de encontral-a; correu inutilmente outros theatros na mesma noite, e voltou ao outro dia a indagar na legação, contentando-se com achar algum appellido, que indiciasse o pae de Carlota.

De feito, encontrou um Eduardo Pinto dos Reis.

— Deve ser este, disse elle.

— Esse é o conhecido em Paris pelo negreiro, e é pae da viscondessa dos Reis, que naturalmente é a Carlota que o senhor procura — disse-lhe o secretario da embaixada.

Com o nome da rua, e numero da casa, foi Augusto dar ao vasto perystilo d'um palacio. Fez-se annunciar, e esperou na sala um alentado homem de bigodes brancos, que disse ser o pae da senhora viscondessa dos Reis, que ia já entrar.

Surgiu no limiar a deslumbrante senhora, que seis annos antes Augusto vira sentada no chão terreo, comendo codeas de pão amollecidas em agua.

A viscondessa recebeu o filho de Ignacio Botelho nos braços, e beijou-o na fronte, exclamando: «meu filho!»

Eduardo Pinto enrugou o sobrôlho, e pareceu-lhe grande desenvoltura o acto.

— Fui eu que o ensinei a fallar, meu pae! — acudiu ella, adivinhando o animo do velho.

— A amisade e a gratidão — replicou o pae — tem mil outras maneiras de se manifestar.

Eduardo era duas vezes selvagem: uma pelos ser-

tões, onde vivera vinte e tantos annos, outra pelos milhões que trouxera das selvas.

Augusto arrefeceu diante d'aquelle caracter de ferro, e não atinou com o que devia dizer. Perdidas as esperanças de poder fallar a sós com ella, o moço, recordando se da carta da irmã de Mathilde, disse abruptamente:

— A senhora viscondessa conhece em Paris, uma familia portugueza, cujo chefe é Francisco Valdez?

—Perfeitamente: sou amicissima das pequenas, e meu pae muito amigo do velho. Agora estão ellas esperando a baroneza da Nobrega, que vem de viajar na Italia. O senhor Augusto conhece esta familia?

— Conheço a baroneza: foi minha companheira de viagem, e chega aqui depois de amanhã.

—Sim? oh! que alegria vae ter a familia!... Vamos todos esperal-a.

Augusto impallideceu visivelmente.

—Está incommodado, senhor Augusto?! que mudança de semblante lhe notei!

—E' verdade!—ajuntou o velho.

—São padecimentos instantaneos, minha senhora. Um instante de repouso me basta.

—Descance. Encoste-se a essas almofadas—disse Eduardo, fazendo passar Augusto da cadeira cerimoniosa para os fofos d'um diwan.

—Peço o favor de uma gota d'agua.

Eduardo passou á sala immediata para chamar um criado. Apenas elle desappareceu, Augusto disse precipitadamente á viscondessa:

—Olhe que o barão da Nobrega é Manuel de Castro!

Carlota expediu um grito, ergueu-se convulsa, e

mal me ergueu, caiu no mesmo sophá, sem sentidos.

Acudiu o velho ao grito, viu sua filha sem côr de vida, e exclamou:

— Que foi isto?

Augusto tartamudeou:

— Um accidente subito da senhora viscondessa...

— Não creio em accidentes subitos — replicou o velho colerico, com a face e olhos chammejantes — Que disse o senhor a minha filha?

— O que não pode ser dito a vossa excellencia — respondeu Augusto serenamente.

Appareceu então o criado que elle fôra chamar.

Eduardo, indicando Augusto, disse ao criado:

— Acompanhe aquelle senhor até ao pateo.

O filho do fidalgo transmontano sorriu, e murmurou:

— Podia vossa excellencia obrigar-me a uma saida menos pacifica. Agradeço-lhe esta.

— Que diz o senhor? — replicou o velho.

— Que se enganou comigo, senhor Reis. Bom será que vossa excellencia ignore sempre o que eu vim aqui fazer; mas, se o souber, convença-se de que está perdoado.

E saiu, quando Carlota se agitava vertiginosa nos braços do pae.

XXIX

Horas depois, entravam duas filhas de Francisco Valdez, annunciando que a baroneza chegava no dia seguinte.

Já então a viscondessa estava no leito, respondendo com soluçantes gemidos ás instantes perguntas do pae.

Felizmente, entraram as meninas. Carlota compoz o rosto, enxugou as lagrimas, e recebeu-as sentada no leito.

— Não posso acompanhar-vos a esperar vossa irmã — disse a viscondessa — estou doente, prostrada, não posso comigo.

— Has de ir, filha — disse carinhosamente o pae — Por isso mesmo é que um passeio de carroagem te ha de ser util.

— Pois, sim, eu verei se posso ir — disse Carlota, obedecendo a uma inspiração luminosa — Querem vossês ir dar agora um curto passeio comigo ?

— Vamos! — exclamaram as meninas.

— Meu pae, manda sair uma carroagem?

— Vou já, e eu hei de acompanhal-as. Minha filha está com feições de louca.

— De louca, meu Deus! — bradou com transporte Carlota, lembrando-se dos quatro annos no hospital — De louca! Estarei eu douda outra vez!?

As irmãs de Mathilde atterraram-se da exclamação, e o velho, estreitando a filha ao seio, disse muito commovido:

— Não, não, meu anjo. Isto foi um dito impensado. Tu soffres muito, seja pelo que for; mas não tens signaes alguns de loucura.

Estava a carroagem á espera. Carlota lançou um chaile sobre os hombros, ennastrou os cabellos desalinhados, saiu com um lançar d'olhos sinistro, desceu as escadas oscillante, relanceava a vista penetrante para coisas insignificantes em que nunca reparára, e entrou na carroagem machinalmente.

E o pae ia limpando as lagrimas, em quanto as filhas de Francisco Valdez se encaravam assombradas.

A carroagem chegou aos campos Elysios, e recebeu ordem de retroceder para casa de Valdez. Fôra Carlota que dera a ordem n'um brado, que arrepiou os cabellos ao velho. Já para elle era como certa a reincidencia na loucura.

Apearam. Carlota pediu para ficar a sós com a mais velha das meninas, e disse-lhe:

— Está em Paris um rapaz portuguez chamado Augusto Botelho. Preciso fallar com elle em tua casa, se não morro, ou mato-me. Sáe na minha carroagem a procurar, por meio da embaixada, onde elle mora. Vae tu mesma procural-o. Vê se o intro-

duzes n'um dos quartos da tua casa, sem que meu pae o saiba. Se me queres salvar, não te demores um instante.

A perturbada menina saiu immediatamente. Eduardo ouviu o rodar do seu trem, e perguntou se alguem mandára os criados embora. Carlota respondeu:

— Emprestei a carroagem á minha amiga para ella ir fazer compras.

Eduardo, com quanto muitas vezes emprestasse a sua carroagem a Valdez, enfiou com a resposta, e sentiu que aquella partida tinha relação com Augusto.

A irmã de Mathilde voltou uma hora depois. A viscondessa correu anciosa ao encontro d'ella, como se seu pae lhe não visse o arrebatamento.

Em todas aquellas acções acceleradas, nas palavras desconnexas que dizia, no olhar errante e torvo com que parecia querer penetrar a intenção de quem lhe fallava para distrahil-a, era tudo ameaças terriveis da demencia; ella mesmo sentia já o peso das trevas sobre a rasão.

A senhora, que voltava com aspecto afflicto, disse:

— Fallei-lhe.

— E então?

— Não vem.

— Como? não vem?

— Escreveu este bilhete. Lê.

Era uma carta lacrada.

Dizia assim:

«Tranquillise-se. Eu vou fazer agora o que já de-
«via ter feito. Vou encontrar-me com *** Farei que
«elle não entre n'essa casa. Como, não sei. Tenho
«confiança n'elle. Eu ia pedir-lhe a vossa excellen-

«cia que saisse de Paris, por que *** vae para Por-
«tugal. E' tarde. Era preciso que seu pae soubesse
«tudo. Quem lh'o dirá? Adeus. Creio que não a
«verei mais. Reputo-a desgraçada. A sua felicidade
«ficou no mosteiro de Evora.»

— E não vem? — exclamou Carlota.

— Pois elle não t'o diz? — observou a amiga.

— E perdi o anjo da minha redempção? bradou com mais força.

A estes gritos, acudiu o pae, perguntando que papel era aquelle.

Carlota concentrou-se, esteve quêda e silenciosa alguns segundos, dobrou o papel, fechou-o na mão direita, e murmurou:

— A minha felicidade ficou no mosteiro de Evora... E' preciso que eu vá procurar a minha felicidade no mosteiro de Evora...

— Que dizes, minha filha? — balbuciou o pae com entranhavel paixão.

— Leve-me, por piedade, ao convento d'onde me tirou!

— Jesus! — exclamou o velho, abraçado com Francisco Valdez — a minha filha está doida!

Isto foi dito ao ouvido do fidalgo, que o chamou ao seu quarto.

— Oiça-me, disse elle, aqui ha amor contrariado em sua filha.

— Amor!?

— Sim. Vossa excellencia deve saber o que deu causa a isto.

— Póde ser, póde ser... amará ella Augusto?

— Quem é esse Augusto?

— E' um portuguez, que hoje a procurou, e disse-lhe palavras, que a deixaram n'este estado.

— Ahi tem, senhor Reis. Adivinhei. Salve sua filha: deixe-a casar, que eu tambem deixei casar a minha com um homem de reputação perdida, para salval-a. E esse homem é hoje o barão da Nobrega, é mais que barão, titulo que eu cordealmente detesto — é mais que fidalgo, porque é honrado. Deixe-a casar, meu amigo.

— Mas ella nunca me disse que amava tal homem!

— O verdadeiro amor é assim: retrahe-se, quando o contrariam, e mata.

— Dá-me licença que eu chame aqui sua filha, sem testemunhas?

— Eu lh'a trago: salve-m'a á custa seja do que fôr.

Foi Carlota, guiada pelo pae, ao gabinete de Francisco Valdez.

— Senhora viscondessa, reanime-se. Adivinhei a sua dôr: tem um excellente pae. Quero vêr o seu coração a sorrir nos olhos. Tem licença para casar com Augusto.

Carlota abriu uma vista estupida, e fez um gesto de labios como quem attenta para ouvir palavras que não entendeu.

— Que é? — disse ella.

— Seu pae consente que vossa excellencia case com Augusto.

— Com Augusto? — tornou ella — Augusto Botelho?

— Sim, com Augusto Botelho.

— Meu pae disse isso? Eu casar com Augusto! eu! a Carlota! a pobre Carlota! casar com a creancinha!

Valdez não sabia já qual dos dois era menteca-

pto, se o pae, se a filha! Pois se Augusto era uma creancinha, como pôde o velho suspeitar que a filha o amasse até á loucura? Se era um homem feito, como podia a viscondessa figural-o creança? Ao parecer de Francisco Valdez, um dos dois era doido varrido, e não havia que fazer da razão perdida da viscondessa, se ella tinha o dom de fazer creança o homem por quem se apaixonára.

A segunda parte do raciocinio era racional.

Carlota já não ligava idéas, nem palavras com sentido. As senhoras da casa choravam, vendo-a rir. Eduardo escondia-se para que a filha o não ouvisse. Os medicos entravam chamados a um tempo por differentes creados. Encaravam a febril senhora, que nem sequer dava por elles. Nada diziam, nenhuma esperança davam. Ouviam-na fallar de sangue nas escadas, nas agonias do moribundo, do cofre roubado; e de tudo concluiram que se apagára a luz d'aquella formosa lampada, que tão funda tristeza fazia nas trevas.

XXX

A cinco leguas de Paris, encontrou Augusto as duas familias. A baroneza ao vêl-o, cuidou que a sua gente viria perto. Augusto ia triste, livido, e com um pensamento atroz gravado na fronte.

Na primeira estação em que pararam as carroças, o filho de Ignacio Botelho chamou de parte o barão da Nobrega, e disse-lhe:

— O meu amigo vae sacrificar-se á salvação de Carlota dos Reis.

— Carlota! — exclamou o barão — onde está essa mulher?

— Carlota é a viscondessa dos Reis, a amiga intima de suas cunhadas. Esta mulher, se o vir, volve á demencia, e dá ao mundo a historia esquecida das suas desgraças.

Manuel de Castro ouvia-o com uma estranheza de idiota.

— Possue-se bem do que eu lhe digo, *senhor Manuel de Castro?* E' preciso que *Carlota dos Reis* não diga, douda, á sociedade de Paris que allianças vossa excellencia teve com ella. Perdida a rasão, o mundo ha de perguntar o mysterio, e o mysterio fallará pelas mil boccas do escandalo. E' preciso que vossa excellencia engane sua senhora. Que, a distancia de Paris, se afaste comigo para um pretexto que eu lhe indicarei. Sua senhora vae para casa dos seus. Vossa excellencia vae para Portugal, sem entrar em Paris. Irá ás costas da Bretanha esperar que saia um vapor. Eu, e Gregorio e D. Rosa lhe conduziremos a senhora para Lisboa.

— Pois é forçoso que eu deixe minha mulher e meus filhos?! — replicou Manuel de Castro — Não posso eu existir em Paris sem me avistar com essa senhora?

— Não, sem que o seu mesmo desvio dê margem a que tudo se saiba. A familia de sua senhora vive mais em casa da viscondessa dos Reis que na sua propria. O senhor ha de necessariamente explicar a rasão porque se esconde. Carlota tem pae, senhor barão; e, pela amostra que eu tenho do seu caracter, penso que lhe é menos cara a vida que o prazer d'uma affronta a quem lhe causou todas ou parte das desgraças da filha. Para que estou eu a cançar-me com argumentos, quando o tempo nos foge?! Definitivamente, vae vossa excellencia para Portugal?

Manuel de Castro apertou a mão de Augusto, e disse:

— O que quizerem de mim. Não discuto: obedeço. Guio-me por uma cabeça de creança; mas respeito a sua intenção, que é nobre.

Voltaram ao grupo que os esperava com espanto de tão longa pratica em segredo. Em poucas palavras disse Augusto ao barão qual seria o pretexto para se retirar, perto de Paris. O barão explicou a sua mulher o motivo simulado da secreta conversação com Augusto. Este, entrando na carroça de Gregorio, contou exactamente as cousas como ellas se passavam.

O bom do Gregorio, espantando-se de tudo, não se espantou nada de ver Carlota viscondessa.

Tinham andado um terço do caminho, quando Manuel de Castro, apertando estremecidamente a mulher ao peito, murmurou em palavras que mais eram gemidos:

—Eu menti-te, Mathilde. Não ha duello algum de que eu deva ser testemunha. O que ha é uma borrasca eminente á nossa felicidade de oito annos. Parece que a fortuna se cançou de nos bafejar. Ajuda-me a conjurar a tempestade, filha. Vamos procurar a bonança no doce remanso que indirectamente deixámos.

—Que é, Castro, que tens tu?—Atalhou tres vezes Mathilde no breve espaço d'aquellas palavras—Diz-me o que queres que eu faça...

—Que voltemos d'aqui mesmo para a Suissa.

—Pois...—balbuciou aturdida a baroneza.

—A viscondessa, em que tuas manas te fallam, é Carlota, a Carlota que...

—Ah!—exclamou Mathilde, e logo bradou ao conductor:—Pára!

—Queres dizer que voltamos, filha?—accudiu Castro.

—Sim, quero!... voltemos. Bem hajas, Manuel, que foges, e me poupas a grandes dôres. E' Deus

que me inspira. Mas eu posso vêr a nossa familia. Minhas irmãs devem de estar perto d'aqui. Esperemol-as, deixa-me abraçal-as, quero ver meu pae ainda uma vez, e depois... Oh! já não tenho saudades senão da nossa casinha, e da quietação de espirito que já não sinto!

Aproximava-se o carro de Gregorio.

O barão tinha apeado, e combinado com o conductor o retrocedimento.

—Que ha?—perguntou Augusto.

—Ha que vamos dar o abraço da despedida, meus caros amigos. Os senhores seguem para Paris, eu volto para o lago de Genebra com minha familia.

—Então como é isso?—disse Gregorio, atalhado, em quanto D. Rosa abria a bocca na sublime expressão do seu espanto.

—E' a precisão de agarrar a felicidade que nos quer fugir—disse o barão.

Augusto abraçou Castro, e disse-lhe:

—E um grande passo, meu amigo. Não me atrevi a propor-lh'o, porque pensei que sua senhora se indignasse contra um alvitre, que a privava da familia, de Paris, e da patria. Se é sacrificio que fazem, verão como a ventura os galardôa.

Detiveram-se um quarto de hora quasi silencioso.

Mathilde esperava, e não desfitava os olhos do horisonte da estrada.

—São ellas! — exclamou — devem ser minhas irmãs.

E eram. Vinha com ellas o velho Valdez.

Apearam, e enlaçaram-se todos n'um mesmo abraço em redor de Mathilde e do marido. A mais velha, vendo Augusto, ficou atonita; e mais ainda notando que elle fingia não conhecel-a.

—Vamos para Paris, que são horas — disse Valdez. — Os meus filhos, que veem cançados da má locomotiva, entram na carroagem, e verão o que é regalar-se o corpo. Não cuidem vossês que eu já tenho d'estas equipagens! A carroagem é de Eduardo Pinto...

— Eduardo Pinto — acudiu a mais nova das meninas—é o pae da viscondessa.

— Da viscondessa?... da Carlota?... — atalhou Mathilde.

—Sim—disse o pae—que por signal está douda.

— Douda?! — exclamou Augusto, e Gregorio, e D. Rosa simultaneamente.

A irmã mais velha de Mathilde poz os olhos em Augusto, e d'um modo que parecia dizer-lhe: «tu foste a causa!»

— Porque endoudeceu ella? — perguntou a baroneza.

—Amores—respondeu o velho.

—Ah! sim?—tornou Mathilde—Amores a quem?

—A um tal Augusto Botelho, que nenhum de nós conhece.

E todos, salvo o velho, convergiram os olhos sobre Augusto, que entre-abriu nos labios roxos um sorriso indescriptivel.

—Ora essa é de cabo de esquadra!— disse Gregorio que ainda não tinha fallado.

Francisco Valdez, como achasse nimiamente plebéa a phrase, levou a enorme luneta de caixa de tartaruga ao olho direito, e disse ao interruptor:

— Ainda me não apresentaram este cavalheiro que me promoveu a cabo de esquadra.

—É um meu amigo—disse Castro—Um homem cujas palavras são inoffensivas.

— Ah! são inoffensivas?... mas parece que duvidou com certos ares de zombaria que a viscondessa amasse um tal Augusto Botelho...

— Não só duvidou, mas nega, senhor Valdez — disse Augusto — Eu apresento-me a vossa excellencia como Augusto Botelho.

— O senhor?! pois é o senhor a pessoa?! Oh! queira perdoar... Eu disse isto por me parecer que a opinião do meu amigo Pinto dos Reis devia valer alguma coisa.

— O senhor Pinto dos Reis enganou-se, retorquiu Augusto.

— Pois peço perdão, se fui indiscreto... Mas a gente não fica a discorrer agora na estrada. Vamos a caminho.

— O nosso caminho termina aqui — disse Castro.

— Como?! — tornou confuso o velho.

— Retrocedemos para nossa casa, senhor Valdez.

— Pois a minha filha que me tinha dito nas suas cartas?!

— Mudámos de parecer, meu pae — respondeu Mathilde. — N'outra occasião, cumprirei a minha promessa. E tenha o pae a generosidade de nos não pedir explicações.

— Fazem-me doudo! — interrompeu o velho — Se a minha auctoridade é alguma coisa na vossa vontade, mando que venham para Paris, ou que se expliquem.

— Minha mulher disse tudo o que podia dizer. Espere vossa excellencia que o mysterio se esclareça mais tarde — redarguiu Manuel de Castro.

Seguiram-se supplicas das irmãs; mas o espanto,

a tristeza, e as lagrimas eram o essencial do quadro. Detiveram-se ainda minutos em despedidas; a final, Mathilde arrancou-se aos braços das irmãs, e saltou á carroça; o marido acommodou os filhos e a velha criada de sua mãe; apertou a mão de Augusto, de Gregorio, de todos, e mandou voltar o carro.

XXXI

Horas depois que chegaram a Paris, foi Augusto procurado no seu hotel por Eduardo Pinto.

Preparava-se o moço para algum desatino do velho; e Gregorio, adivinhando-lhe o sobresalto, quiz assistir á recepção do visitante, desejo que Augusto delicadamente contrariou.

Eduardo entrou manso e urbano. Revelava dôr afflictiva, e mal seccas as lagrimas. Começou fallando, e os soluços embargaram-lhe a voz. Contorcia-se em silencio, ora escondendo o rosto nas mãos ora recurvando-as sobre as fontes em anciado phrenesi.

—Que immensa dôr é a sua, senhor Reis!—disse Augusto—sei a causa. Sua filha soffre muito...

—Não soffre—balbuciou o velho—não soffre; eu é que morro... Minha filha endoudeceu; está irremediavelmente perdida.

—Perdida, não. A senhora viscondessa, já depois

que esteve alguns annos douda, teve um novo ataque; mas, graças ao repouso do espirito, e aos cuidados da sancta gente, que nos amparou a ambos, sua filha recobrou o juizo, e em tres annos não experimentou o menor desconcerto de razão. Tenha algumas esperanças, senhor, que eu tenho-as todas.

Reanimou-se o aspecto do velho.

—Tem esperanças, o senhor Augusto?—disse elle com alegre ar.

—Todas. Sua filha em que estado ficou?

—Prostrada; mas os accessos são terriveis... Venha vêl-a, venha comigo, talvez que ella, ouvindo a sua voz, se tranquillise... E perdoe-me a allucinação com que o tractei em minha casa... Este amor de pae é um castigo, um inferno que eu tenho em vida!... Se o senhor Augusto me dissesse logo os sentimentos de minha filha, os affectos que os prendiam ha tantos annos... Porque m'o não disse? porque hesitou em confessar que amava minha filha?...

—Eu, senhor!...—interrompeu Augusto—confessar-lhe que amava sua filha!... Quem poderia dizer a vossa excellencia que eu amava a senhora D. Carlota em tempo algum?.

—Ninguem m'o disse... ninguem... foram as lagrimas d'ella... mas, meu Deus! que lhe diria o senhor Augusto para que ella desde esse momento nunca mais me parecesse a minha amada filha?... Foram ciumes? Desconfiou o senhor que ella amava outro homem? Mentiram-lhe, mentiram-lhe, pela minha honra lh'o juro. Coitadinha! ia ao theatro porque eu lhe pedia que fosse; ia aos passeios porque eu ia soberbo com ella ao meu lado. Por amor

d'ella é que eu amava a riqueza; pensava em fundir montes de ouro para lhe levantar um throno, onde todas as mulheres a invejassem... E agora, douda, perdida, sem remedio! Como Deus castigou o meu orgulho, que eu julgava digno de que o mundo m'o respeitasse... O' senhor Augusto, se vê que a podemos salvar, diga-me como, ajude-me a recuperar-lhe a rasão, porque é nossa, é um coração que ali temos ambos, e morrerá para ambos, se a rasão lhe não volta!

Pareceram a Augusto intempestivas as explicações, que azedariam acerbamente o coração do infeliz pae. Deixou-se suppôr o amante e o amado de Carlota, vendo que a supposição nenhum desaire, nenhum dissabor podia trazer a algum dos dois, em quanto o velho ignorasse que sua filha tinha sido a concubina de Ignacio Botelho.

E porque não havia elle de ignoral-o sempre!...

Acompanhou-o Augusto, consolando-o com esperanças não mentidas, porque elle as tinha quasi como realisadas, pelo muito que fiava do affecto que Carlota lhe tinha mostrado, durante a sua residencia no mosteiro d'Evora.

Conduzido pela mão de Eduardo, entrou Augusto no quarto da viscondessa.

Estava ella com dois medicos á cabeceira, e a sua criada grave, limpando-lhe o suor da face.

Os medicos tinham ordenado uma sangria; mas a doente repuxava o braço, quando brandamente o tomavam para o lancetarem. Esperava-se que o pae viesse, para lhe pedirem licença de empregarem a força.

Ouvindo Augusto a pergunta, e vendo a vacillação de Eduardo, disse:

—Parecia-me que se reservasse esse recurso para outra hora. Por em quanto, não.

Accedeu promptamente o pae, e os medicos saíram, segredando-se na ante-camara:

—O rapaz lá sabe como a ha de curar, e póde bem ser que nós sejamos mais doudos que ella, por a termos capitulado douda...

Augusto disse á criada que se retirasse. E Eduardo seguiu a criada, quando Augusto, muito enleiado sem atinar com o melhor modo de o convidar a deixal-o só com ella, mostrou a turvação no rosto.

Mas era sempre o pae cioso do amor da filha! amor que bem definido estava por elle—inferno em vida. Não se afastou para longe: deu uma curta volta, e foi collar o ouvido á fechadura d'um gabinete de banho, contiguo ao quarto.

Augusto apertou a mão de Carlota, e disse-lhe:

—Minha amiga, ouve-me?

Abriu ella os olhos pavidos, reconheceu-o, e sentou-se no leito com movimentos rapidos e descompostos.

—Conversemos tranquillamente, sim?—tornou Augusto—Imaginemo-nos na grade do convento de Evora. A minha amiga está costurando um peito da minha camisa, em quanto eu lhe leio o «Eurico.»

A viscondessa sorriu, e acenou affirmativamente com a cabeça rapidas vezes.

—Está mais socegada. Reconhece no homem grave que lhe dá conselhos, a creança a quem ensinou a fallar. Se a minha amiga não sente ao pé de mim a serenidade de espirito que eu espero ver-lhe, então, hei de acreditar o meu pouco poder em sua alma.

Carlota soltou uma estridente casquinada de riso

e recaiu subitamente n'uma atrophia de rosto cadaverica.

Augusto compoz-lhe as almofadas e recostou-a. Tocou uma campainha e logo acudiu o velho.

— Sua filha tem dormido?—disse Augusto.

— Nada, ha duas noites.

—Uma simples bebida para obrigal-a a dormir é o que primeiro precisamos. Lembra-me que, na recaida que teve ha quatro annos, a primeira applicação foi uma opiata.

D'ahi a pouco foi Augusto ministrar-lhe a bebida diante de seu pae. Chamou-a, chegou-lhe o copo aos beiços, e ella, com os olhos fitos n'elle, bebeu a até á ultima gota.

Quebrantou-a o narcotico. Dormiu profundamente algumas horas, e, no entanto, Augusto saiu para encurtar a anciedade de Gregorio e Rosa.

Passadas horas, estava á porta do hotel uma carroagem de Eduardo, e um bilhete que o chamava.

— Assim me Deus salve — disse Gregorio — que eu não sabia que o menino tinha estudado para medico!

D. Rosa veio com uns bentinhos de Nossa Senhora do Carmo, e disse-lhe:

—Olhe, meu filho, bote-lhe isto ao pescoço.

Augusto acceitou os bentinhos; mas a philosophia deixou-os ficar esquecidos na algibeira.

XXXII

Carlota, ao despertar, chamára Augusto. Acercára-se o pae do leito; e a filha, beijando-lhe as mãos, repetiu, como interrogando: «Augusto»?

— Vem já, filha, vou mandal-o chamar.

E mandou sair o trem, emquanto escrevia a carta.

Quando voltou ao quarto a viscondessa estava em pé, e murmurava dialogando comsigo propria:

— Elle lia-te o Eurico, e tu bispontavas o peito da camisa, que elle hontem vestia. Hontem! foi hontem? quando foi que eu vi Augusto?

— Foi ha tres horas — respondeu o pae.

Carlota aconchegou do seio o corpete do seu casaco de velludo escarlate, e deu laço aos cordões, com o afôgo de quem é surprehendida em trajos deshonestos.

— Porque não te deitas, filha? continuou o pae.

— Deitar-me?!

— Sim, que estás a caír de fraqueza.

— Pois não vamos para Evora ?

O ar, com que fez a pergunta, era já socegado, clara a luz dos olhos, e compostas as feições.

— E queres ir para Evora, para o convento, Carlota ?

— Não me disse Augusto que eu tinha lá deixado a minha felicidade ?

O velho, cuidando que a sisudeza d'estas fallas era signal de restauração de juizo, cedeu á amoravel impaciencia de perguntar-lhe se amava Augusto.

— Se o amas, filha, duvida tens que eu o amarei tambem ?!

Carlota estremeceu n'um calefrio, e clamou:

— Eu amal-o!... O pae não sabe o que diz!... Isso é atroz, é impossivel, é horroroso!

— Não é, filha! — atalhou o pae enleado. Embora tenha menos doze annos que tu, se tanto é, que impossibilidade ha para que seja teu marido ?

— Oh! cale-se por piedade! — exclamou muito agitada, como a querer fugir da presença do pae, que a reteve.

Seguiu-se um anciado silencio de ambos, que durou até ao momento em que entrou Augusto.

Saiu o velho á ante-camara a recebel-o, e disse-lhe:

— Já pensei que a tinha salva; mas foi illusão passageira. Fez-me perguntas sensatas, e respondeu serenamente ás minhas. Depois, quando eu lhe dizia que acceitasse o seu amor, que eu de modo nenhum contrariava, desatinou, exclamando que o casarem-se era impossivel, horroroso, e atroz! E pediu-me que por piedade me calasse...

— E eu tambem por piedade lhe peço que se

cale — interrompeu Augusto, entrando no quarto da viscondessa.

Tomou-lhe as mãos, e disse:

— Passou a nuvem?

Carlota sorriu, e disse com rapida mudança para rosto amargurado:

— Que é feito do meu «Eurico»? Quando te verei, meu livro querido, no quarto tão lindo do meu convento!... Aqui é tudo oiro, senhor Augusto. Lá, era tudo flôres. Tantas jarras que o senhor me dava, e tantos ramos que as freiras andavam colhendo sempre para mim. Ai! que saudades!... que saudades!...

E rompia em pranto, que Augusto accintemente lhe desafiava com as recordações do convento.

O melhor medico do espirito será aquelle que maior porção de intimo fel diluir em lagrimas.

Por largo espaço o coração da enferma obedeceu á pressão de Augusto. Parece que a pelle do rosto d'ella, ao contacto das lagrimas, se ia retingindo da côr suave, que tivera tres dias antes. As pulsações regularisavam-se; e a placidez do olhar era para Augusto, que a vira n'outra egual crise, a evidencia da cura.

— Está passada a borrasca! — exclamou elle, apertando as mãos do pae e da filha. — Alegre-se, minha senhora, da alegria que dá aos seus dois amigos, um como pae, e outro como irmão. Quando quer vossa excellencia vêr o bom Gregorio, e aquella santa mulher, que nos quer tanto?

— Onde estão?! — disse Carlota.

— Em Paris.

— Em Paris?! estão, e não os vejo!? Oh meu pae, pois não sabe que tudo devo a Augusto e a elles?

— Sabia; mas ignorava que essas pessoas estivessem cá.

— O' senhor Augusto poderei eu ir vêl-os?

— Pois não póde, minha senhora? Seria uma excellente coisa ir vossa excellencia respirar agora, dar um largo passeio de carroagem, e vir passar comnosco a noite.

— Vamos, meu pae? — disse ella com alvoroço.

— Sim, filha, vamos.

N'este momento annunciou-se Francisco Valdez.

Augusto travou do braço de Eduardo, saiu com elle do quarto, e disse-lhe:

— E' forçoso que esse homem não falle diante de sua filha.

— Porquê? Diga-me porquê, senhor Augusto?... Eu ando aqui perdido no labyrintho de tanto mysterio!...

— Se quer sua filha com rasão, vá vossa excellencia recebel-o, e affaste-o d'onde ella possa ouvil-o.

Entretanto, a viscondessa entrára n'uma recamara para vestir-se, e a vinda de Francisco Valdez nem de leve a inquietára.

Ora, vejam se Augusto não era propheta, ouvindo o dialogo de Eduardo Pinto e do pae de Mathilde.

— Como está a senhora viscondessa?

— Melhor, creio que a tenho salva.

— Tomou o meu conselho?

— Qual, meu amigo? Já me não recordo... tem sido tal o atordoamento das minhas idéas...

— Pois esqueceu-se que eu lhe disse que a cazasse com Augusto?

— Ah!... não me esqueceu...

— E foi isso, hein?

— Não, senhor; minha filha é apenas uma irmã extremosa de Augusto.

— Ah! sim? Como ella está boa, ou melhor do que estava, isso é que é o importante, meu caro Pinto. Sabe que estou consternadissimo?

— Que tem, amigo?

— Meu genro, barão ou que diabo o fizeram da Nobrega, e minha filha eram esperados ha um mez, como vossa excellencia sabe, com delirio pelas pequenas, e por mim que ha oito para nove annos não via minha filha. Fomos esperal-os d'aqui duas leguas; eis se não quando, depois dos cumprimentos, voltam para a Suissa, sem me darem nem palavra que explicasse o desatino!

— E' celebre o seu genro e a sua filha! — notou Eduardo Pinto.

— Aqui ha um segredo impenetravel! Mas minha filha mais velha disse á mais nova umas palavras, que me chegaram aos ouvidos... mas é impossivel... é impossivel!...

Augusto, que estava escutando, entrou de golpe na sala, e disse:

— Senhor Eduardo Pinto, a senhora viscondessa espera-o já prompta.

— Vão passear? — disse Valdez.

— Vamos visitar uma familia portugueza.

— Vossa excellencia de certo não conhece — atalhou Augusto. — São burguezas da gêmma.

— A' laia d'aquelle personagem que hontem disse que vossa senhoria não podia casar com a senhora viscondessa?

— E' esse justamente.

— Ah! — tornou Valdez muito galhofeiro. — Vae vêr um typo dos bons tempos de Portugal... Que

eu, a dizer a verdade, fiquei entendendo que o homem não era de todo portuguez.

— Pensou vossa excellencia admiravelmente — disse Augusto. — O que elle é, sem mescla e estreme, senhor Valdez, é honrado, e um sancto, se vossa excellencia crê em sanctos.

—Creio em sanctos, pois não creio?

— E além de sancto é um homem de grande influencia no governo portuguez.

— Isso creio eu; porque os ministros d'agora, á excepção de meu primo, o conde de***, são todos d'aquella farinha grossa.

—E de tanta influencia—accrescentou Augusto—que sua excellentissima filha a elle deve ser baroneza da Nobrega.

E voltando-se a Eduardo, disse:

—Sua filha espera-nos. Um pae póde fazel-a esperar; mas eu que vim de sua ordem chamal-o...

—Vamos—disse o velho, cada vez mais enredado no labyrintho de mysterios, como elle dizia.

Despediu-se Valdez; e Augusto disse ao pae de Carlota:

— Rogo-lhe que nem uma palavra do que ouviu a este homem na presença de sua filha!

—Mas, senhor, diga-me que intriga é esta...

—Escolha: saber a intriga, ou ver sua filha incuravelmente douda.

Novo enleio para o pae.

A viscondessa lançou-se aos braços de Gregorio e de D. Rosa. Os dois velhos choravam de alegria.

—Foram os bentinhos de Nossa Senhora do Carmo!—exclamou Rosa.

Eduardo voltou-se para Augusto, e perguntou a meia voz:

—Que é aquillo dos bentinhos da Senhora do Carmo?!

—É a fé d'uma sancta alma. Repare n'esses dois entes, que são os enviados da Providencia. Sem elles, sua filha teria perecido de fome, e eu ter-mehia talvez suicidado, antes de encontral-a na ultima penuria.

Eduardo, involuntariamente, sentiu ferido o seu coração de millionario. Não obstante, aproximou-se de Gregorio, e disse:

—Eu agradeço a vossa senhoria e a sua consorte os muitos beneficios que a minha filha lhe deve.

—Não tem que nos agradecer vossa excellencia nem ella—respondeu Gregorio.—Eu cá estou bem pago com outro abraço, e minha mulher tambem.

—O que eu e ella lhes pedimos—continuou Eduardo—é que acceitem a nossa casa, em quanto nos derem o prazer de os termos em Paris.

—Nós acceitavamos da melhor vontade, se nos demorassemos; mas isto está por poucos dias. O senhor Augusto acho que é do nosso parecer.

—De certo: nós vamos para Portugal brevemente—confirmou Augusto.

—Vamos todos meu pae?—disse a viscondessa.

—Tens vontade de deixar Paris, Carlota?!

—Oh! quem me dera!... Vamos, meu querido pae?

—E dizendo, beijava-o na face, e apertava-o ao coração.

—Faça-lhe a vontade, senhor Reis—disse D. Rosa.—Venham d'ahi. Lisboa é uma terra tão bonita! Eu digo a verdade: não vi nenhuma que me agradasse tanto.... Nem Roma, Deus me perdôe, se pécco. Pois então Paris? Isto é de a gente se

aborrecer desde que se levanta até que se deita. Parece-me que estou aqui ha dois annos!...

Eduardo chamou Augusto ao peitoril d'uma janella, e disse-lhe:

—Um velho pede conselhos a uma creança: Que me diz? Vamos para Portugal? Será isso favoravel ao completo restabelecimento de minha filha?

— E' a sua completa salvação. Em Paris, juro-lhe que a ha de ver succumbir afinal irremediavelmente.

Voltou-se Eduardo ao grupo, e disse:

—Vamos para Lisboa.

Carlota lançou-se-lhe de novo ao pescoço, abraçou todos, e, na vehemencia da sua alegria, beijou Augusto na face.

O pae viu este feito arrebatado; e, como se um beijo podesse ter a importancia de mysterio, o velho descobriu que o seu labyrintho ainda tinha mais um zig-zag. E, logo, caindo em si, Carlota, disse:

—Era assim que eu o beijava, quando o tinha no meu collo, se o menino repetia com todas as syllabas as palavras que eu lhe ensinava... Lembra-se senhor Gregorio?

—Se lembro!....

Sairam juntos para o palacio de Eduardo, convidados a jantar.

—A jantar?—observou Gregorio—são sete horas da tarde. Vossa excellencia queria dizer *ceiar*, não é assim? Vamos lá ceiar, e jantaremos em minha casa em Lisboa, d'hoje a duas semanas; mas lá janta-se ao meio dia; merenda-se ás quatro; e ceia-se ás oito.

Sempre alegre, sempre feliz, o coração do bemfadado da Providencia!

XXXIII

E quinze dias depois, jantavam Eduardo Pinto dos Reis e a viscondessa, em Lisboa, no largo da Abegoaria, em casa do capitalista Gregorio Redondella.

E, depois de jantar, recolheram aos seus aposentos, que eram no segundo andar da casa.

E Augusto Botelho desceu ao escriptorio, onde tinha os seus livros, e fechou-se por dentro, lendo uma a uma quantas cartas recebera de Carlota, escriptas do convento de Evora.

E, depois de as emmassar, e arrecadar n'um escaninho privativo d'ellas na secretaria, Augusto pôz o rosto sobre as mãos, que assentava abertas sobre a banca, e ouviu um grito do seu coração, que dizia: FATALIDADE!

Por que chora este moço de tão venturosas apparencias? Que mulher resistiu aos seus encantos, ás suas virtudes, e á presumptiva herança de centenares de contos?

E, após largo espaço de angustiosa reconcentração, Augusto abriu um cofre de prata, e tirou de dentro um retrato de mulher.

Via-se uma belleza peregrina a meio caminho da existencia. Um porte de summa elegancia; um rosto de extremada nobreza; uns olhos que deviam poder muito, quer fulminando com imperio, quer commovendo com lagrimas. E deteve-se a miral-o muito tempo, horas seriam, e lançou-o depois de si, exclamando outra vez: FATALIDADE!

E aquelle retrato era o de Carlota!

Sentira elle passos na escada, e conheceu-os. Suspendeu-se-lhe a respiração, e o sangue. Ouviu o manso bater da mão delicada, abriu, e estendeu a sua com tremor a Carlota, que vinha muito risonha.

— Sabe o que meu pae me disse?

— Que disse?

— Vae encontrar um amigo a Inglaterra, demora-se alguns mezes, e disse-me se eu queria, entretanto, ficar no meu saudoso convento.

— E a viscondessa quer?

— O' meu filho! — disse com vehemencia Carlota — quando estiver a sós comigo, ou diante da nossa familia, não me chame viscondessa, não? Lembra-se como me tratava em menino? Era por tu. Sei que me não póde dar agora esse tratamento; mas chame-me como no convento: *minha irmã*, ou *minha amiga*. Não quer?

— Pois, sim, minha irmã.

— Diante de gente não: que poderiam rir-se, porque já posso ser sua mãe. Trinta e tres annos! estou velha!...

Carlota relanceou os olhos sobre uma banqueta de charão, e viu o seu retrato.

— Ai! Tem isto aqui?!

E reparando viu os vestigios ainda humidos de duas lagrimas.

E Augusto reparou tambem que as mãos convulsas da viscondessa pareciam não poder com o retrato.

Carlota fez-se da côr do marmore, e lançou a mão para se amparar á columna dourada de um espelho de vestir.

Augusto aproximou-se d'ella, e amparou-a pela cintura; e, como quer que o corpo se deixasse pender como a buscar um apoio, o moço ajoelhou para sustel-o, e com uma das mãos arrastava uma cadeira de espaldar para sental-a.

— Minha irmã! — exclamou elle.

A viscondessa ouviu-o, descerrou as palpebras, tomou-lhe a face entre as mãos, e murmurou:

— Diga-me que estou louca... diga-m'o, senhor Augusto... Eu não vi lagrimas, não?

— Não... — tartamudeou o infeliz — não eram lagrimas... Porque choraria eu, contemplando a minha irmã no seu retrato? Poderia chorar, adivinhando que ia separar-se de nós... mas eu não vaticinava a má nova que me veio dar com tanta alegria...

— O' Augusto, bem haja... O céo lhe abençoe a affeição fraternal que me dá... Eu não irei para o convento, se me quer aqui. Ficarei, meu filho, e farei com que meu pae não vá... Tenho remorsos de lhe ter mentido...

— Mentiu-me?!

— Sim... Meu pae não me disse que saía, nem me perguntou se eu queria entrar no convento. Quiz experimentar o coração do meu amigo... Quiz vêr o que era na sua vida...

— E' tudo! — exclamou Augusto n'um transporte inflexivel.

E Carlota fitou os seus magicos olhos nos olhos chammejantes do filho de Ignacio Botelho, e então viu que elle caíra de joelhos com as mãos supplicantes.

Ergueu-se a viscondessa impetuosamente, esteve instantes com a fronte apertada entre as mãos, e fugiu do gabinete, para entrar no seu quarto.

E ahi lhe saltaram lagrimas ardentes do coração, como nunca as sentira a queimar-lhe o rosto.

— Endoudecer! — exclamou ella.

*

* *

Conversemos, leitor.

— Que lhe parece isto a vossa excellencia?

— Parece-me um escandalo inaudito! Eu tenho lido todos os romances de mais nomeada pela extravagancia, e nunca vi uma coisa assim! Tenho desculpado todos os amores extravagantes; mas á minha bondade repugna escusar que estas duas pessoas se amem, embora a rasão acceite a possibilidade de se amarem.

— Ah! vossa excellencia confessa que a rasão acceita? Pois se a rasão se conforma, que fará o coração? Não vê que aquella mulher é bella, d'aquella expressiva, imperiosa e fascinante belleza dos trinta e tres annos?

— Pois sim; mas não esteja você a puxar muito

pelo fiado, que eu, se me apoquenta, lembro-lhe que Carlota...

—Foi a amante do pae de Augusto? é o que quer dizer-me?

—Está claro.

—Então vossa excellencia ainda não sabe nada do coração humano, nem da historia. Repare que não ha aqui sequer um amor incestuoso. Não ha Neros, nem Hypolitos, nem Cyniras, nem as filhas do duque d'Orléans, que vossa excellencia conhece do *Seculo de Luiz XV*, e dos romances que esmoeu sem amargos de bocca. Tracta-se de uma mulher formosa, e de um moço de vinte e um annos que ama pela primeira vez, e que já amava,—saiba-o agora, já que eu tive pejo de lh'o dizer em tempo mais opportuno—já amava, quando foi viajar, e esconder o seu coração no *chalet* da Suissa.

—Seja como quizer; mas não é de bom gosto o episodio do seu romance.

—A natureza, meu bom amigo, não se amolda ao bom ou mau gosto dos romancistas. A natureza faz d'estes amores,—monstruosos, se vossa excellencia quer—atira-os á circulação, e diz: «os novelleiros que vos definam, se podem.» E não está bem definida a coisa? Que tem o coração de Augusto com o passado?

—A dignidade.

—Com o que vossa excellencia me vem!... A *dignidade!*... A dignidade, quando a paixão lhe sáe de rosto, agacha-se, e deixa-se sovar aos pés, se é que a paixão póde ter pés, não tendo cabeça.

E dou a polemica por concluida.

XXXIV

Eduardo Pinto, decorridos dois dias em seguimento do dialogo de Carlota e Augusto, fallou assim a Gregorio:

— O generoso amigo de minha filha tem obrigação de olhar pela felicidade d'ella em tudo e por tudo. O senhor Gregorio vê minha filha de cama, ha dois dias, e cuida que o soffrimento d'ella é um passageiro incommodo. Eu vejo-a com o coração de pae, e receio que a morte seja o unico remedio ao seu mal, se da nossa parte nos confiarmos á cura do tempo.

— Senhor Reis — atalhou Gregorio — veja o que eu posso fazer, que estou prompto, como se fosse eu pae da senhora viscondessa.

— Ora diga-me: o senhor não desconfiou que Augusto e minha filha se amassem antes d'elle ir viajar?

— Não, senhor, eu não desconfiei... como havia eu de desconfiar de crime tamanho!?

Isto foi dito com uns tregeitos de assombro, que iam causando riso ao interlocutor.

— Crime tamanho! — redarguiu Eduardo. — Pois entende o senhor Gregorio que o amarem-se honestamente duas pessoas livres seja um grande crime?!

Gregorio cahiu em si, compoz o gesto apavorado e acudiu logo simuladamente:

— Sim... a fallar a verdade, o crime não é grande; emfim, como o outro que diz, a differença das idades...

— E das posições... queria o senhor dizer... Bem sei... Minha filha, n'esse tempo, era uma rapariga pobre, que recebia no convento a sua esmola...

— Alto lá — interrompeu Gregorio — que vem cá fazer esses contos de esmola? Quem falla n'isso, senhor?

— Perdão; ninguem fallou em esmola, senão eu, e ella que francamente o diz; mas como a dependencia diminue o grau de merecimento de cada qual, poderia ser que o senhor Gregorio achasse estranho que o senhor Augusto, seu ftuuro herdeiro, casasse com uma mulher, que tinha sido creada de sua casa.

— Não é isso... — disse Gregorio muito enleado, e morto por se desentalar de taes apertos.

— Pois que é? Que razão ha de nos espantarmos, se o senhor Augusto amasse Carlota!?

— Ha de perdoar... mas eu não posso crêr isso.

— Senhor Gregorio, doe-me a sua duvida, e sou obrigado a revelar-lhe um segredo que roubei a minha filha. Por um descuido d'ella, achei aberta a sua secretária em Paris, e li algumas cartas de Augus-

to, escriptas de diversos pontos das suas viagens. Se não eram bem expressivas as cartas, eram-no de mais para fundamentarem uma rasoavel desconfiança. Hoje mesmo, encontrei aberta, á cabeceira de sua cama, uma carteira de viagem. Como ella dormia, pude de relance vêr algumas cartas, e esta, que tem a data de hontem, diz mais que as escriptas ha um anno.

—E de quem é a carta? é de Augusto?

—Certamente.

—Pois elle está cá de portas a dentro, e precisa escrever-lhe?! A gente emquanto vive aprende sempre!... E que diz elle então?

Eduardo leu:

«Tranquillize-se, minha amiga. Não succumba para «me dar coragem; senão, o mais fraco serei eu. «Onde quer que eu vá? Diga-o. Irei até onde a dis-«tancia faça que entre nós seja impossivel a com-«municação de uma palavra. Que lhe deixo eu, mi-«nha irmã? Uma crença, que a deve fazer orgu-«lhosa do que é. Viu que era amada, e por quem!... «Já vê que nenhuma culpa lhe póde diminuir o va-«lor aos meus olhos. Amo-a eu, amo-a perdida-«mente eu, que desde os quatro annos a conheço! «Na grade de Evora não lhe fallava assim; mas di-«zia-lhe mais. Então o seu recato impunha-me si-«lencio. Desde então, vi o mundo, e vi-a á luz do «mundo, Carlota...»

—Estou pasmado!—disse Gregorio.—Não leia mais nada, que eu não sei onde tenho a cabeça!...

—Mas eu não fico menos espantado com o seu

espanto, senhor Gregorio! Diga-me o senhor o que é que o faz perder a cabeça!

— O que é?... pelo amor de Deus!

— Sim... o senhor acha um disparate que Augusto seja marido de minha filha?... Não é ella formosa, não sou eu rico, não é elle um homem com coração, como tantos que, em poucos dias que a trataram, m'a pediram em Paris, e todos pessoas distinctas, da velha nobreza, e com fortunas independentes do dote de uma mulher?

— Não duvido, não duvido; mas o caso é outro...

— Sei o que me quer dizer — tornou com azedume e tristeza o velho—Sei, desgraçadamente, sei...

— Pois se sabe... admira-se, senhor Eduardo, que eu perca a cabeça!?

— Admiro! Pois se minha infeliz filha, aos dezeseis annos, se deixou seduzir por um homem, que soube mentir ao infortunio, e abandonou... se minha filha foi obrigada a servir uma casa para ganhar pão com honra... se a desgraçada enlouqueceu, quando, aos vinte annos, viu o abysmo de deshonra em que tinha caido... tudo isto é bastante para que minha filha perca o direito a ser amada, a ser esposa do seu Augusto, do filho do homem que foi seu amo?!

— Quem lhe contou essas coisas, senhor Reis?

— Quem m'as contou?! A pessoa que me informou, um antigo amigo que me impelliu a Portugal, onde eu tinha esta filha... talvez para me castigar involuntariamente da crueza com que eu deixei morrer sua mãe na miseria...

Como Eduardo tivesse os olhos turvos de lagrimas, Gregorio não teve alma para protrahir o dialogo, nem aclarar uma verdade funesta para o po-

bre pae. Ao mesmo tempo, não sabia o bemfeitor de Augusto que dizer no tocante ao amor de que elle tinha as provas presentes n'aquella carta.

Foi para elle um grande allivio o apparecimento de Augusto, que impallideceu ao ver a sua carta sobre uma meza.

O pae de Carlota achou excellente a opportunidade de fallar peremptoriamente a Augusto, n'estes termos:

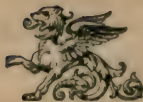
— Senhor Augusto, vejo que o incommoda encontrar esta carta: fui eu que a subtrahi da carteira da minha filha, estando ella a dormir. Sejamos francos, que é preciso sel-o. Ama minha filha? caze com ella. Não careço de fazer a mesma pergunta a Carlota. Vejo-a desde hontem definhar-se, e pedir a Deus a morte. Roga-me a chorar que a leve para o convento. Que ha de fazer um pobre pae se não perguntar a Deus que segredo ha aqui n'esta affeição de annos? Que estorvo os priva de se unirem? Se ella teve no seu passado uma culpa, absolvida pela innocencia e pelo infortunio, seja o senhor Augusto egual a Deus, perdôe-lhe, se intende que a passada e expiada culpa offende o seu pundonor de marido.

— Por Deus lhe peço que não continue! — disse o attribulado moço.

Eduardo encarou em Gregorio, que tinha os olhos postos no chão; voltou-os para Augusto, e viu-o a soluçar com o rosto entre as mãos.

Durou segundos este lance, até que Augusto, erguendo-se de golpe, saiu da sala enxugando as lagrimas.

Duas horas antes, tinha elle recebido este bilhete em resposta á carta, cujo periodo ouvimos ler a Eduardo:

«Vá, vá. Não me queira ver mais. Lembre-se da
«minha indignidade. Não ha ferida de coração que
«resista a esse balsamo. Vá, anjo de melhores des-
«tinos! Sabe os quadros da minha vida horrenda,
«um por um. Lembre-se de todos. Em pouco tempo
«terá pejo de si proprio, pejo do seu amor, e ad-
«miração dolorosa da sua fraqueza. Tenha tudo;
«mas conserve de mim uma piedosa lembrança. A
«compaixão é o unico sentimento que eu deveria
«inspirar-lhe, se o coração humano fosse menos ab-
«surdo. Eu sou uma desgraçada sem egual. Até de
«lhe abrir a minha alma devo ter vergonha. Sou mu-
«lher condemnada a jámais poder dizer-lhe o que
«sinto. Vê-se que não expiei os meus crimes ainda:
«agora é que eu reconheço o castigo. Vá, fuja de
«mim, meu querido filho. Veja-me no passado;
«olhe que infamias lá ficam sem rehabilitação pos-
«sivel... Deixe-me morrer, por misericordia lh'o
«peço; porque já não espero uma hora da vida em
«paz. A vergonha é mil vezes mais pungente que o
«remorso!...»

XXXV

VINTE e quatro horas depois, Gregorio recebia a seguinte carta de Augusto:

«Quando o meu bemfeitor ler esta carta, «já eu tenho saido a barra. Não sei onde o «destino me leva. De Paris lhe direi as minhas in«tenções. Escuso explicar-lhe a rasão da minha «saida. Dê um abraço na minha querida boa mãe, «e peça-lhe que rogue a Deus por mim.»

D. Rosa rompeu em chôro, quando ouviu ler a carta; e deixou de soluçar, para erguer de joelhos as mãos ao senhor.

Gregorio caiu n'uma taciturnidade, e inteiro desapêgo da vida e dos negocios. Respondeu em poucas palavras a Augusto, e quiz que um seu guarda-livros saisse logo por terra a levar ordens de dinheiro a Paris.

Eduardo, sabendo a saida de Augusto, pediu que não a communicassem a Carlota, e no fundo de sua alma, amaldiçoou o moço. Depois, avassalado pelo orgulho, buscou pretexto para sair da casa de Gregorio; mas, como era forçoso explicar á filha o motivo da saida, e esperasse salval-a tambem pela vaidade ultrajada, revelou-lhe a saida imprevista de Augusto.

A viscondessa respondeu que já o sabia, e disse-o com os olhos enxutos, e socegado semblante, do que muito se admirou e folgou o pae.

Com quanta ternura o faria uma filha, se despediu Carlota de Gregorio e D. Rosa, rememorando todos os bens, que lhe fizeram, deixando soltar palavras de censura amarga aos erros da sua passada vida, e terminando por dizer que só Deus lhe dava uma cella onde ella podesse viver sem confusão e terror de si propria.

Suppunha a viscondessa que seu pae lhe consentiria recolher-se ao mosteiro de Evora. O velho, porém, olhava já para a filha como instrumento necessario á sua vingança, e foi com ella inexoravel.

— Iremos viajar — disse elle.

Queria Carlota redarguir; mas o pae consentiu apenas que ella chorasse.

Tomou navio por sua conta o millionario, e abordou ás costas de França.

Abriu os salões do seu palacio, ainda ornamentado qual o fechára mezes antes, e dispendeu-se em maiores pompas para chamar as attenções em dobro.

Viu muitos portuguezes, sabia os nomes de quantos estanceavam em Paris, e não viu o nome de Augusto Botelho.

Isto deu muito que soffrer.

Invidou quantos meios tinha ao seu alcance para descobrir que Augusto saira de Paris com direcção a Constantinopla.

Descoroçoou de parte do seu plano, plano que seria estupido, se a vingança não fosse, como dizem, o nectar dos deuses. Era dar á filha um marido celebrado na sociedade parisiense, e forçar o moço a contemplar a irradiação gloriosa de Carlota.

No entanto, rodeou-a de numerosos mancebos que vinham duas vezes attrahidos pelo sêvo do ouro, e pela pertinaz formosura da portugueza.

Em quanto elle delirava neste phrenesi de bailes, de jantares, e magnificencias, Carlota passava da sala para o leito; chorava durante as noites, e vestia-se de setim e brilhantes para que seu pae não avincasse a fronte de rugas que a atemorisavam.

Pediram-na um duque que era pobre, e um visconde que era opulentissimo.

Eduardo optou pelo duque. Recebeu Carlota com um sorriso a nova. Vestiu-se com a maxima riqueza, segundo a escolha de seu pae. Foi ao salão em que era esperada, e viu o homem a quem seu pae a dera. Deixou-os a sós Eduardo, porque outras visitas o esperavam no salão immediato. Carlota fallou assim:

— Vossa excellencia tem direito a saber o que eu fui. Tive uma mocidade tempestuosa. Tive amantes, e tenho paixões de que sou escrava. Se assim lhe convenho, vossa excellencia subjeita-se a ver alguma vez nas salas de Paris o homem que amei, e que póde apontar-me aos seus amigos, e dizer: «Aquella mulher foi minha.» Póde ver o homem que amo, e este, se não disser que fui sua, poderá dizer que o

sou, quando elle quizer. Vossa excellencia de certo não quer assim uma mulher, porque ella é rica.

— De certo não; mas seu pae ignora...

— Meu pae ignora a maior parte da minha vida, e vossa excellencia conte-a a todo o mundo, se lhe apraz; mas a elle não. E' a paga que lhe implora a minha franqueza.

O duque sahiu, e no mesmo dia foi para as suas pequenas herdades na provincia, e de lá saiu para Londres, addido á embaixada.

Eduardo Pinto esperava o genro, e recebeu uma carta em que o duque mui simplesmente pedia dois annos de espera para realisar o casamento. Não infringia assim a palavra, nem temia que, findo o praso, o obrigassem por ella.

Nova punhalada no orgulho do millionario.

Pensava elle em negociar o casamento com o visconde, quando a Providencia lhe deu um golpe mortal.

A viscondessa era plena senhora de suas acções.

Saía só nas suas carroagens, e sob côr de pagar visitas, saía muitas vezes.

Com as indicações d'uma criada franceza, que trouxera comsigo de Paris e outra vez levára, descobriu um homem, que devia tirar passaporte para si e duas irmãs, com destino a Portugal.

Feito isto, Carlota sahiu uma tarde, apeou n'um ponto designado, deu alguns passos a pé, dobrou uma esquina, e nunca mais voltou com a criada, que a seguia.

Eduardo Pinto viu chegar de noite a carroagem sem a filha. As primeiras horas gastou-as em pesquizas inuteis. Muitas outras em exclamações e desesperos. Foi á embaixada, e voltou desanimado.

Tornou pela terceira vez ao quarto da filha, e já tinha olhos claros para ver uma carta no toucador. Eram seis linhas:

Procure-me no convento onde me foi buscar, se prefere amar sua filha feliz, a despedaçal-a lentamente n'este mundo que não é o d'ella. Perdoe á desgraça as suas fraquezas. Antes quero lá morrer. Até lá, meu querido pae. Fujo-lhe, quando o seu amor já não era o amor que dá felicidade a uma filha.

CONCLUSÃO

Deixemos correr dois annos.

Carlota está no mosteiro d'Evora. Recebe uma grande tença, com que sustenta as seculares pobres, e convida outras a recolherem-se, pagando-lhes casa no mosteiro, e alimentando-as.

Eduardo Pinto vaga de paiz em paiz, arrastando uma velhice amarga como devia ser a de sua mulher: ella suspirando pela luz dos olhos, elle offerecendo os seus milhões por um raio de luz das almas.

O barão da Nobrega lá está no lago Heman, educando os filhos, amando a esposa, e suspirando pela patria, que nunca mais espera ver.

Gregorio passa os dias e as noites em dialogo com a imagem da esposa, que Deus chamou para si, seis mezes depois da saida de Augusto.

E Augusto, depois de viajar dois annos no Oriente,

forçado pela doença de peito que o ia devorando, recolheu á ilha da Madeira, e espera ahi a convalescença para voltar a Portugal, onde o velho Gregorio o chama com a anciedade d'um moribundo que quer despedir-se.

Augusto sabe que Carlota está no mosteiro e escreve-lhe.

E' a carta d'um mero amigo. Conta-lhe o que viu na sua peregrinação, e pede-lhe a historia da sua vida. Carlota responde-lhe, omittindo tudo em que podia resombrar a historia d'um coração revelada a outro. Narra a sua fuga de Paris, os pormenores da viagem, a entrada no claustro, e o seu viver em tudo similhante ao d'outro tempo, menos na leitura do EURICO, e na costura das camizas.

Diz, sem encarecimento, que padece, que está de todo velha, que vê sem tristeza a morte aproximar-se.

Volta Augusto á patria, e encontra em Lisboa Eduardo Pinto, que o recebe friamente, e não lhe falla na filha.

Carlota recebe carta de Augusto em que lhe pede licença para ir vel-a. Responde, protelando a ida, até que ella possa convalescer d'um ataque mais forte da sua doença do peito.

Gregorio, que presentira o seu fim, quando chamava Augusto, morre na serenidade d'um sancto, legando ao seu filho adoptivo quanto possuia, excepto o terço, que manda repartir pelos parentes de sua mulher.

Augusto não sabe que valor possa ter a riqueza para elle. Olha-se espantado de sua desventura e soledade aos vinte e quatro annos, e enche-se-lhe a alma de tedio, e o futuro de visões sinistras.

Carlota responde ás novas instancias de Augusto pedindo-lhe que espere. Pinto dos Reis encontra-o n'esta occasião, e diz-lhe com amargura:

— Minha filha está a morrer.

— A morrer?! — exclamou Augusto.

— Sim.

— Aqui tem vossa excellencia uma carta d'ella; está na convalescença.

— A mim diz-me o mesmo; mas a prioreza avisa-me que morre.

— Por que não vamos dar-lhe o adeus? — disse Augusto debulhado em lagrimas.

— Por que eu não quero vel-a morrer.

— Mas tenha coragem... vamos!

— Vá o senhor, que não é pae.

E Augusto foi.

Disse o seu nome á porteira do convento, que já o não conhecia.

Carlota ergueu-se do leito, e foi amparada á grade. As amigas sentaram-na, e deixaram-na sosinha. Augusto contemplou-a, e chorou: estava magra e pallida; mas formosa como as virgens christãs, como os martyres de Chateaubriand. E Carlota tirou da algibeira do avental de seda um peito de camisa, e um livro. Passou o livro a Augusto, e disse:

— Leia, que é o EURICO.

E costurou no peito da camisa, em quanto Augusto lia com olhos lagrimosos uma pagina do livro, a ultima que elle dobrára, ali mesmo, n'aquella grade, annos antes.

Depois, Carlota ergueu-se, e disse: — até ámanhã.

Augusto estendeu os braços por entre as grades, e exclamou:

— Minha esposa!

— Do céo... — murmurou ella, e chamou quem a levasse amparada para a sua cella.

No dia seguinte, foi o moço á grade, onde Carlota o estava esperando.

Deteve-se largas horas, e saiu com um semblante luminoso de alegria. A alegria d'este mundo! A brincadeira atroz do zombeteiro demonio que tem absoluto direito sobre predestinadas creaturas!

Saiu para Lisboa n'este mesmo dia, e procurou Eduardo Pinto.

E, apoz breves instantes, sairam ambos. Egual alegria rebrilhava nos cançados olhos do velho.

Partiram n'esse dia para Evora, e levaram certidões e licenças para o casamento se fazer no templo do mosteiro.

Chegaram á entrada da cidade: e ouviram um dobre funeral.

Parecem os sinos do convento! — disse Augusto.

Avisinhavam-se, empallideciam ambos a um tempo; e olhando-se mutuamente não ousavam fallar.

Apearam-se na portaria, quando os sinos dobravam segunda vez.

Correram ao raro, a chamar a prioreza, esta mandou-os subir á grade, sem lhes dizer outra palavra.

Desafogaram-se da oppressão n'um abraço fremente de alegria o velho e o noivo.

Chegados á grade esperaram, e ouviram o rugido de vestidos.

Abriu-se a porta interior: era a prioreza.

— Minha filha?! — disse Eduardo.

— Está no céo. Pois não ouve que todas choram?

E, de feito, ouvia-se um carpir afflictivo que reboava nos dormitorios: eram as muitas desvalidas, que viviam do bem-fazer da defuncta.

E a prioreza entregou a Augusto um livro, e uma carta entre as paginas.

E a Eduardo Pinto dos Reis outra carta, e uma argolinha de ouro, que elle havia dado em solteiro a sua mãe, e a filha tirára do dedo de Catharina morta.

Na carta ao pae, dizia:

«Minha mãe, quando teve fome, nunca quiz ven-
«der esse annel, que meu pae lhe dera. Deposito
«n'elle um beijo, e restituo-lh'o, meu pae. Lem-
«bre-se d'ella e de mim Espero encontral-a no céo.
«Pediremos por meu pae ao Senhor.»

A carta de Augusto continha estas palavras que, por quasi serem inintelligiveis, deviam ter sido escriptas na derradeira hora:

«Eu só podia ser sua esposa no céo, onde a alma
«está pura das nodoas do corpo. Lá o espero, filho
«da minha alma. Em quanto viver, creio que verá
«a minha imagem sem o stygma fatal. A terra do
«sepulchro é um crizol de purificação.

«Agora lhe digo que o amei até morrer, e morri
«porque Deus não quiz que dos meus olhos se afas-
«tasse o negro quadro do meu passado. As maiores
«desgraçadas são aquellas que a si proprias não po-
«dem perdoar. Adeus, Augusto. Chore-me não pelo
«que sou, mas pelo que fui. Deus, tirando-me muito,
«deu-me o mais que podem ter mulheres como eu:
«rodeou o meu leito de infelizes, que dependiam de
«mim. Deixo-lh'as a si, Augusto. Sei que esta he-
«rança lhe dará horas de felicidade, a felicidade da
«esmola, que é um instante do perpetuo contenta-

«mento do céo. Não posso mais. O seu retrato vae
«na minha mortalha. Adeus.»

Ha dez annos que Augusto Botelho me contou a sua historia, em Lisboa.

Procurei-o, no anno seguinte, para illucidar duvidas em que ainda estou. Achei-o em posição de todo o ponto incompativel com os meus desejos Estava no cemiterio dos Prazeres, com uma pedra lisa sobre o peito, e este epitaphio sem data:

VELUT UMBRA

que quer dizer:

SIMILHANTE Á SOMBRA

FIM

OBRAS COMPLETAS

DE

J. P. OLIVEIRA MARTINS

I. Historia nacional:

HISTORIA DA CIVILISAÇÃO IBERICA, 4.ª ed. (1897), 1 vol., br. 700 rs. Enc. 900.
HISTORIA DE PORTUGAL, 6.ª ed. (1901), 2 vol., br. 1$400 rs. Enc. 1$800.
O BRAZIL E AS COLONIAS PORTUGUEZAS, 3.ª ed. (1888), 1 vol., br. 700 rs. Enc. 900.
PORTUGAL CONTEMPORANEO, 3.ª ed. (1895), 2 vol., br. 2$000 rs. Enc. 2$400.
PORTUGAL NOS MARES, (1889), 1 vol., br. 700 rs. Enc. 900.
CAMÕES, OS LUSIADAS E A RENASCENÇA EM PORTUGAL, (1891), 1 vol., br. 600 rs. Enc. 800.
NAVEGACIONES Y DESCUBRIMIENTOS DE LOS PORTUGUESES, *(ed. do Ateneo de Madrid,* 1892), 1 vol. (não entrou no commercio.)
A VIDA DE NUN'ALVARES, (1894), 1 vol., br. 2$000 rs. Cart. 2$400. Enc. (folhas doiradas) 3$200.
OS FILHOS DE D. JOÃO I, 2.ª ed., 2 vol., br. 1$400 rs. Enc. 1$800 rs.
O PRINCIPE PERFEITO, (1895) 1 vol., br. 2$000 rs. Encad., folhas doiradas, 3$200 rs.

II. Historia geral:

ELEMENTOS DE ANTHROPOLOGIA, 4.ª ed. (1895), 1 vol., br. 700 rs. Enc. 900.
AS RAÇAS HUMANAS E A CIVILISAÇÃO PRIMITIVA, 2 vol., br. 1$400 rs. Enc. 1$800 rs.
SYSTEMA DOS MYTHOS RELIGIOSOS, 2.ª ed. (1895) 1 vol., br. 800 rs. Enc. 1$000.
QUADRO DAS INSTITUIÇÕES PRIMITIVAS, 2.ª ed. (1893) 1 vol., br. 700 rs. Enc. 900.
O REGIME DAS RIQUEZAS, 2.ª ed. (1894), 1 vol., br. 600 rs. Enc. 800.
HISTORIA DA REPUBLICA ROMANA, 2.ª ed., 1897, 2 vol., br. 2$000 rs. Enc. 2$400.
O HELLENISMO E A CIVILISAÇÃO CHRISTÃ, 2.ª ed., 1 vol. br. 800 rs. Enc. 1$000 rs.
TABOAS DE CHRONOLOGIA E GEOGRAPHIA HISTORICA, (1884), 1 vol., br. 1$000 rs. Encadernado 1$200.

III. Varia:

A CIRCULAÇÃO FIDUCIARIA, 2.ª ed., 1 vol. br. 800 rs. Enc. 1$000 rs.
A REORGANISAÇÃO DO BANCO DE PORTUGAL, *opusculo,* (1877) br. 150 rs.
O ARTIGO «BANCO» no *Diccionario Universal Portuguez,* (1877), 1 vol., br. 500 rs.
POLITICA E ECONOMIA NACIONAL, (1885), 1 vol., br. 700 rs.
PROJECTO DE LEI DE FOMENTO RURAL, *apresentado á camara dos deputados na sessão de 1887,* 1 vol., br. 300 rs.
ELOGIO HISTORICO DE ANSELMO J. BRAAMCAMP, *ed. part.* (1886), 1 vol. (esgotado).
THEOPHILO BRAGA E O CANCIONEIRO, *opusculo,* (1869) esgotado.
O SOCIALISMO, (1872-3), 2 vol., br. 1$200. (Esgotado)
AS ELEIÇÕES, *opusculo,* (1878), br. 200 rs.
CARTEIRA DE UM JORNALISTA: I. *Portugal em Africa,* (1891), 1 vol., br. 400 rs.
A INGLATERRA DE HOJE, CARTAS DE UM VIAJANTE, 2.ª ed., (1894), 1 vol., br. 600 rs. Enc. 800.
CARTAS PENINSULARES, (1895), 1 vol. br. 600 rs. Enc. 800 rs.

PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA

LIVRARIA EDITORA

50, Rua Augusta, 52, 54 — LISBOA